



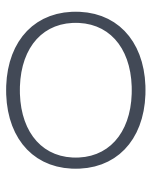
ANÁLISE SOCIOECONÔMICA DO COMÉRCIO BRASIL-CHINA

**Emprego, renda, gênero e raça nas empresas
que comercializam com a China**

Autores:
Camila Amigo
Mariana Quintanilha
Tulio Cariello

Edição:
Cláudia Trevisan

Apresentação



Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC), fiel ao compromisso de concentrar sua atuação nos temas estruturais do relacionamento sino-brasileiro e de produzir conhecimento qualificado sobre as relações de comércio e investimentos entre os dois países, tem a satisfação de apresentar o estudo **“Análise Socioeconômica do Comércio Brasil-China: Emprego, renda, gênero e raça nas empresas que comercializam com a China”**, resultado da parceria com a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC).

O estudo traz uma análise dos impactos do comércio bilateral sobre a economia e a sociedade brasileiras, contribuindo para uma agenda de cooperação mais abrangente, estratégica e alinhada aos desafios contemporâneos. O estudo oferece uma radiografia inédita do perfil das empresas brasileiras que exportam e importam da China, com recortes regionais, além de análises sobre geração de empregos, remuneração e participação de mulheres e negros nessas operações.

Os dados reunidos evidenciam a importância do comércio sino-brasileiro como vetor de dinamismo econômico, inovação e impacto social. A relação comercial com a China inclui grande número de empresas no Brasil, com efeitos expressivos na estrutura produtiva nacional, na geração de empregos e na distribuição regional das atividades vinculadas ao comércio exterior.

O estudo também lança luz sobre aspectos sociais relevantes, como a participação de grupos historicamente sub-representados no comércio internacional. As análises indicam avanços e desafios em áreas como equidade de gênero e inclusão racial no comércio sino-brasileiro.

Essas evidências reforçam a importância do intercâmbio com a China não apenas como motor de superávits comerciais, mas também como instrumento de transformação produtiva, geração de empregos, inclusão social e redução das desigualdades no Brasil.

O CEBC agradece a parceria com a Secretaria de Comércio Exterior do MDIC, sem a qual não seria possível a elaboração da pesquisa. Esperamos que este estudo inspire reflexões, políticas públicas e decisões empresariais que contribuam para um futuro mais próspero, justo, inclusivo e sustentável na relação entre Brasil e China.

Luiz Augusto de Castro Neves

Presidente do CEBC

Mensagem do MDIC

É com grande satisfação que apresento o estudo **“Análise Socioeconômica do Comércio Brasil-China”**, fruto de uma parceria entre a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Secex - MDIC) e o Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC).

Em 2024, celebraram-se os 50 anos do estabelecimento das relações diplomáticas entre Brasil e China. Nesse contexto simbólico, surgiu a iniciativa conjunta da Secex e do CEBC de reunir expertises institucionais para produzir um estudo que aprofundasse as análises habitualmente realizadas sobre o comércio bilateral, incorporasse novas dimensões às discussões e contribuísse com reflexões sobre os caminhos futuros dessa relação.

Ao longo das últimas décadas, a China consolidou-se como o principal parceiro comercial do Brasil. Em 2024, respondeu por mais de um quarto das exportações brasileiras e foi a principal origem das importações nacionais. Com o objetivo de qualificar o entendimento sobre essa relação estratégica, o estudo traz uma abordagem inédita, que relaciona o comércio bilateral a certos aspectos econômicos, sociais, regionais e distributivos.

Para além dos padrões consolidados na pauta comercial entre os dois países, o estudo identifica transformações relevantes. Nos últimos 16 anos¹, o número de empresas brasileiras exportadoras para a China cresceu, em média, 5% ao ano — ritmo superior ao observado nas exportações totais brasileiras no mesmo período, de 2,8%. Entre micro e pequenas empresas, esse crescimento foi ainda mais expressivo: desde 2014, o número de MPEs que exportam para a China aumentou, em média, 15% ao ano, em comparação a um crescimento médio de 11% no total de MPEs exportadoras do país. Também se observa significativa diversificação da pauta: de 673 produtos (com base na Nomenclatura Comum do Mercosul - NCM) em 1997², passou-se a 2.589 produtos exportados para a China em 2024.

Ou seja, nas exportações, apesar da concentração já conhecida — tanto em termos de produtos quanto de empresas —, uma análise desagregada revela um movimento promissor, embora ainda pouco visível: o crescimento do número de empresas exportadoras, especialmente de menor porte, e a ampliação do leque de produtos exportados ao mercado chinês. Trata-se de uma dinâmica relevante, com potencial transformador para empresas, comunidades e setores envolvidos, ainda que, no curto e médio prazos, seus efeitos não se reflitam em mudanças substanciais no perfil agregado das exportações brasileiras.

1. O dado de empresas por porte passou a ser disponibilizado em 2008.

2. Início da série estatística no formato atual.

A relação comercial com a China, embora estratégica, também impõe desafios. Em 2024, a China foi o principal destino das exportações de 14 estados brasileiros e o segundo maior de outras quatro unidades da Federação. Ao mesmo tempo em que contribui de forma expressiva para o superávit da balança comercial brasileira, a presença crescente de bens chineses no mercado doméstico, inclusive de bens de consumo, tem gerado pressão competitiva relevante sobre segmentos da indústria nacional.

Paralelamente, insumos e bens de capital provenientes da China tornaram-se cada vez mais centrais para a indústria brasileira. Essa tendência, por um lado, evidencia a importância das importações chinesas para a própria competitividade da produção industrial do país. Por outro, amplia os desafios enfrentados pela indústria de bens intermediários e de equipamentos, revelando a complexidade que marca essa relação bilateral.

O estudo reafirma a importância de ampliar a base exportadora brasileira e diversificar a pauta de exportações para a China — constatação recorrente, mas ainda assim válida. Vai além, no entanto, ao apontar a necessidade de incorporar de forma mais sistemática objetivos de inclusão social à política comercial brasileira, com vistas a ampliar os benefícios do relacionamento bilateral.

Diante desse panorama, o estudo identifica oportunidades para o aprofundamento da parceria Brasil-China em uma agenda ambiciosa, com foco em investimentos produtivos, infraestrutura, inovação, sustentabilidade e novas frentes comerciais. As evidências reunidas visam fortalecer o diálogo com o setor privado, subsidiar a formulação de políticas públicas e contribuir para uma estratégia de inserção internacional mais diversificada, resiliente e inclusiva.

Agradeço ao CEBC e às equipes técnicas envolvidas pela sólida parceria na realização deste trabalho. Que esta publicação contribua para o contínuo aperfeiçoamento da política de comércio exterior do Brasil e para o fortalecimento de uma relação com a China cada vez mais estratégica e mutuamente benéfica.

Boa leitura.

Tatiana Prazeres

Secretária de Comércio Exterior

Sobre a publicação

Fruto de uma parceria entre o Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC) e a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), esta publicação tem como objetivo oferecer uma análise inédita dos impactos socioeconômicos do comércio entre Brasil e China, com foco não apenas nos volumes transacionados, mas também nos efeitos sobre a sociedade brasileira.

O estudo traça um panorama abrangente das relações comerciais bilaterais ao longo das últimas duas décadas e avança para uma leitura detalhada do perfil das empresas brasileiras que atuam nesse fluxo. A análise contempla ainda a distribuição regional do comércio entre Brasil e China, evidenciando como diferentes estados se inserem nessa dinâmica.

Além dos valores e volumes do comércio bilateral, a publicação examina os desdobramentos sociais dessas trocas, incluindo os empregos gerados pelas empresas envolvidas nas operações de exportação e importação, os níveis de remuneração dos colaboradores e os recortes de gênero e raça na inserção da força de trabalho brasileira nesse contexto. Com isso, busca-se contribuir para um debate mais qualificado sobre o papel do comércio internacional no desenvolvimento inclusivo e sustentável do país.

Agradecimentos

Os autores agradecem a parceria, revisão e valiosas contribuições de Herlon Alves Brandão, Diego Afonso de Castro e Pedro Antero Braga Cordeiro, do Departamento de Estatísticas e Estudos de Comércio Exterior da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), fundamentais para a elaboração deste estudo e o fornecimento dos dados que embasam as análises apresentadas.

Agradecem também a revisão e edição de Cláudia Trevisan.

Expediente

Autores

Camila Amigo

Analista Internacional do CEBC

Mariana Quintanilha

Assistente de Conteúdo e Pesquisa do CEBC

Tulio Cariello

Diretor de Conteúdo e Pesquisa do CEBC

Edição

Cláudia Trevisan

Diretora Executiva do CEBC

ANÁLISE SOCIOECONÔMICA DO COMÉRCIO BRASIL-CHINA

**Emprego, renda, gênero e raça nas empresas
que comercializam com a China**



Fundado em 2004, o Conselho Empresarial Brasil-China é uma instituição bilateral sem fins lucrativos formada por duas seções independentes, uma no Brasil e outra na China, e dedicada à promoção do diálogo entre empresas dos dois países. O CEBC concentra sua atuação nos temas estruturais do relacionamento sino-brasileiro, com o objetivo de aperfeiçoar o ambiente de comércio e investimento entre os países.

As seções do CEBC têm autonomia completa e pautam sua atuação de acordo com os interesses de seus associados, mantendo intensa cooperação para o fomento do comércio e de investimentos mútuos. A seção chinesa, sediada em Pequim, tem suas atividades coordenadas e supervisionadas pelo Ministério do Comércio da China (MOFCOM) e integra a estrutura do Conselho para Promoção de Investimento Internacional da China (CCIIP).

O CEBC foi reconhecido oficialmente no Plano de Ação Conjunta assinado por Brasil e China em 2015 como o principal interlocutor dos governos na promoção das relações empresariais entre os dois países. Em 2019, no âmbito da Quinta Reunião Plenária da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (COSBAN), presidida pelos Vice-Presidentes do Brasil e da China, as partes ressaltaram novamente o papel relevante desempenhado pelo CEBC como canal de comunicação com a comunidade empresarial.

SEÇÃO BRASILEIRA DO CIBC

PRESIDENTE

Embaixador Luiz Augusto de Castro Neves

DIRETORES

Juliano Marcatto

Banco do Brasil

Demetrius Cruz

Bayer

Bruno Koltai Reis

BNDES

José Leandro Borges

Bradesco

Bruno Ferla

BRF

Sueme Mori Andrade

CNA

Roberto Amadeu Milani

Comexport

José Serrador Neto

Embraer

Luciana Nicola

Itaú Unibanco

Marcela Rocha

JBS

Francisco Augusto Vervloet

Petrobras

Eduardo Kantz

Prumo Logística

Pablo Machado

Suzano

Luciana Brum

Vale

Marcos Ludwig

Veirano Advogados

DIRETORA DE ECONOMIA

Fabiana D'Atri

Bradesco Asset

COMITÊ CONSULTIVO

Embaixador Marcos Caramuru de Paiva

Embaixador Marcos Galvão

Embaixadora Tatiana Rosito

Ivan Ramalho

Jorge Arbache

Larissa Wachholz

Luiz Fernando Furlan

Marcos Jank

Octavio de Barros

Reinaldo Ma

Renato Baumann

Roberto Fendt

Tatiana Prazeres

Embaixador Sergio Amaral (In Memoriam)

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretora Executiva

Cláudia Trevisan

claudia.trevisan@cebc.org.br

Diretor de Conteúdo e Pesquisa

Tulio Cariello

tulio.cariello@cebc.org.br

Coordenadora de Eventos

Denise Dewing

denise.dewing@cebc.org.br

Analista Internacional

Camila Amigo

camila.amigo@cebc.org.br

Assistente de Conteúdo e Pesquisa

Mariana Quintanilha

mariana.quintanilha@cebc.org.br

Gerente Financeiro

Jordana Gonçalves

jordana.goncalves@cebc.org.br

Assistente Administrativo

Juliana Alves

juliana.alves@cebc.org.br

ACOMPANHE O CIBC ONLINE:



SITE



LINKEDIN



X



YOUTUBE



INSTAGRAM



THREADS

Índice

11

**Sumário
Executivo**

1. Pano de fundo: o crescimento exponencial do comércio Brasil-China	17
2. Empresas exportadoras e importadoras no comércio Brasil-China	29
3. Arquitetura regional do comércio Brasil-China	37
4. Geração de emprego no comércio Brasil-China	51
5. Participação feminina no comércio Brasil-China	59
6. Participação racial no comércio Brasil-China	77
7. Conclusões	90

94

Descrição dos dados

98

**Referências
Bibliográficas**

Sumário Executivo

Pano de fundo: o crescimento exponencial do comércio Brasil-China

- A China é o principal parceiro comercial do Brasil, tanto do ponto de vista das exportações quanto das importações. Em 2024, o país asiático foi destino de 28% das vendas externas brasileiras e origem de 24% das aquisições, consolidando-se como um ator central no comércio exterior nacional.
- A participação da China nas exportações brasileiras cresceu 26 pontos percentuais entre 2000 e 2024, chegando a 28% no último ano. No mesmo período, caíram as participações dos Estados Unidos (de 24% para 12%), da União Europeia (de 25% para 14%) do Mercosul (de 14% para 6%) e dos demais países da América do Sul (de 6% para 5%).
- Apesar do crescimento acelerado, a pauta de exportações para a China permanece altamente concentrada em *commodities*, sobretudo soja, minério de ferro e petróleo. Em 2024, 80% das vendas foram compostas por produtos da indústria extrativa e da agricultura, revelando baixa diversificação setorial.
- Importante assinalar que a China exerce papel estratégico como catalisador da inovação no Brasil. A demanda chinesa impulsionou investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento no agronegócio e na indústria extrativa, resultando em avanços tecnológicos genuinamente brasileiros, como a “tropicalização” da soja, o desenvolvimento do briquete de minério de ferro pela Vale e a exploração de petróleo em águas profundas liderada pela Petrobras – iniciativas que aumentam a produtividade e contribuem para adoção de práticas sustentáveis, a redução dos impactos ambientais e a transição energética.
- A participação da China nas importações brasileiras aumentou 22 pontos percentuais entre 2000 e 2024, chegando a 24% no último ano. No mesmo período, caíram as participações dos Estados Unidos (de 23% para 15%), da União Europeia (de 23% para 18%) e do Mercosul (de 16% para 7%), enquanto a fatia dos demais países da América do Sul se manteve entre 4% e 6%.
- O perfil das importações com origem na China é altamente diversificado e composto quase integralmente por produtos da indústria de transformação, incluindo eletrônicos, máquinas, automóveis, químicos, têxteis e diversos insumos industriais.

- Em 2024, com base no código NCM, o Brasil exportou 2.589 categorias de produtos para a China — quase o quádruplo do número registrado em 1997. Do lado das importações, o número de categorias de produtos mais que dobrou no mesmo período, alcançando 6.914. Esses avanços indicam uma progressiva diversificação da pauta comercial entre Brasil e China, fenômeno que também tem ampliado o número de empresas brasileiras envolvidas no comércio bilateral.
- O comércio com a China tem gerado superávits expressivos para o Brasil. Nos últimos dez anos, o gigante asiático foi responsável por um saldo acumulado de US\$ 276 bilhões, o equivalente a 51% do superávit total do país com o mundo no período. Na mão contrária, o comércio com os Estados Unidos e a União Europeia acumulou déficit de US\$ 224 bilhões para o Brasil. O superávit com a China ao longo desses anos foi essencial para reduzir a vulnerabilidade externa e elevar as reservas internacionais do Brasil.

Empresas exportadoras e importadoras no comércio Brasil-China

- Desde o ano 2000 há mais empresas nacionais importando da China do que vendendo para o país asiático, tendência que tem se aprofundado desde então. Até 2024, o número de empresas exportadoras teve média de crescimento anual de 6,7%, enquanto o de importadoras se expandiu a uma taxa média de 10,9%.
- Em 2024, 2.993 empresas brasileiras exportaram para a China, quantitativo significativamente menor que o de firmas que venderam para outros parceiros comerciais relevantes. Naquele ano, 11.718 empresas exportaram para o Mercosul, seguidas pelas que venderam para os Estados Unidos (9.554), a União Europeia (8.590) e os outros países da América do Sul (9.959), o que coloca a China em último lugar entre esses destinos.
- A participação relativamente baixa de empresas exportadoras na relação com a China é explicada pela forte concentração da pauta em poucos produtos e pelo predomínio de grandes empresas que atuam diretamente nas exportações para o país asiático – quadro evidente em setores como soja, minério de ferro e petróleo.
- O cenário se inverte nas importações. Em 2024, havia 40.059 empresas brasileiras comprando da China – quase 10 vezes mais do que as que importaram do Mercosul, o triplo dos Estados Unidos, o dobro da União Europeia e 14 vezes mais do que as empresas que importaram dos outros países da América do Sul, colocando o gigante asiático na liderança isolada.
- O protagonismo da China como origem das compras das empresas importadoras nacionais resulta da diversificação e da segmentação das importações vindas do país, que permitiram a inclusão de empresas de todos os portes, desde grandes indústrias até pequenos varejistas.

- A relação comercial entre Brasil e China tem se tornado progressivamente mais diversificada em termos de perfil empresarial, com ampliação da participação de micro, pequenas e médias empresas.
- Entre 2008 e 2024, o número de microempresas exportadoras aumentou 277%, alcançando 313 empresas. No mesmo período, o número de microempresas que importam do país asiático cresceu quase 6 vezes, chegando a 10.974.
- Em 2024, 350 pequenas empresas brasileiras exportaram para o país asiático, um aumento de 85,2% em relação a 2008. Do lado das importações, o número de empresas cresceu quase 3,5 vezes no mesmo período, chegando a 9.692.
- As médias e grandes empresas seguem como as protagonistas do comércio sino-brasileiro. O total de exportadoras desse grupo alcançou 2.330 em 2024, um crescimento de 65,8% frente a 2008. Do lado das importações, o número de empresas dobrou no mesmo período, somando 19.393 em 2024.

Arquitetura regional do comércio Brasil-China

- O Sudeste e o Sul concentraram 63,8% das empresas brasileiras que exportaram para a China em 2024, reflexo da presença de polos industriais, cadeias agroindustriais e centros logísticos consolidados. Apenas o Sudeste respondeu por 1.791 empresas, e o Sul, por 822.
- O Centro-Oeste se destacou pelo valor exportado (US\$ 16,14 bilhões), mas sua base exportadora é restrita a 190 empresas, evidenciando forte concentração em grandes grupos agroindustriais e baixa capilaridade empresarial.
- Norte e Nordeste mantiveram participação modesta e estável nas exportações para a China. Juntas, as duas regiões somaram pouco mais de US\$ 19,2 bilhões em vendas em 2024 (US\$ 13,36 bi do Norte e US\$ 5,85 bi do Nordeste), com menos de 600 empresas envolvidas (289 no Norte e 301 no Nordeste).
- O número de exportadoras brasileiras para a China cresceu em todas as regiões desde 2000, com destaque proporcional para o Nordeste (crescimento de 10 vezes), embora a China ainda fique atrás de parceiros como Mercosul, EUA e UE em número de número de empresas na região.
- A China consolidou-se como destino-chave nas exportações do agronegócio brasileiro, mas a diversificação setorial e regional segue limitada, o que reforça a necessidade de políticas de inclusão de novos segmentos e superação de entraves logísticos.
- Entre 2000 e 2024, todos os estados brasileiros mantiveram relações comerciais com a China, mas a posição do país no *ranking* de principais compradores das empresas exportadoras variou bastante entre as regiões. No Centro-Oeste, a China ocupou de forma consistente as três primeiras posições ao longo da série histórica. No Norte, manteve-se na 2ª colocação na maior parte do período desde 2002. No Nordeste, avançou da 17ª posição em 2006 para a 2ª em 2024. No Sudeste e Sul, figura em 10º

e 11º lugar, respectivamente, reflexo da forte concorrência com destinos como EUA, Argentina e Europa.

- Desde 2008, a China lidera o *ranking* de número de empresas importadoras em todas as regiões do Brasil, resultado de sua escala produtiva e competitividade de preços, com substituição de fornecedores tradicionais e forte presença nas cadeias de suprimento nacionais. O Sudeste protagonizou a transformação estrutural nas importações: em 2024, mais de 25 mil empresas da região compraram da China, movimento apoiado por infraestrutura eficiente (Porto de Santos, Viracopos, Guarulhos) e demanda industrial.
- O Sul e o Centro-Oeste também reforçaram sua dependência da China como fornecedora de insumos industriais e agrícolas. No Centro-Oeste, o número de empresas importadoras cresceu 33 vezes desde 2000.
- A crescente dependência brasileira de insumos chineses impõe desafios estratégicos. A diversificação de fornecedores e o fortalecimento das cadeias produtivas nacionais tornam-se cruciais para mitigar riscos externos e ampliar a autonomia produtiva do país.

Geração de emprego no comércio Brasil-China

- As importações originárias da China estão relacionadas a mais empregos no Brasil do que as exportações para o país asiático. Em 2022, cerca de 5,2 milhões de postos de trabalho foram identificados em empresas cuja atividade incluiu importações originárias da China, mais que o dobro do número de empregos associados a empresas exportadoras para aquele mercado, estimados em 2,2 milhões.
- O número de empregos associados às exportações para a China é inferior ao gerado pelos outros principais parceiros comerciais do Brasil, mas o país asiático liderou o crescimento relativo de postos de trabalho entre 2008 e 2022, em 62%.
- A China ocupa a liderança no número de empregos associados às importações brasileiras. Entre 2008 e 2022, foi também o país que registrou o maior crescimento absoluto no número de postos de trabalho vinculados às importações, com avanço de 55,4%.
- A remuneração média dos empregos associados às exportações para a China alcançou R\$ 4.916,73 em 2022, valor superior ao dos postos ligados às importações com origem no país, cuja média foi de R\$ 4.430,44.
- Os empregos associados às exportações para a China têm a terceira maior remuneração entre os principais parceiros comerciais do Brasil, atrás apenas dos Estados Unidos e da União Europeia. Mas os postos de trabalho relacionados às exportações para o país asiático registraram o menor crescimento salarial entre 2008 e 2022 (116,6%).
- A remuneração dos empregos relacionados às importações com origem na China (R\$ 4.430,44) supera apenas os ligados às compras do Mercosul (R\$ 4.318,92), ficando abaixo da média da América do Sul (R\$ 4.463,40), da União Europeia (R\$ 4.480,07) e dos Estados Unidos (R\$ 5.041,18) em 2022.

Participação feminina no comércio Brasil-China

- A participação feminina nos empregos relacionados ao comércio com a China é mais expressiva nas importações (1,9 milhão de mulheres empregadas em 2022) do que nas exportações (607.923 mulheres empregadas no mesmo ano).
- Entre os principais parceiros comerciais do Brasil, a China apresenta a menor proporção de mulheres em postos ligados às exportações, mas lidera na participação feminina no campo das importações.
- A participação de mulheres no total de empregados do comércio exterior brasileiro com a China ainda é baixa. Em 2022, a presença de mulheres no total de empregados das firmas brasileiras que exportam para a China foi de 29%, enquanto nas importadoras a participação atingiu 34,4%.
- Ainda é limitada a proporção de empresas brasileiras que comercializam com a China e possuem mais da metade de seus quadros compostos por mulheres. Em 2022, apenas 16,5% das exportadoras e 27,3% das importadoras apresentavam maioria feminina entre seus funcionários.
- Essa baixa representatividade se repete entre todos os parceiros do Brasil. No universo exportador, a China tem o menor percentual de empresas com predominância feminina; nas importações, lidera esse indicador.
- A remuneração média das mulheres nas empresas exportadoras para a China foi de R\$ 3.854,31 em 2022, acima dos R\$ 3.522,74 recebidos por aquelas que atuam nas importações com origem no país asiático.
- Apesar dos avanços na participação e na remuneração das mulheres no comércio sino-brasileiro, a desigualdade salarial de gênero ainda persiste. Em 2022, as trabalhadoras de empresas brasileiras que comercializavam com a China recebiam cerca de 30% a menos que os homens.
- No que se refere às exportações, as empresas que vendem para a China registraram o menor progresso na equiparação salarial entre mulheres e homens entre todos os parceiros comerciais, um aumento de apenas 8,8 pontos percentuais. Por outro lado, no campo das importações, as empresas brasileiras que compram do país asiático apresentaram o maior avanço relativo, com um crescimento de 8,6 pontos percentuais.
- As empresas brasileiras que comercializam com a China oferecem o terceiro maior salário médio para mulheres entre os principais parceiros comerciais, atrás apenas dos Estados Unidos e da União Europeia.
- A presença feminina na estrutura societária das empresas que comercializam com a China é reduzida. Em 2024, apenas 15,4% dos sócios das exportadoras eram mulheres, índice que sobe para 21,2% entre as importadoras.

- Essa baixa participação de mulheres entre os sócios é uma realidade recorrente no comércio exterior brasileiro. A China lidera entre os parceiros no campo das importações, mas apresenta o menor percentual de presença feminina na estrutura societária das empresas exportadoras.

Participação racial no comércio Brasil-China

- A participação de negros nos empregos relacionados ao comércio com a China é mais expressiva nas importações do que nas exportações.
- Em 2022, a presença de negros no total de empregados das empresas brasileiras que exportam para a China foi de 43,9%, enquanto nas importadoras a participação atingiu 44,7% – índices próximos da média nacional para o comércio exterior brasileiro.
- A China tem a maior participação de negros no total de funcionários das empresas exportadoras entre os principais parceiros comerciais do Brasil; mas no campo das importações, supera apenas o Mercosul.
- A remuneração média de negros nas empresas exportadoras para a China foi de R\$ 3.539,28 em 2022, acima dos R\$ 3.274,13 recebidos por aqueles que atuam nas importações com origem no país asiático.
- Apesar do avanço na participação e na remuneração de negros no comércio sino-brasileiro, a desigualdade salarial racial entre brancos e negros ainda é uma realidade. Em 2022, profissionais negros de empresas brasileiras que comercializavam com a China recebiam, em média, 40% a menos que os seus colegas brancos.
- No entanto, essa disparidade não é exclusiva das relações com a China. Ainda assim, entre todos os parceiros comerciais do Brasil, as empresas que exportam para o país asiático apresentaram o maior avanço relativo na equiparação salarial entre negros e brancos, com um aumento de 2,1 pontos percentuais. No caso das importações, a China foi o único parceiro a registrar progresso nessa área, com crescimento de 1,1 ponto percentual.
- As empresas brasileiras que comercializam com a China oferecem o terceiro maior salário médio para os negros entre os principais parceiros comerciais, atrás apenas dos Estados Unidos e da União Europeia.

1

Pano de fundo: o crescimento exponencial do comércio Brasil-China

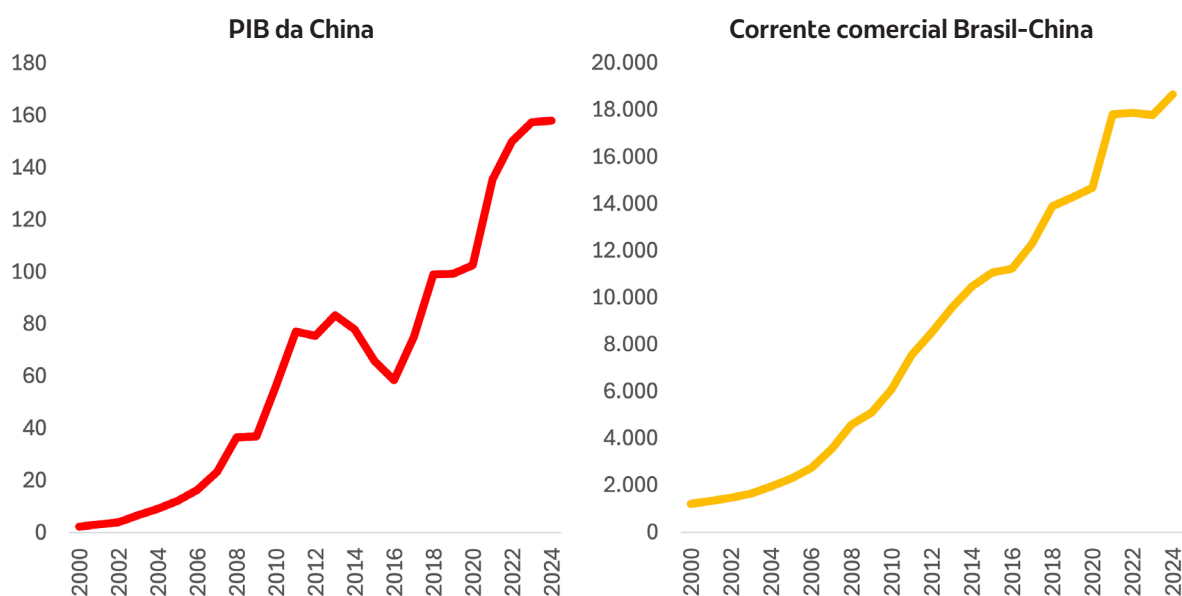
O rápido crescimento da economia chinesa nas últimas quatro décadas transformou profundamente a dinâmica do comércio internacional. A urbanização acelerada e o ímpeto industrial do gigante asiático demandaram quantidades sem precedentes de recursos vindos de todo o mundo para sustentar a expansão produtiva, as obras de infraestrutura e a ascensão da classe média do país, inaugurando uma fase de grande complementaridade entre o Brasil e a China. A partir dos anos 2000, o produto interno bruto chinês e a corrente de comércio bilateral seguiram trajetórias semelhantes, frequentemente com saltos de dois dígitos ao ano.



Commodities como minério de ferro e petróleo saíram dos portos brasileiros em direção à China em volumes cada vez maiores e o país asiático passou a demandar quantidades crescentes de produtos agrícolas, especialmente soja e celulose, abrindo espaço também para a ampliação dos embarques de carnes. Ao mesmo tempo, do lado brasileiro, a relativa estabilidade macroeconômica, o foco dos governos em ganhos sociais e a expansão do consumo interno impulsionaram a importação de ampla variedade de manufaturas chinesas.

GRÁFICO 1

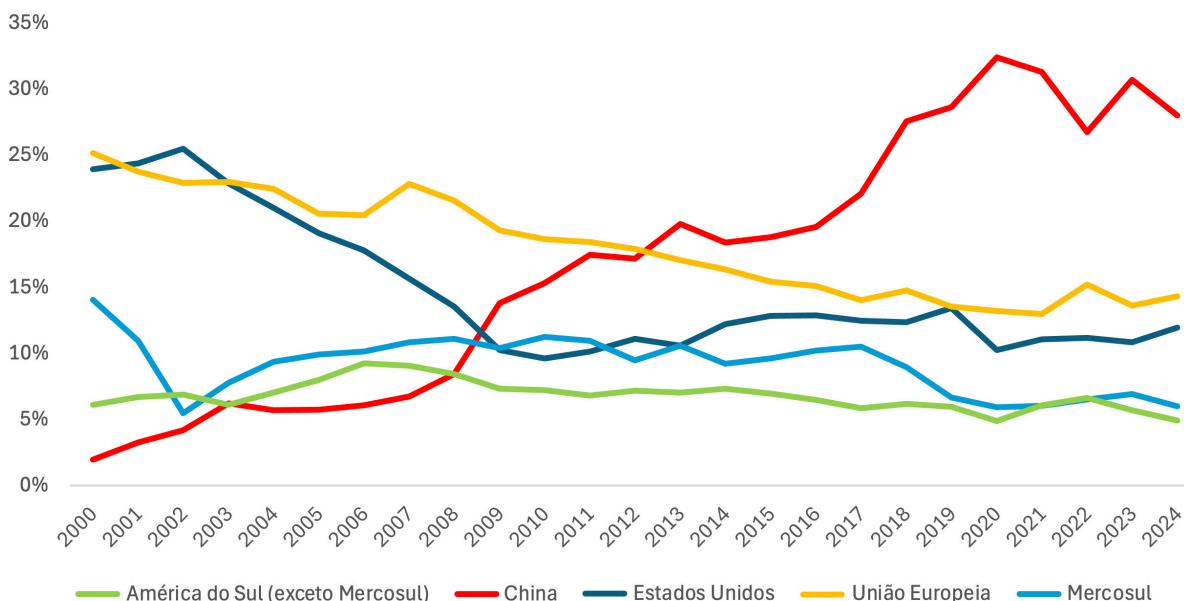
Evolução do PIB da China e da corrente comercial sino-brasileira (US\$ bilhões)



Fonte: Banco Mundial e SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC

Aumentos exponenciais nas exportações para a China

Desde o início dos anos 2000, o país asiático tem aumentado sua participação como destino das exportações brasileiras de forma praticamente ininterrupta. A tradicional dependência brasileira de parceiros Ocidentais foi substituída por uma realidade inédita, com a transição do centro de gravidade do comércio exterior brasileiro para um país asiático que não figurava como um parceiro relevante no início deste século. O marco dessa trajetória foi 2009, quando a China ultrapassou os Estados Unidos e a Argentina e se tornou o principal país de destino das exportações brasileiras. Considerando também blocos econômicos, a China superou a União Europeia em 2013.

GRÁFICO 2
Evolução da participação dos principais parceiros comerciais do Brasil nas exportações nacionais


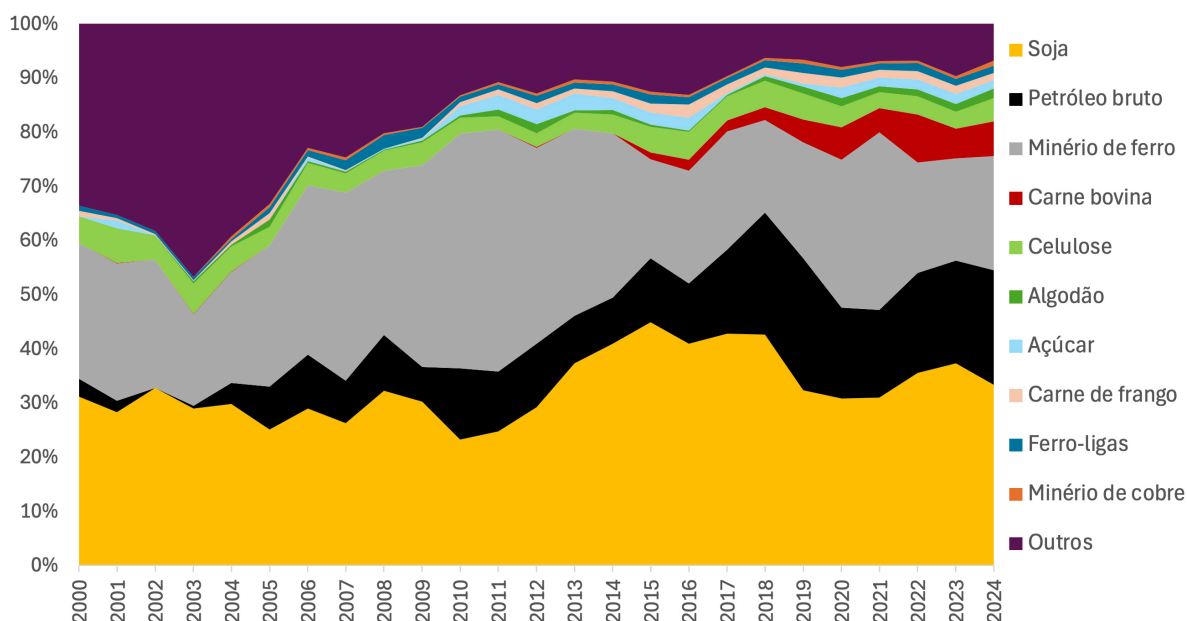
Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEEC

Na última década e meia, as exportações nacionais para a China cresceram em média 23% ao ano – o único parceiro entre os principais destinos de exportações do Brasil com crescimento de dois dígitos –, fazendo com que o país, que absorvia apenas 2% das exportações do Brasil no ano 2000, chegasse a 2024 com participação de 28%, somando vendas que alcançaram US\$ 94,4 bilhões. No mesmo período, a fatia dos Estados Unidos caiu de 24% para 12%, enquanto o Mercosul, que chegou a absorver 14% dos embarques brasileiros há pouco mais de duas décadas, fechou 2024 com participação de 6%. A União Europeia viu sua fatia cair de 25% para 14% no mesmo período, enquanto a contribuição da América do Sul¹ diminuiu de 6% para 5%.

Apesar do aumento constante, as exportações do Brasil para a China seguem muito dependentes de poucos bens da indústria extrativa e da agricultura, que responderam por 80% das vendas para o país asiático em 2024. Os 20% restantes foram preenchidos por produtos da indústria de transformação de origem agrícola, sobretudo celulose e carnes, que conquistaram maior espaço a partir de meados dos anos 2010. Esse cenário praticamente não mudou desde o início deste século, com soja, minério de ferro e petróleo dominando os embarques para a China em todos os anos.

1. Todos os dados sobre “América do Sul” nesta publicação excluem os países do Mercosul, que são tratados de forma separada.

Evolução da participação dos principais produtos exportados do Brasil para a China (% do valor total exportado)

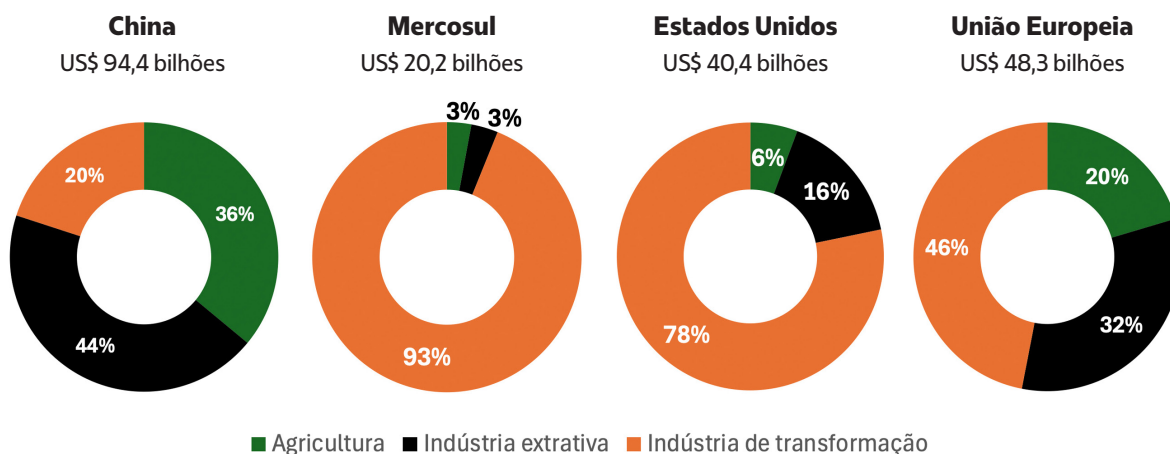


Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC | Nota: produtos da posição SH4 do Sistema Harmonizado

Há considerável diferença entre o perfil do comércio do Brasil com a China e com outros parceiros. As exportações para o Mercosul e os Estados Unidos têm participação majoritária da indústria de transformação, que representou, respectivamente, 93% e 78% dos embarques em 2024. Além disso, as vendas do setor são mais diversificadas e incluem manufaturados de maior valor agregado e complexidade tecnológica, como carros, aeronaves, maquinário e insumos para a indústria, incluindo partes e peças para o setor automotivo.

As exportações para a União Europeia também são majoritariamente formadas por produtos da indústria de transformação – ainda que a maioria venha da agroindústria, como farelo de soja, celulose e suco de frutas. O setor extrativo também tem participação relevante, sobretudo por conta das vendas de petróleo, enquanto os embarques do setor agrícola são dominados por café não torrado e soja.

Exportações do Brasil por atividade econômica em 2024 – parceiros selecionados



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC

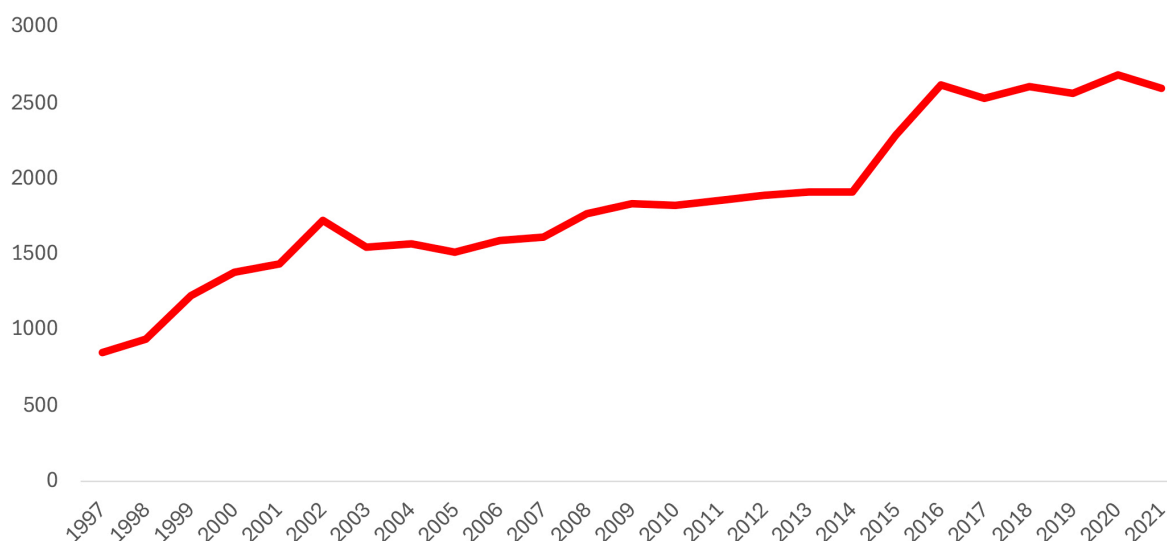
Contudo, mesmo que a pauta de exportações para a China siga concentrada em um número reduzido de *commodities*, é evidente que nas últimas décadas houve considerável aumento na variedade de artigos vendidos ao país asiático. Se em 1997 o Brasil exportava 673 categorias de produtos para a China, de acordo com o código NCM,² esse número praticamente quadruplicou em 2024, chegando a 2.589 categorias.

Ainda que com percentuais mais discretos, também aumentaram os números de categorias exportadas para os Estados Unidos (68%), a União Europeia (68%) e o Mercosul (14%). Por outro lado, em termo absolutos, o número de categorias embarcadas para esses parceiros em 2024 é consideravelmente maior do que para a China, chegando a 5.035 para os EUA, 5.448 para o bloco europeu e 6.064 para o Mercado Comum do Sul.

Esse salto na variedade de produtos vendidos para a China indica uma progressiva diversificação da pauta exportadora, mostrando que, embora as *commodities* agrícolas, minerais e energéticas ainda liderem em valor, o Brasil tem conseguido inserir uma gama mais ampla de bens no mercado chinês, incluindo produtos manufaturados, semimanufaturados e de maior valor agregado. O crescimento contínuo nas vendas de carnes, celulose em diferentes etapas de beneficiamento, café – e até mesmo algumas manufaturas industriais – ilustra esse processo de diversificação, que também tem ampliado o número de empresas brasileiras envolvidas nas exportações para a China.

2. Categorias de produtos com base na Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), código usado para classificar mercadorias no comércio exterior entre os países do Mercosul, com base no Sistema Harmonizado internacional.

Evolução do número de categorias de produtos exportados do Brasil para a China (NCM)



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC

A China como vetor de inovação nas exportações de *commodities* do Brasil

Apesar de serem classificadas como *commodities*, a soja, o minério de ferro e o petróleo exportados do Brasil para a China incorporam avanços tecnológicos significativos. De maneira geral, o extrativismo e a agricultura não apenas têm sustentado o crescimento da economia brasileira, como também impulsionam uma ampla rede de serviços conectados a esses setores. Em 2023, a indústria extrativa cresceu 8,7%, impulsionada pelo aumento da produção de petróleo, gás natural e minério de ferro. Simultaneamente, o setor agrícola avançou 15,1%, com destaque para o crescimento da produção e da produtividade, sobretudo nas culturas de soja e milho – duas das mais relevantes do país (IBGE, 2024).

Quando considerada toda a cadeia produtiva, incluindo insumos, produção agropecuária, agroindústria e agrosserviços, o agronegócio foi responsável por 23,8% do PIB brasileiro em 2023 (CEPEA, CNA, 2023). Essa relevância se deve a diversos fatores. Embora o Brasil seja favorecido por abundantes recursos naturais – como terras férteis, água e luz solar durante todo o ano –, o verdadeiro salto nas últimas cinco décadas resultou dos investimentos em pesquisa agropecuária, que impulsionaram o avanço da ciência, da tecnologia e da inovação no campo (Embrapa, 2018).

O agronegócio intensivo em conhecimento estruturou-se no Brasil com a criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) em 1973, passo fundamental que possibilitou ao país sair da condição de importador de alimentos na década de 1960 para um dos principais produtores e exportadores do mundo. Desde então, diversas inovações tecnoló-

gicas possibilitaram ganhos expressivos de produtividade, como a conversão do solo ácido do Cerrado em terras aráveis, a fixação biológica de nitrogênio no solo e o uso intensivo do plantio direto – prática que contribui para a preservação ambiental e o aumento da fertilidade da terra (Vieira Filho, 2016). Nesse contexto, um dos exemplos mais bem sucedidos é o processo de “tropicalização” da soja, que por meio de pesquisas genuinamente brasileiras viabilizou o desenvolvimento de variedades adaptadas às condições tropicais com baixas latitudes, possibilitando o cultivo da oleaginosa em todo o território nacional (Embrapa, 2023).

Além disso, as *startups* do agronegócio – as chamadas *agtechs* – vêm promovendo uma verdadeira revolução no setor. Segundo o Radar Agtech Brasil, em 2024 o país contava com 1.972 empresas do tipo, um crescimento de 75% em relação a 2019, o que demonstra a rápida expansão desse ecossistema. O levantamento também identificou 451 *hubs*, incubadoras, parques tecnológicos e aceleradoras que fomentam a inovação no agro, além de fundos de *venture capital* e *corporate ventures* que permitem a escalabilidade dessas *startups* (Embrapa, SP Ventures e Homo Ludens, 2025).

Essas iniciativas desenvolvidas pela Embrapa e pelo setor privado são exemplos que mostram o impacto transformador da pesquisa e da inovação tecnológica no agronegócio brasileiro, contribuindo para a eficiência e a competitividade do setor por meio da digitalização do campo, de tecnologias para gestão da propriedade rural, do sensoriamento remoto e da automação agrícola, bem como para a sustentabilidade e o combate a mudanças climáticas com o uso de bioinsumos, rastreabilidade e práticas agrícolas regenerativas.

A indústria extrativa brasileira também conquistou reconhecimento internacional graças ao desenvolvimento tecnológico em setores como petróleo e mineração – ambos entre os líderes nas exportações brasileiras e dotados de cadeias produtivas altamente sofisticadas. A exploração, o beneficiamento e a logística desses recursos demandam o uso intensivo de tecnologias avançadas, incluindo sensores inteligentes, automação, *softwares* de modelagem geológica e Inteligência Artificial.

Segundo estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e do Ministério de Minas e Energia (MME), nas últimas duas décadas a cadeia produtiva da economia mineral – que abrange extração e beneficiamento de minérios – representou entre 2,5% e 4% do PIB nacional (Leão, Rabelo, 2023). Nesse contexto, o Brasil figura entre os maiores produtores e exportadores mundiais de minério de ferro, com destaque para a atuação da Vale, cujos investimentos em pesquisa e sustentabilidade aumentaram a produtividade e a segurança operacional, reduzindo, ao mesmo tempo, os impactos ambientais do extrativismo.

Entre as inovações da Vale, destaca-se o briquete de minério de ferro, cujo diferencial é a menor emissão de gás carbônico quando comparado a processos tradicionais de aglomeração. Essa iniciativa é resultado de 20 anos de pesquisa e desenvolvimento genuinamente brasileiros, possibilitando um produto que elimina a sinterização, processo intensivo em carbono, reduzindo em até 10% as emissões, o que contribui para que, na outra ponta da cadeia produtiva, a indústria siderúrgica também seja mais sustentável (Vale, 2024).

Assim como o agronegócio e a mineração, a cadeia produtiva de óleo e gás – que compreende desde a exploração e produção de petróleo até o refino e a distribuição – é fundamental para a economia brasileira, respondendo por 11% do PIB (IPEA, 2022). Graças à competência da engenharia nacional, aos investimentos em P&D e à liderança da Petrobras, o Brasil é hoje referência mundial em inovação no setor, especialmente na exploração em águas profundas e ultraprofundas – uma das áreas mais complexas da indústria de óleo e gás. Esses avanços permitiram ao país deixar de ser importador de 90% do petróleo consumido nos anos 1970 para se tornar exportador de quase 1,5 milhão de barris por dia em 2023. As descobertas nas bacias de Sergipe-Alagoas, Campos e Santos, entre outras, foram acompanhadas de projetos de alta complexidade tecnológica e elevado desempenho produtivo (Ardenghy, 2024).

A inovação no setor petrolífero também tem promovido uma abordagem mais sustentável. A Petrobras consolidou-se como uma das companhias de petróleo com menor emissão de gases de efeito estufa do mundo, alcançando redução de 41% nas emissões absolutas entre 2015 e 2023. Atualmente, os óleos do pré-sal – que representam cerca de 80% da produção da empresa – estão entre os mais descarbonizados do planeta (Agência Petrobras, 2024).

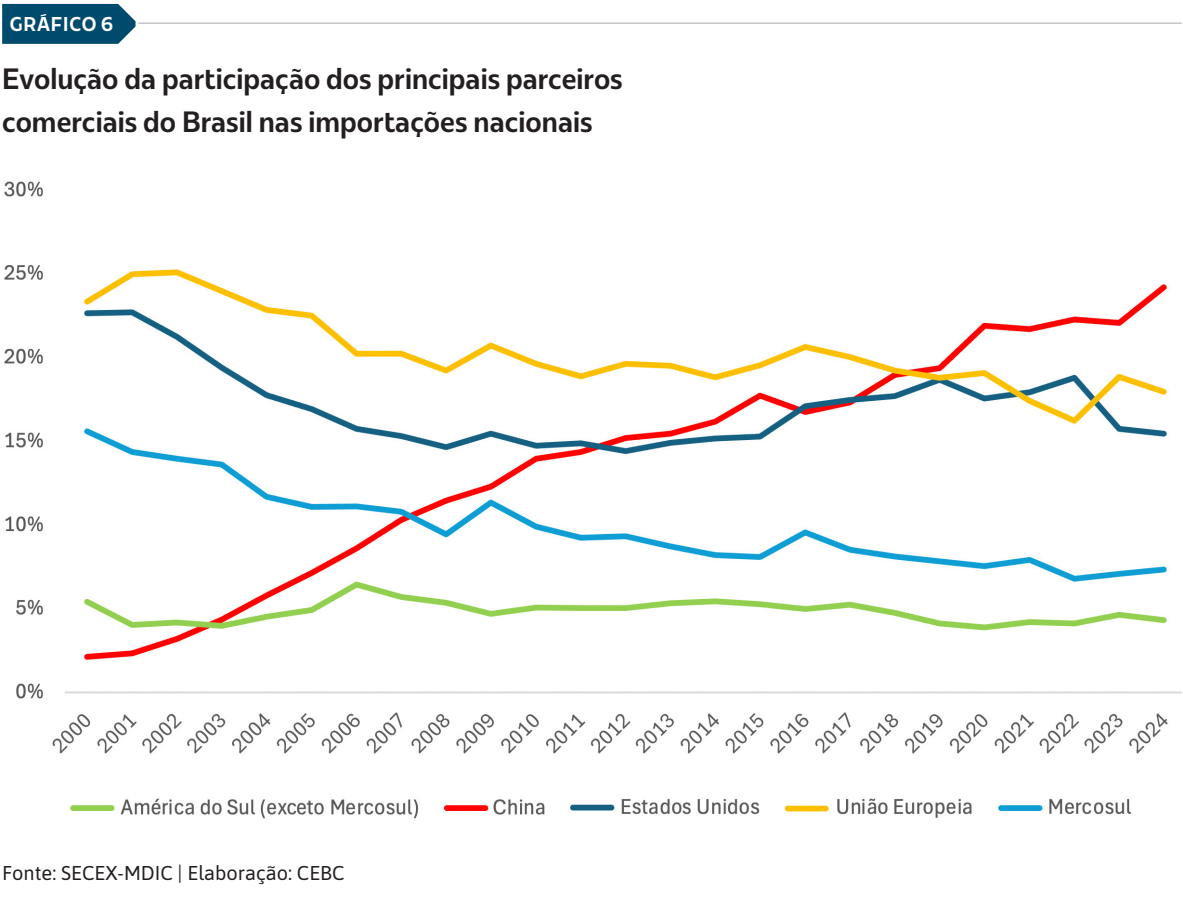
Esses exemplos evidenciam que os investimentos em tecnologia foram determinantes para alavancar tanto a indústria extrativa quanto o agronegócio, elevando o Brasil a um dos países mais competitivos nesses setores. No plano interno, esses avanços transformaram o extrativismo e a agricultura em motores do dinamismo econômico, com efeitos diretos sobre a balança comercial, a arrecadação de tributos, o desenvolvimento regional, a transição energética e a mitigação das mudanças climáticas.

Nesse contexto, a China tem desempenhado um papel determinante no fomento à produtividade e à inovação. É impossível compreender o desenvolvimento das cadeias produtivas do agronegócio e da indústria extrativa brasileiras sem considerar o impacto da demanda chinesa. Há mais de uma década, a China é o maior comprador de diversos produtos desses setores. De acordo com o MDIC, somente em 2024, o país asiático absorveu 73% da soja, 67% do minério de ferro e 44% do petróleo bruto exportados pelo Brasil. No mesmo ano, comprou 51% da carne bovina, 44% da celulose e 51% do algodão vendidos ao exterior.

A China também oferece novas oportunidades para exportadores brasileiros em produtos que recentemente passaram a acessar seu mercado, como milho, frutas e sorgo, além de minerais essenciais à transição energética – como cobre, lítio, manganês e nióbio –, cuja demanda deve crescer nos próximos anos. Ou seja, mais uma vez, a China poderá atuar como catalisadora da inovação na indústria extrativa e no agronegócio nacionais, estimulando aumentos de produtividade por meio de avanços tecnológicos induzidos por sua demanda.

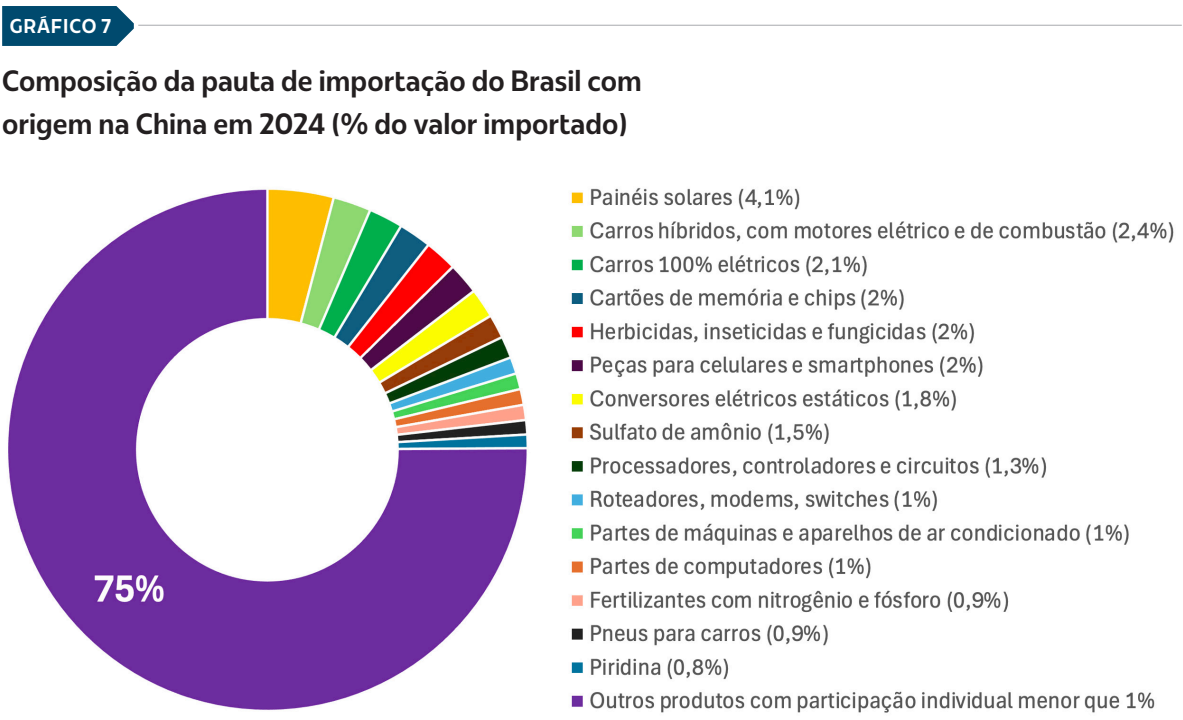
O crescimento e diversificação das importações com origem na China

As importações também tiveram rápida evolução. Desde o ano 2000, as compras externas do Brasil com origem na China aumentaram em média 21% ao ano, sendo o país asiático o único entre os principais parceiros comerciais do Brasil com crescimento de dois dígitos. Em 2024, com importações que atingiram o recorde de US\$ 63 bilhões, a participação da China como origem das compras nacionais chegou a 24% – um salto sem precedentes, considerando que no início da série histórica o país representava apenas 2% das importações do Brasil. No mesmo período, os Estados Unidos e a União Europeia viram suas participações individuais caírem de 23% para 15% e 18%, respectivamente, ao mesmo tempo em que a fatia do Mercosul despencou de 16% para 7% e a dos demais países da América do Sul se manteve entre 4% e 6%.



Ao contrário das exportações, o perfil das importações com origem na China e nos outros parceiros comerciais mais relevantes do Brasil tem mais semelhanças que diferenças. Desde o início dos anos 2000, as compras com origem no país sempre foram compostas quase exclusivamente por produtos da indústria de transformação, que em 2024 responderam por 99,7% de todos os desembarques chineses em portos brasileiros. Da mesma forma, produtos vindos do setor compuseram a maioria das compras oriundas da União Europeia (98%), dos EUA (88%) e do Mercosul (93%) no mesmo ano.

A composição das importações vindas da China é particularmente diversificada, abarcando uma infinidade de manufaturados que vão de insumos para a indústria nacional a produtos acabados com diferentes graus de complexidade, variedade comparável e, em alguns casos, superior à da pauta de importação com origem em outros países industrializados, como os Estados Unidos. Ao longo das últimas décadas, as importações originárias da China tornaram-se ainda mais diversificadas. Em 2024, o número de categorias de produtos, segundo a classificação do código NCM, chegou a 6.914 — mais que o dobro registrado em 1997 —, com presença constante de eletrônicos, automóveis, têxteis, produtos químicos, maquinário, equipamentos elétricos, além de peças e componentes de todos esses segmentos. Em 2024, a maioria absoluta dos diversos itens importados da China – considerando produtos da subposição SH6 do Sistema Harmonizado – teve participação individual inferior a 1%, com alguns artigos específicos se sobressaindo de forma pontual, caso dos painéis solares e veículos eletrificados.



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC | Nota: produtos da subposição SH6 do Sistema Harmonizado

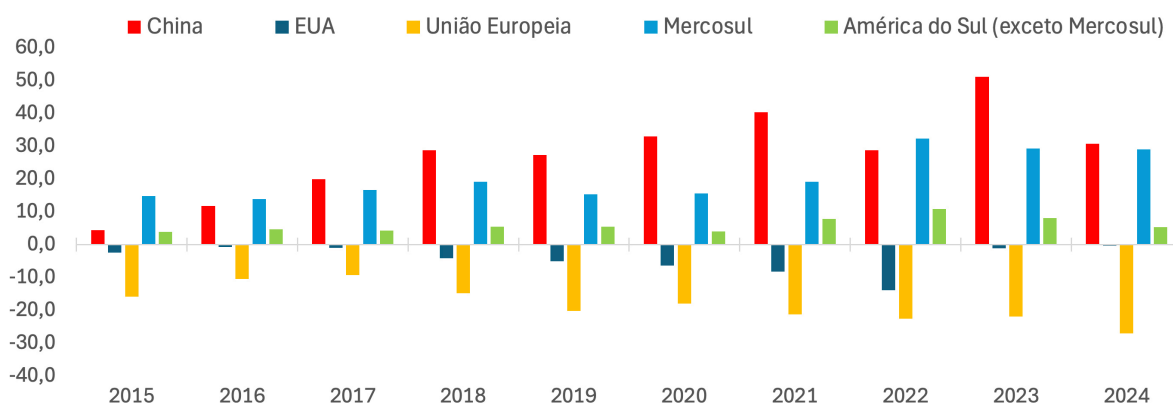
Na direção contrária, o número de categorias de produtos importados dos Estados Unidos pelo Brasil caiu 11% no mesmo período, chegando a 6.295. No caso do Mercosul, a queda foi ainda mais acentuada, com redução de 38%, totalizando 2.372 categorias, enquanto a União Europeia teve queda marginal de 0,7%, somando 7.275 – sendo a única entre as principais origens de importações do Brasil com número absoluto de categorias maior do que o da China.

Superávits com a China reduzem a vulnerabilidade externa e elevam reservas internacionais do Brasil

A importância estratégica da China no comércio exterior nacional é acentuada pelo fato de as trocas bilaterais serem majoritariamente favoráveis ao Brasil, o que nem sempre ocorre nas relações com outros mercados relevantes. O país asiático tem tamanho peso nessa equação que frequentemente é o grande responsável por manter as contas do comércio exterior no azul. Somente na última década, enquanto o comércio com os Estados Unidos e a União Europeia acumulou déficit de US\$ 224 bilhões para o Brasil, as trocas com a China geraram superávit de US\$ 276 bilhões – o equivalente a 51% do saldo de US\$ 538 bilhões do país com todo o mundo. Ao longo desses dez anos, o superávit anual com a China respondeu por mais de 50% do saldo positivo do comércio exterior brasileiro em metade do período, chegando ao recorde de 78% em 2019.

GRÁFICO 8

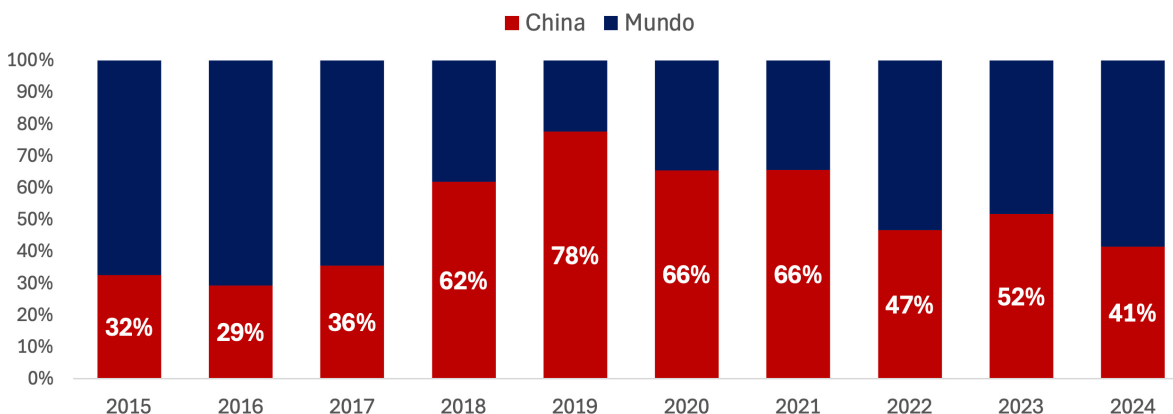
Saldos do Brasil com seus principais parceiros comerciais (US\$ bilhões)



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC

GRÁFICO 9

Participação da China no superávit do comércio exterior do Brasil com o mundo (percentual em US\$ bilhões)



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC

A manutenção do superávit comercial do Brasil com a China por tantos anos contribuiu para reduzir a vulnerabilidade externa e elevar as reservas internacionais do país (Hiratuka, 2024). Ou seja, esse cenário favoreceu o equilíbrio do balanço de pagamentos com a entrada líquida de dólares, o que ajudou a suavizar a volatilidade cambial, proteger a economia de choques internacionais e ancorar expectativas em períodos de instabilidade global. Com isso, o acúmulo de reservas – que alcançaram cerca de US\$ 330 bilhões em 2024 (Banco Central, 2025) – fortaleceu a credibilidade do país, facilitou o controle da inflação e ampliou o espaço para uma política monetária mais previsível. A relação comercial com a China, portanto, é estratégica não apenas no comércio exterior, sendo também um pilar da estabilidade macroeconômica.

2

Empresas exportadoras e importadoras no comércio Brasil-China

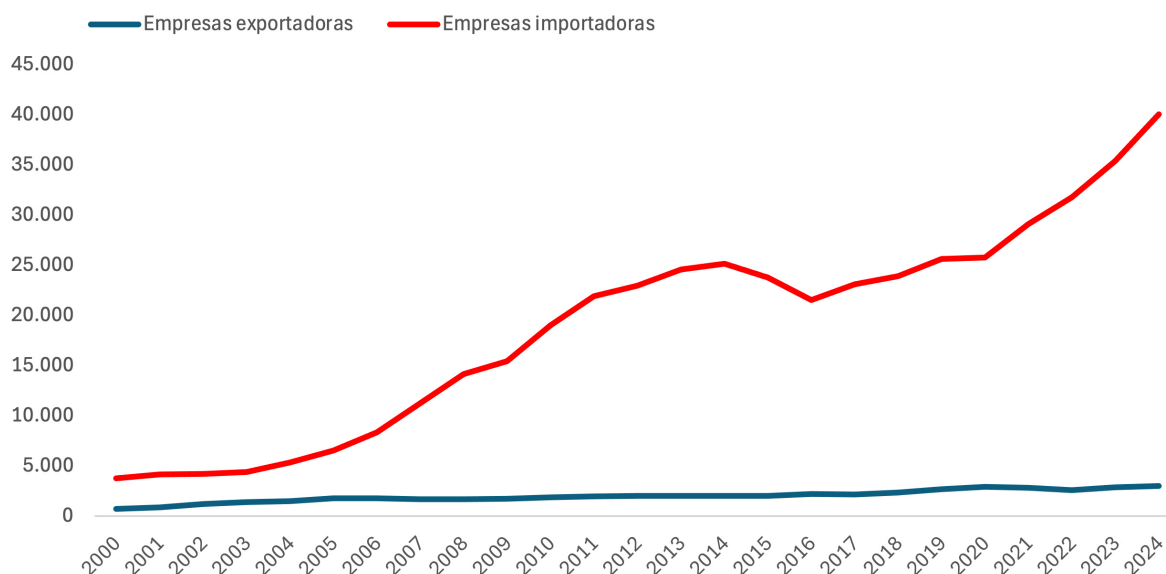


Há mais empresas brasileiras importando da China do que exportando para o país

Historicamente, há mais empresas nacionais importando da China do que vendendo para o país asiático. Até 2024, o número de empresas exportadoras teve média de crescimento anual de 6,7%, enquanto o de importadoras se expandiu a uma taxa média de 10,9%. Em termos absolutos, o número de empresas nacionais que exportam para a China mais que quadruplicou entre 2000 e 2024, chegando a 2.993. Ao mesmo tempo, a quantidade de empresas importadoras cresceu quase 11 vezes nesse período, somando 40.059.



Número de empresas brasileiras que comercializam com a China



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC

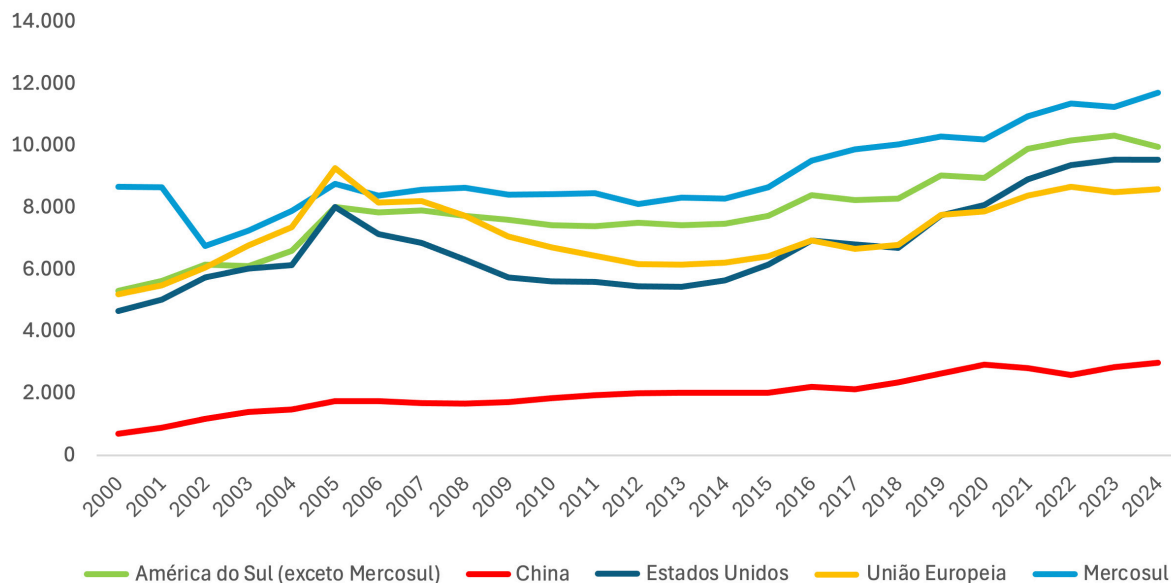
Enquanto 2.993 empresas brasileiras exportaram para a China em 2024, o número de firmas que venderam para outros destinos relevantes foi muito superior. Naquele ano, 11.718 empresas enviaram bens para o Mercosul, seguidas pelas que venderam para os Estados Unidos (9.554), a União Europeia (8.590) e os outros países da América do Sul (9.959), o que coloca a China em último lugar entre esses destinos.³

Esse cenário praticamente não se alterou desde o início da série histórica. O Mercosul se destacou como o principal destino das exportações em termos de quantidade de empresas envolvidas desde 2006, mantendo-se à frente das demais regiões. Entre 2006 e 2013 a quantidade de empresas exportadoras para a União Europeia caiu de forma praticamente contínua, cedendo espaço para as empresas focadas no mercado sul-americano, que se mantêm em segundo lugar desde 2009. A partir de 2016, a União Europeia e os Estados Unidos disputaram o terceiro lugar, com uma arrancada americana na virada dos anos 2020, empurrando o bloco europeu para a quarta posição.

Por outro lado, é pertinente notar que, desde o início da série histórica, o crescimento médio anual de 6,7% no número de empresas que exportam para a China é o maior entre os principais destinos de exportação do Brasil, ficando à frente da média de crescimento da quantidade de empresas que vendem para os Estados Unidos (3,4%), para a América do Sul (2,8%), para a União Europeia (2,4%) e o para o Mercosul (1,5%).

3. Importante notar que uma empresa que comercializou com uma região também pode ter comercializado com outras. Dessa forma, empresas que exportaram simultaneamente para a China e para os Estados Unidos em 2024, por exemplo, foram contabilizadas em ambos os grupos.

Evolução do número de empresas brasileiras exportadoras por destino dos embarques (regiões selecionadas)



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBEC

Pauta de exportações concentrada em produtos primários explica número relativamente baixo de empresas nacionais que vendem para a China

A explicação para o número relativamente baixo de empresas brasileiras que exportam para a China em comparação com as que destinam seus produtos a outras regiões tem relação com o perfil do comércio, que tende a concentrar número menor de grandes empresas em detrimento da diversificação de exportadores. Enquanto os embarques do Brasil para o país asiático são dominados por produtos da indústria extrativa e da agropecuária, que somaram 80% do valor embarcado em 2024, as vendas nacionais para parceiros como o Mercosul e os Estados Unidos têm participações muito mais significativas da indústria de transformação, que chegaram a, respectivamente, 83% e 79%, envolvendo uma vasta gama de produtos e, consequentemente, de empresas exportadoras. A União Europeia, que está à frente apenas da China em número de empresas, é justamente o parceiro com a maior participação da agropecuária e da indústria extrativa depois do país asiático, somando 53% do valor embarcado em 2024.

No caso da China, a grande concentração de poucos produtos na pauta de exportações aprofunda ainda mais esse quadro. Soja, minério de ferro e petróleo⁴ responderam por 75% do valor dos embarques nacionais para o país asiático em 2024 – situação que vem se repetindo

4. Por questão de padronização, todos os produtos citados nas exportações e importações fazem parte da posição SH4 do Sistema Harmonizado.

desde meados dos anos 2000, como reflexo do início do superciclo das *commodities* puxado pela alta da demanda chinesa. Esses setores são tradicionalmente dominados por poucas empresas de grande porte que controlam os embarques para a China, sendo a principal razão por trás do número relativamente baixo de exportadores nacionais que vendem para o país.

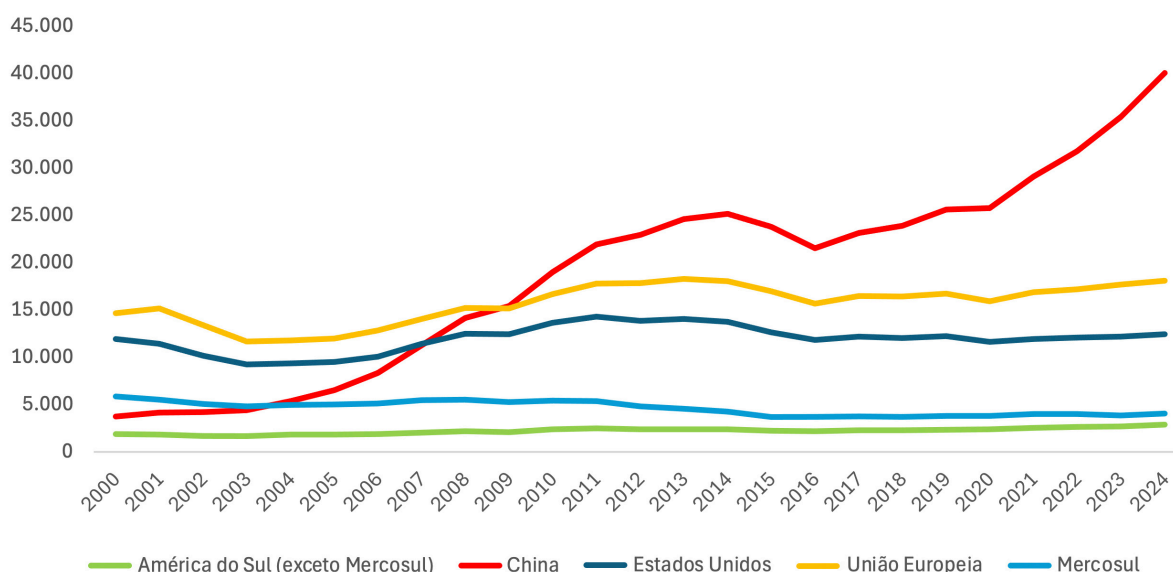
China é a origem que envolve o maior número de empresas importadoras brasileiras

O cenário se inverte nas importações. Em 2024, havia 40.059 empresas brasileiras comprando da China – quase 10 vezes mais do que as que importaram do Mercosul, o triplo dos Estados Unidos, o dobro da União Europeia e 14 vezes mais do que as empresas que importaram dos outros países da América do Sul, colocando o gigante asiático na liderança isolada.

Entre os anos 2000 e 2009, o número de empresas nacionais que importavam da China ultrapassou, ano após ano, o de empresas que compravam do Mercosul, dos Estados Unidos e da União Europeia, parceiros com posições consolidadas no comércio exterior brasileiro. O impulso dos anos 2000, combinado com uma trajetória posterior majoritariamente ascendente, têm mantido o país asiático como a origem das compras do maior número de empresas brasileiras importadoras. Além disso, desde o início da série histórica, a taxa de crescimento médio anual das empresas que compram do país asiático chegou a 11%, enquanto o número de firmas que importam dos Estados Unidos, da União Europeia e dos outros países da América do Sul teve aumentos marginais de 0,4%, 1,1% e 2% respectivamente. Ao mesmo tempo, o montante de empresas que compraram do Mercosul caiu em média 1,4% ao ano.

GRÁFICO 12

Evolução do número de empresas brasileiras importadoras e suas principais origens (regiões selecionadas)



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC

Pauta de importações diversificada e focada em manufaturados consolidou a China como principal origem das compras das empresas brasileiras

A forte presença de produtos chineses nas importações brasileiras – e a grande variedade de itens comprados – explica a posição de destaque da China. O gigante asiático é a principal origem de importações do Brasil desde 2012 e respondeu por 24% de tudo o que o país comprou do mundo em 2024, à frente da União Europeia, com 18%, e dos Estados Unidos, com 15,5%.

Diferentemente das exportações brasileiras para a China, concentradas em poucos produtos primários comercializados por um número relativamente baixo de empresas, as importações são mais segmentadas e compostas por artigos da indústria de transformação, que em 2024 responderam por praticamente 100% das mercadorias chinesas que entraram no Brasil, incluindo produtos finais, mas também uma infinidade de insumos usados na indústria nacional.

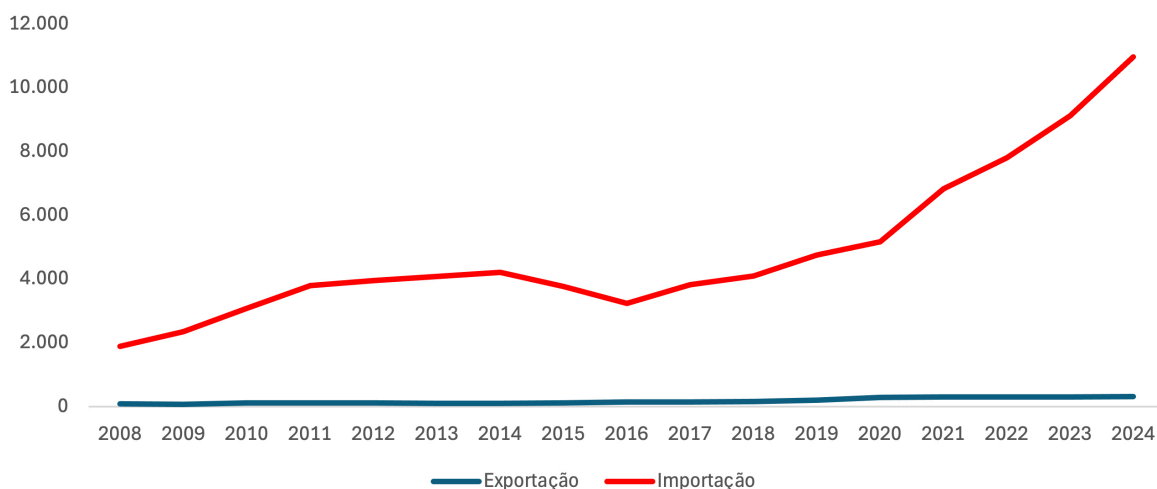
Essa diversidade de produtos é destinada às mais de 40 mil empresas brasileiras que importam da China, incluindo pequenos lojistas, atacadistas, *tradings*, indústrias de todo tipo e grandes corporações. Além disso, mesmo empresas de setores que exportam milhões de toneladas à China dependem de importações de insumos originados no país asiático – caso dos exportadores de produtos agrícolas, que compram fertilizantes chineses.

Micro, pequenas e médias empresas ampliam presença no comércio bilateral

A relação comercial entre Brasil e China tem se tornado progressivamente mais diversificada em termos de perfil empresarial, não apenas pelo maior número de atores, mas também pela ampliação da participação de micro, pequenas e médias empresas – nesses casos, a base de dados disponível cobre o período de 2008 a 2024, menor que o de 2000 a 2024 usado para o total de empresas.

A quantidade de microempresas exportadoras para a China cresceu de 83, em 2008, para 313 em 2024 – alta de 277%, com crescimento médio anual de 9,8%. No mesmo espaço de tempo, as microempresas que importaram do país asiático passaram de 1.894 para 10.974, uma expansão de quase 6 vezes e média de crescimento anual de 12,4%.

Número de microempresas que fazem comércio com a China



Fonte: SECEX – MDIC | Elaboração: CEBC

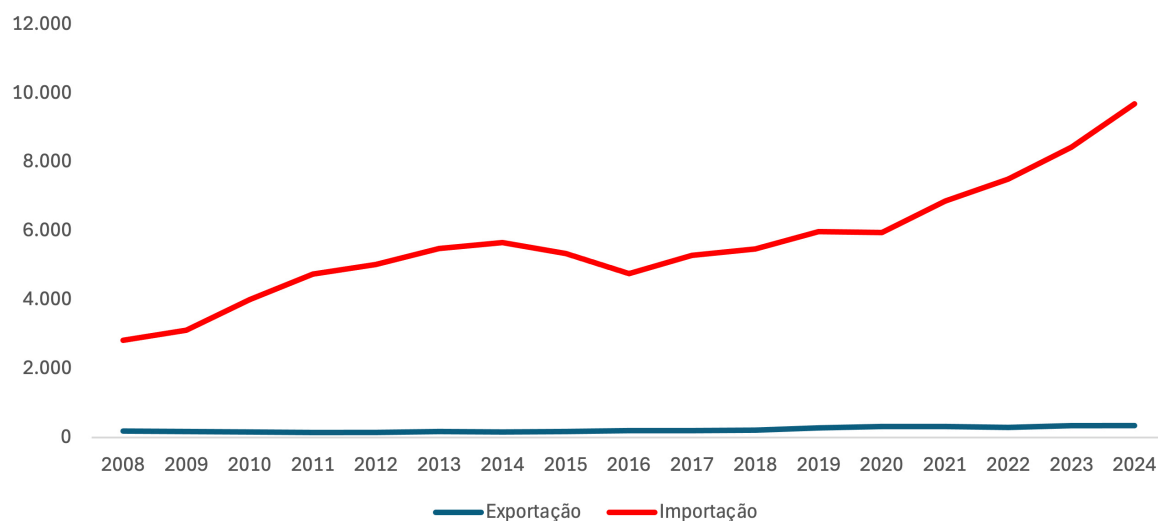
Comparativamente, as microempresas brasileiras que exportam para os Estados Unidos passaram de 820 em 2008 para 2.043 em 2024. Já para a União Europeia, o número subiu de 1.061 para 1.448. Ainda que o universo de microempresas que exportam para a China seja muito inferior ao dos outros destinos, ele teve o maior crescimento da série histórica (277%), superando o aumento de 149% para os EUA e o de 36,5% para a UE.

Do lado das importações, o universo de microempresas que compram da China é muito superior ao dos outros principais parceiros comerciais do Brasil. Enquanto 10.974 microempresas compraram do país asiático em 2024, apenas 1.248 receberam desembarques dos EUA e 1.977 da UE. Cabe ressaltar que no início da série histórica esses números eram ainda menores – apenas 936 microempresas compravam dos Estados Unidos e 988 da União Europeia, cerca de metade das 1.894 que registraram desembarques da China no mesmo ano. Os dados mostram que o crescimento do universo de microempresas que compram da China (479%) foi muito superior ao dos Estados Unidos (33,3%) e da União Europeia (100%) entre 2008 e 2024.

Entre os fatores que ajudam a explicar o maior acesso de microempresas aos fluxos com a China estão a digitalização do comércio exterior, que facilitou o acesso a plataformas internacionais, e a popularização do *e-commerce B2B* (*business-to-business*), especialmente na importação de insumos, componentes e equipamentos. Além disso, microempresas têm aproveitado nichos de mercado com produtos de maior valor agregado, atendendo à demanda chinesa por itens personalizados e de qualidade.

As pequenas empresas também ampliaram sua participação nas trocas com a China. Em 2024, foram contabilizadas 350 pequenas firmas brasileiras que exportaram para o país asiático, ante 189 em 2008 – um crescimento de 85,2% no período, com média anual de 4,4%. Nas importações, o número saltou de 2.830 para 9.692, um aumento de quase 3,5 vezes, com taxa média anual de 8,4%.

Número de pequenas empresas que fazem comércio com a China



Fonte: SECEX – MDIC | Elaboração: CEBEC

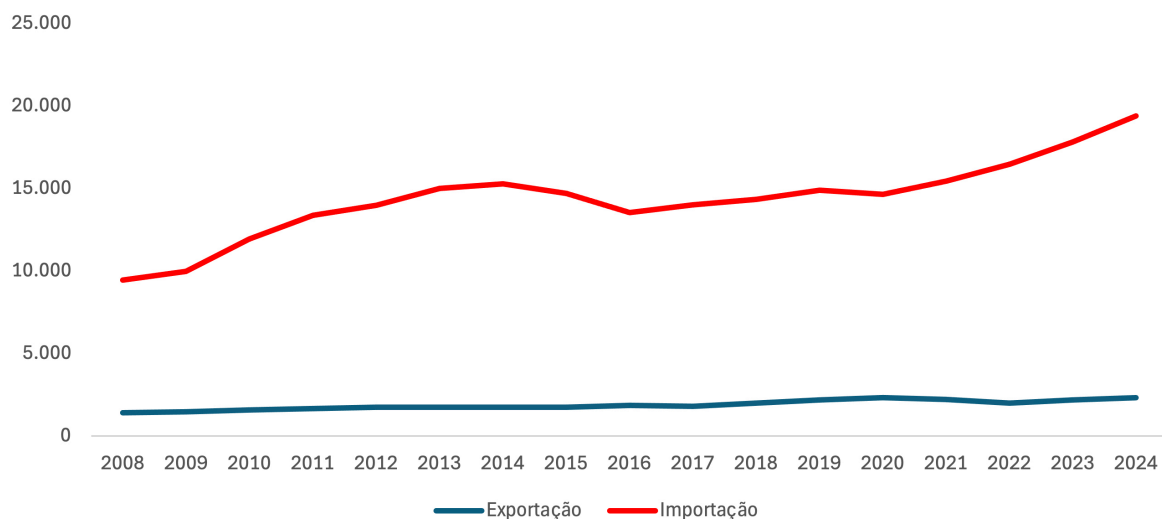
Entre 2008 e 2024, o número de pequenas empresas brasileiras exportadoras para os Estados Unidos passou de 993 para 1.608, e para a União Europeia, de 1.237 para 1.272. Embora o volume de firmas que vendem para a China seja inferior – totalizando 350 em 2024 –, o país asiático registrou a expansão mais acentuada no período (85,2%), superando os percentuais observados com os EUA (61,2%) e a UE (2,8%).

Em relação às importações, o cenário é inverso: a China se destaca como principal origem para as pequenas empresas, com 9.692 firmas comprando do país asiático em 2024, frente a 1.867 dos Estados Unidos e 2.702 da União Europeia. Em 2008, os números estavam mais próximos - 1.964 dos EUA, 2.326 da UE e 2.830 da China. O avanço nas importações de pequenas empresas brasileiras provenientes da China (242,5%) superou com folga o da UE (16,2%) e a retração dos EUA (-4,9%).

Os dados evidenciam a consolidação da China como alternativa estratégica para pequenas empresas brasileiras que buscam novos mercados e fornecedores. Esse avanço reflete uma maior capilaridade das relações comerciais com o país asiático, inclusive em cadeias menos tradicionais, além do fortalecimento de políticas de apoio à internacionalização de pequenas empresas, com foco em promoção comercial e crédito. Também há o interesse crescente por bens chineses com preços competitivos, que têm impulsionado a modernização produtiva e a redução de custos.

As empresas médias e grandes continuam desempenhando um papel importante no comércio bilateral, com crescimento relevante ao longo dos anos. O número de exportadoras brasileiras desse porte passou de 1.405, em 2008, para 2.330 em 2024 — uma expansão de 65,8%, com média anual de 3,4%. No mesmo intervalo, o total de importadoras aumentou de 9.446 para 19.393, um avanço de 105,3% e taxa média anual de 4,8%. Nesse universo, a base de dados também abrange o período 2008-2024.

Número de médias e grandes empresas que fazem comércio com a China



Fonte: SECEX – MDIC | Elaboração: CEBC

Em termos relativos, empresas médias e grandes que vendem para a China registraram a maior taxa de crescimento entre os destinos comerciais relevantes. De 2008 a 2024, houve um aumento de 65,8%, comparável a 30,9% para os Estados Unidos e 8% para a União Europeia. Embora o volume total ainda seja inferior – 2.330 exportadoras para a China frente a 5.903 para os EUA e 5.875 para a UE – a diferença é menor do que em 2008, quando apenas 1.405 empresas médias e grandes vendiam para o país asiático enquanto 4.510 firmas exportavam para os EUA e 5.440 para o bloco europeu.

Nas importações, o número de médias e grandes empresas brasileiras que compram da China dobrou, passando de 9.446 em 2008 para 19.393 em 2024. No caso dos Estados Unidos, o universo caiu de 9.578 para 9.327 e, no da União Europeia, cresceu de 11.897 para 13.406. O crescimento de 105,3% no número de médias e grandes empresas que compram da China foi bem superior ao de 12,7% da União Europeia e da retração de 2,6% dos Estados Unidos.

A expansão desse grupo empresarial também confirma o fortalecimento das relações sino-brasileiras, que têm oferecido um ambiente mais estável e favorável para trocas comerciais e investimentos. Em um cenário de reconfiguração das cadeias globais de valor, empresas médias e grandes têm buscado ampliar mercados e diversificar fornecedores, e a China se mostra uma escolha natural, em função de sua escala, capacidade produtiva e dinamismo tecnológico.

De forma geral, os dados apontam para uma estrutura comercial bilateral cada vez mais plural. A participação crescente de micro, pequenas e médias empresas nas trocas com a China revela não apenas o aumento das oportunidades, mas também uma mudança na forma como o Brasil se insere nesse mercado. Ao lado das grandes multinacionais, empresas de menor porte têm conquistado espaço, impulsionadas por tecnologias digitais, novas logísticas e maior articulação institucional.

3

Arquitetura regional do comércio Brasil-China



Empresas brasileiras que exportam para a China estão concentradas no Sudeste e no Sul

Sudeste e Sul concentram a maior parte das empresas brasileiras que exportam para a China, somando 63,8% do total em 2024.⁵ Esse predomínio regional reflete a presença de grandes polos industriais e urbanos no Sudeste, onde o número de firmas exportadoras para a China alcançou 1.791 em 2024. Já o Sul aparece com 822 empresas, resultado da forte inserção internacional do agronegócio — especialmente no Rio Grande do Sul — e da logística consolidada da região (IEDI, 2023). O destaque do agronegócio gaúcho é emblemático: em 2024, o estado exportou US\$ 15,8 bilhões (Rio Grande do Sul, 2025) dos quais 34,8% tiveram como destino a China. As vendas de soja em grão lideraram o fluxo exportador do agronegócio gaúcho em 2024.

O protagonismo da região nas exportações para a China não se limita ao Rio Grande do Sul. O Paraná também se destaca, com municípios como Paranaguá figurando entre os maiores exportadores de soja. Parte desse desempenho se explica pelo fato de que uma fração relevante da produção de soja de estados do Centro-Oeste, como Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul, é escoada pelo porto de Paranaguá.

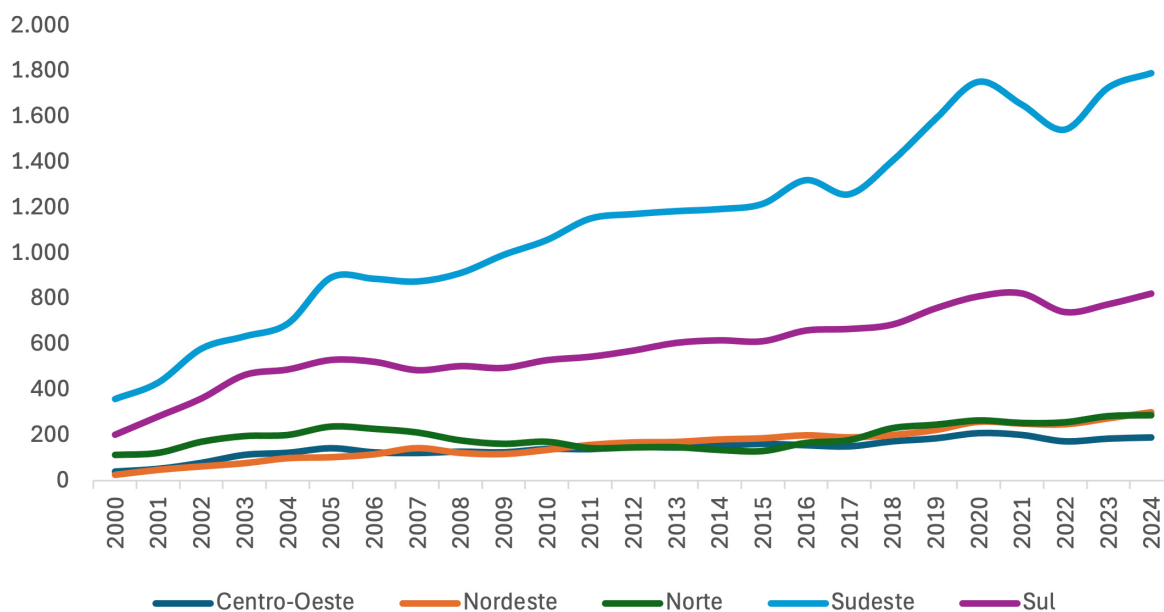
5. A localização regional das empresas é baseada nos oito primeiros dígitos do CNPJ, o que permite que uma mesma empresa seja contabilizada em mais de uma região caso possua filiais registradas em diferentes localidades.

Entre 2019 e 2024, a exportação de produtos oriundos de outros estados pelo porto paraense cresceu 70%, passando de 6,6 milhões para 11,3 milhões de toneladas. Mato Grosso do Sul respondeu sozinho por mais de 5,1 milhões de toneladas embarcadas nos oito primeiros meses de 2024, à frente de Mato Grosso, Goiás e São Paulo (Paraná, 2025), reforçando o papel do Paraná como *hub* logístico nacional. Em Santa Catarina, a pauta exportadora manteve-se diversificada em 2024: o porto de São Francisco do Sul consolidou-se como o principal canal de escoamento de grãos do estado, movimentando 7 milhões de toneladas de soja ao longo do ano (Porto de São Francisco do Sul, 2025), enquanto Itajaí respondeu por embarques expressivos de carne de aves e suína que somaram mais de US\$ 4,46 bilhões (Reconecta News, 2025). Esses dados indicam que a inserção internacional da região é compartilhada e complementar entre os três estados.

Apesar de sua relevância na produção agropecuária e no expressivo valor exportado para China — que somou US\$ 16,14 bilhões em 2024 —, o Centro-Oeste registra apenas 190 empresas exportadoras para o país asiático, o que evidencia a forte concentração das operações em grandes grupos empresariais, uma característica marcante da estrutura produtiva regional. No caso do Norte e do Nordeste, a participação também permanece reduzida e relativamente estável ao longo dos últimos anos: o Norte exportou US\$ 13,36 bilhões e o Nordeste, US\$ 5,85 bilhões para a China no mesmo ano, com 289 e 301 empresas, respectivamente. Esse cenário expõe o contraste com outras regiões em que o comércio com a China apresenta maior capilaridade empresarial, apesar da menor intensidade em valores absolutos.

GRÁFICO 16

Evolução do número de empresas brasileiras que exportam para a China (divisão por regiões do Brasil)



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC

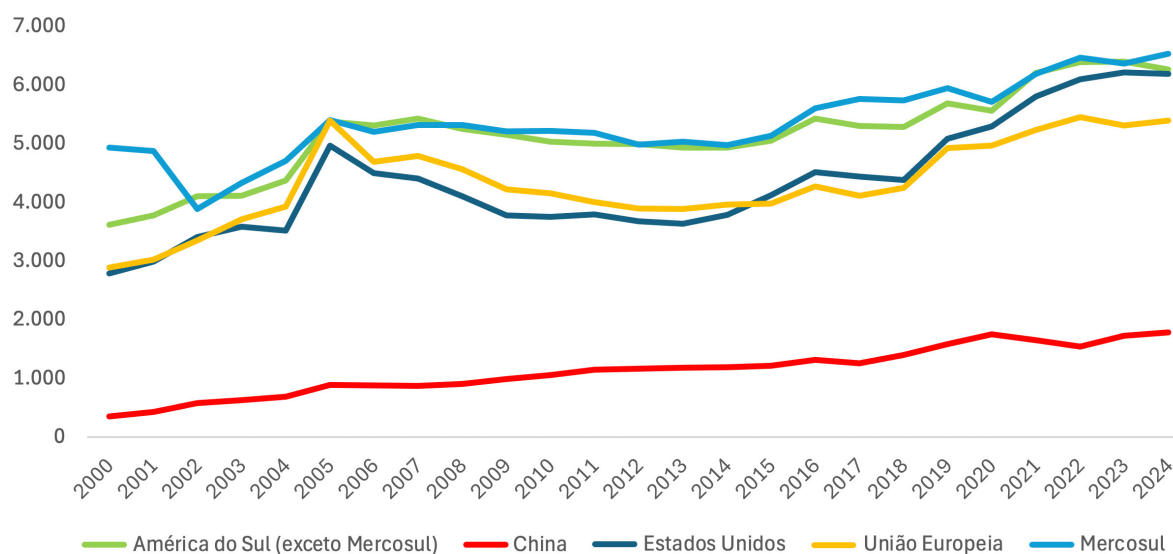
China avança como destino das vendas de empresas exportadoras do Brasil em todas as regiões do país, mas segue atrás de outros mercados tradicionais

Em todas as regiões brasileiras, o número de empresas que exportam para a China cresceu ao longo da série histórica, evidenciando um avanço gradual de sua presença no *ranking* de maiores destinos das vendas nacionais. Apesar da expansão, o país asiático ainda é superado por parceiros tradicionais, como Mercosul, EUA e União Europeia.

O número de empresas do Sudeste que exportam para a China aumentou quase 5 vezes entre os anos 2000 e 2024, para 1.791, o maior patamar entre todas as regiões do Brasil. Esse avanço superou, em termos relativos, o crescimento registrado no número de empresas exportadoras do Sudeste para outros grandes parceiros comerciais. O incremento foi de 1,7 vez para a América do Sul, de 2 vezes para a União Europeia e de 2,2 vezes para os Estados Unidos. Em mercados já consolidados como o Mercosul, a expansão foi mais contida, de 1,3 vez. Ainda assim, em números absolutos, o país asiático permaneceu atrás de todos os demais destinos de exportadores da região.

GRÁFICO 17

Número de empresas exportadoras do Sudeste por país/região de destino



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEEC

No Sul, o número de empresas que vendem para a China mais que quadruplicou entre 2000 e 2024. Apesar desse movimento, o país asiático segue como o destino que mobiliza a menor quantidade de exportadores da região. Em contraste, mercados já consolidados, como o Mercosul, registraram crescimento mais modesto — pouco além de 1,4 vez no período —, enquanto os Estados Unidos e a União Europeia apresentaram expansões de 2 vezes e 1,6 vez, respectivamente.

Já no Centro-Oeste, o número de empresas exportadoras para a China cresceu mais de 4,6 vezes entre 2000 e 2024. Mesmo com o salto, o total ainda é modesto, quando se considera a relevância da região no agronegócio, o que revela um perfil concentrado, dominado por grandes grupos exportadores. Também contribui para esse padrão o escoamento da produção por portos de outras regiões do país, como mencionado nas seções anteriores.

O número de empresas exportadoras para a União Europeia avançou 1,8 vez no mesmo período; para o Mercosul, pouco mais que dobraram; e para os Estados Unidos, o crescimento foi mais intenso — de 3,5 vezes.

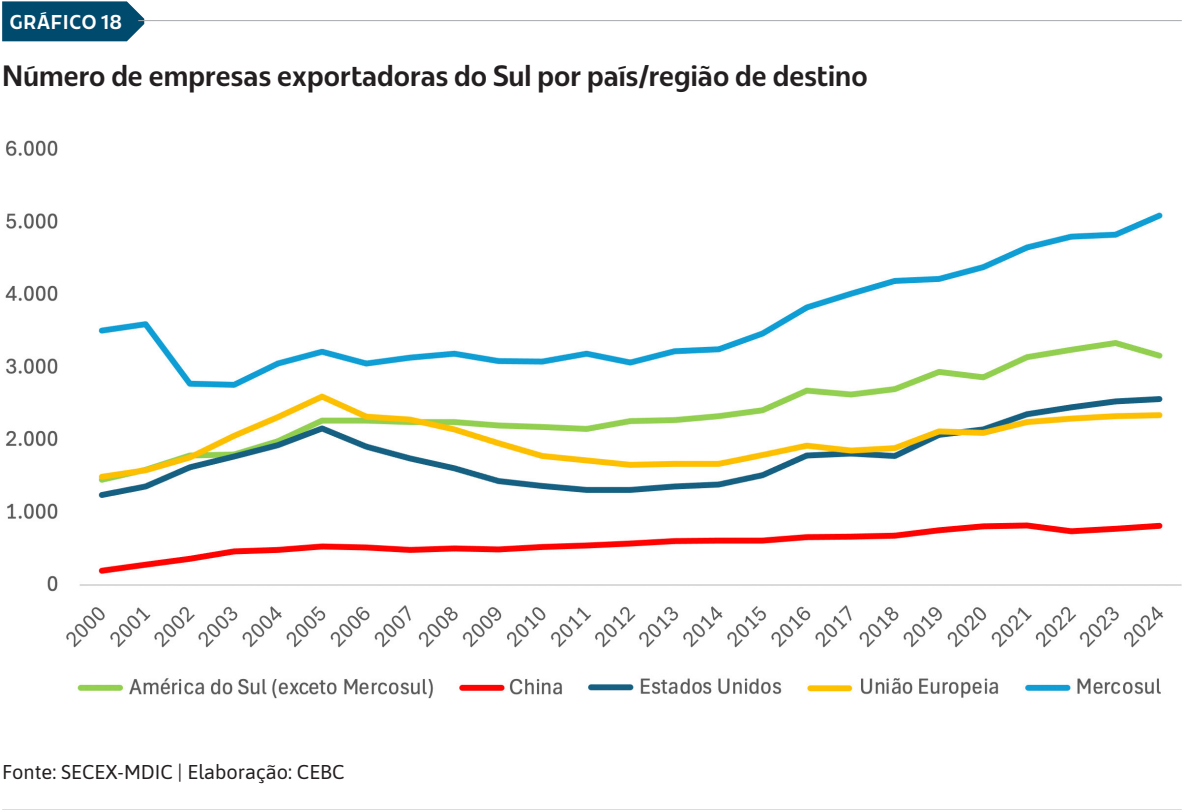
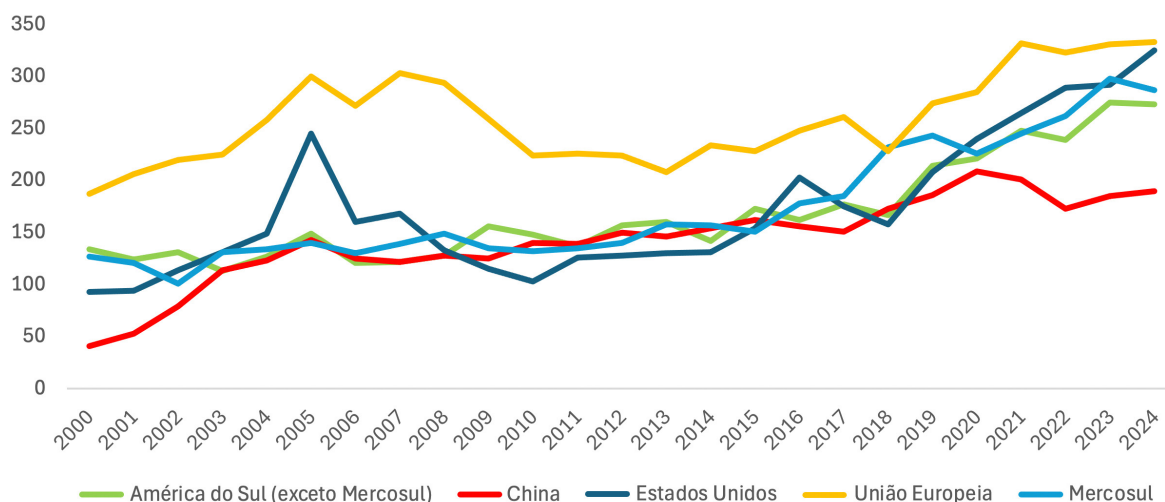


GRÁFICO 19

Número de empresas exportadoras do Centro-Oeste por país/região de destino

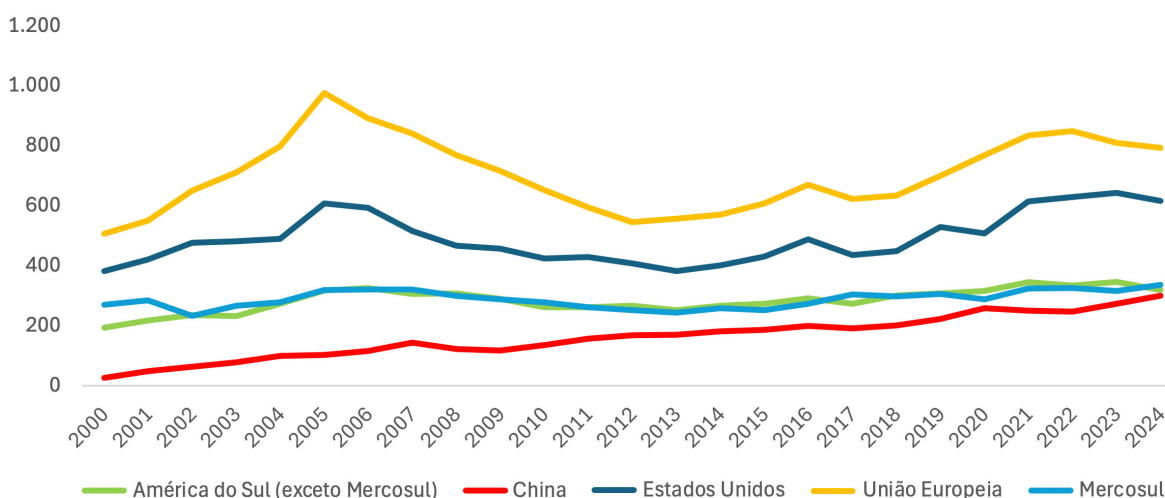


Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC

O maior avanço proporcional no número de exportadores para a China ocorreu no Nordeste, com uma expansão de 10 vezes. Contudo, a base ainda é menor que a dedicada à União Europeia e aos Estados Unidos, mantendo proporção próxima à dos mercados sul-americanos. Já no Norte, o crescimento foi mais moderado, mas ainda assim relevante: a China consolidou-se como um destino em expansão ao longo dos últimos anos, ultrapassando o Mercosul em número de empresas. Apesar disso, ainda ocupa posição secundária em comparação com mercados tradicionais da região.

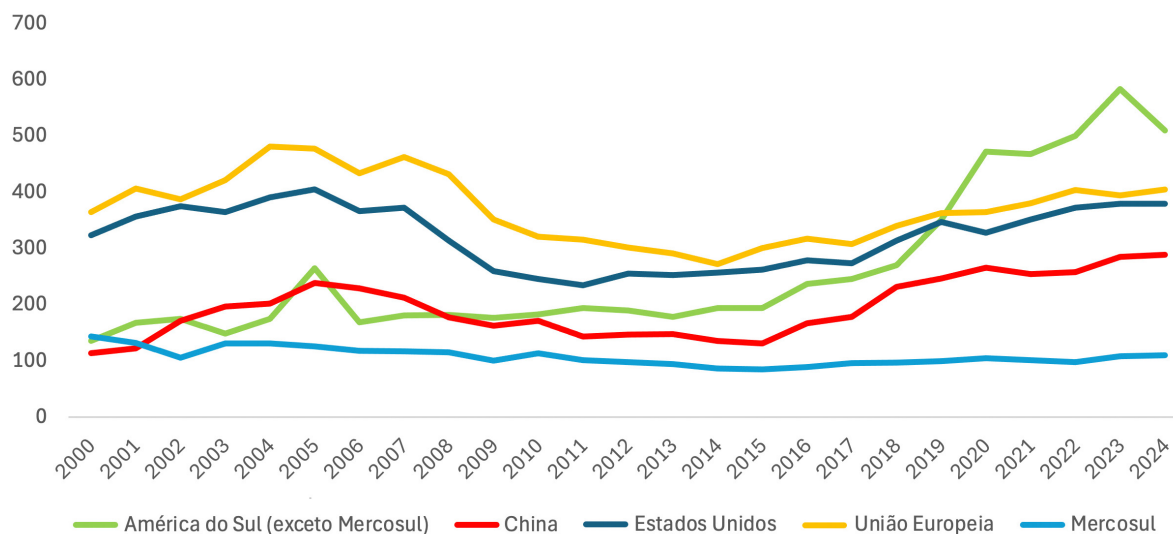
GRÁFICO 20

Número de empresas exportadoras do Nordeste por país/região de destino



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC

Número de empresas exportadoras do Norte por país/região de destino



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBEC

Apesar do crescimento no número de exportadores para a China, a relação comercial continuou concentrada em setores tradicionais e grandes grupos, com pouca diversificação regional e setorial. Mesmo nas regiões com maior volume absoluto, como Sudeste e Sul, a China ainda não figura entre os principais destinos por número de empresas, sugerindo barreiras estruturais à entrada de novos atores. O avanço quantitativo, portanto, não reflete uma mudança qualitativa na inserção produtiva brasileira no mercado chinês, o que aponta a necessidade de políticas voltadas à inclusão de novos segmentos e à superação de entraves logísticos e regulatórios.

Exportações brasileiras para a China têm alcance nacional, com destaque no *ranking* de empresas no Centro-Oeste, Norte e Nordeste

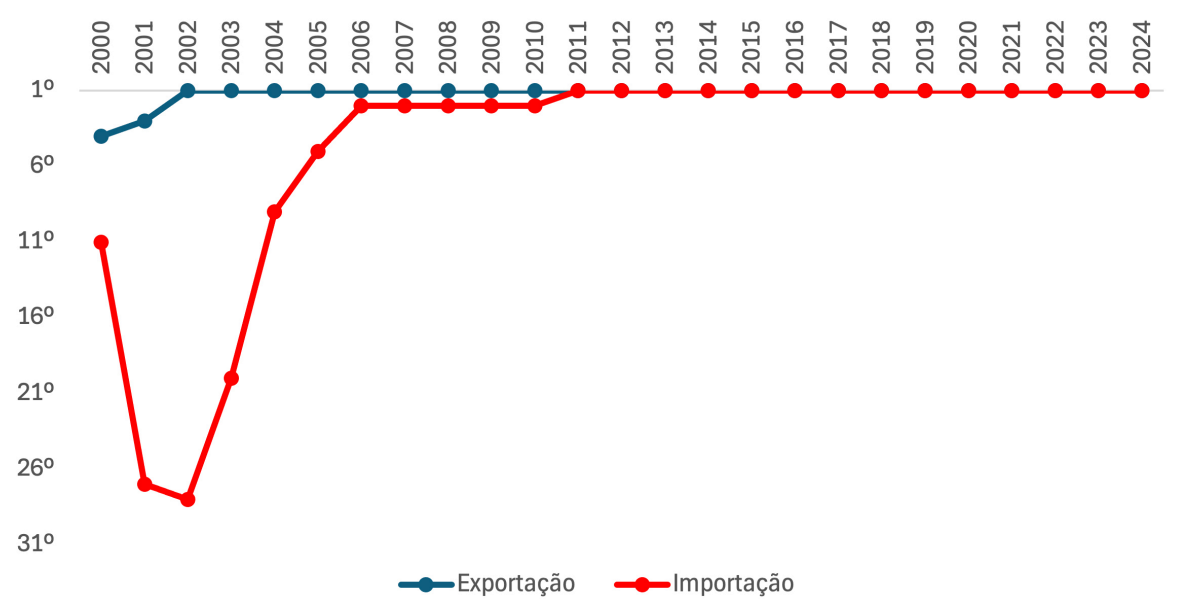
Quando a classificação dos destinos é feita por países — e não por blocos econômicos e regiões, como na subseção anterior —, a posição da China ganha mais destaque no *ranking* do número de empresas brasileiras envolvidas nas exportações.

O Centro-Oeste e o Norte são as regiões em que a China apresenta a trajetória mais consistente como destino das exportações em termos de quantidade de firmas exportadoras. Desde 2003, o país asiático ocupa o 1º lugar no *ranking* de número de empresas exportadoras no estado de Mato Grosso, e, a partir de 2009, passou a figurar como principal destino regional nesse indicador. Já no Norte, a China ocupa estavelmente a 2ª posição desde 2002, evidenciando sua relevância contínua para a base exportadora da região.

Ainda no caso do Mato Grosso, além da liderança nas exportações, a China também se mantém entre os primeiros colocados no *ranking* de número de empresas importadoras. Nenhum outro estado brasileiro apresenta uma trajetória tão estável de dupla liderança — exportação e importação — com base no número de empresas envolvidas nas trocas comerciais com a China.

GRÁFICO 22

Evolução da posição da China no *ranking* de número de empresas exportadoras e importadoras do Mato Grosso



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC

Nota: Os números no eixo Y indicam a posição da China no *ranking* de número de empresas exportadoras e importadoras do Mato Grosso. Valores menores representam maior relevância.

No Norte, ao contrário, a China mantém estabilidade como 2º principal destino de empresas exportadoras desde 2002, revelando uma relação comercial sólida e contínua, especialmente com estados como Pará e Amazonas. A presença chinesa na região é significativa, mesmo sem atingir o 1º lugar no *ranking*.

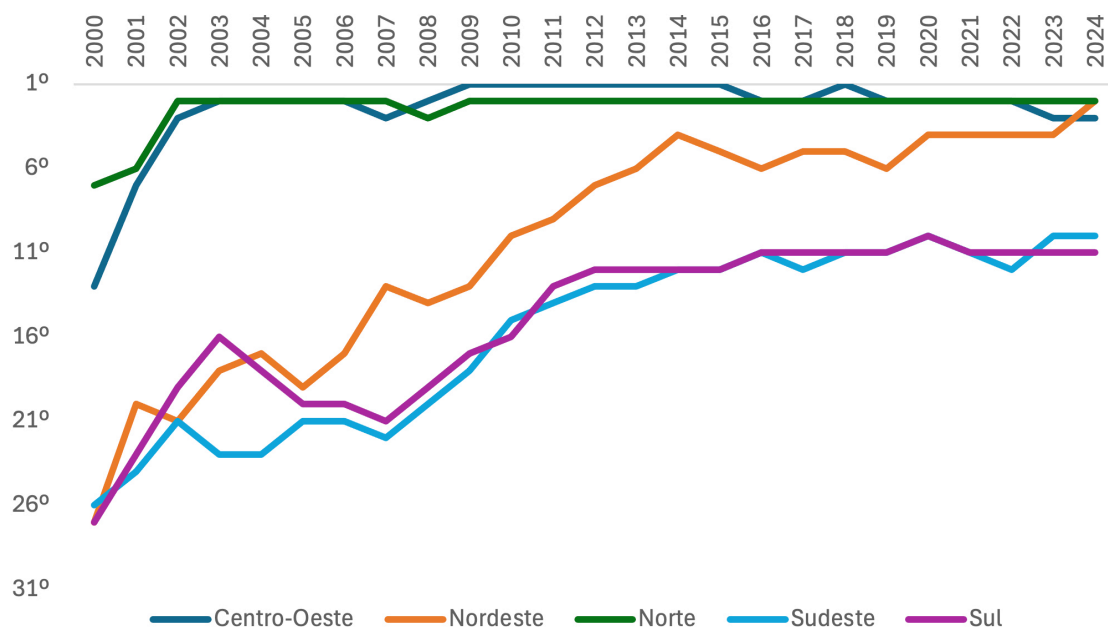
No Nordeste, observa-se uma trajetória de ascensão progressiva. Em 2006, a China ocupava a 17ª posição no *ranking* de número de empresas exportadoras da região; em 2024, passou à 2ª colocação. Essa evolução indica uma crescente relevância da China como mercado-alvo para empresas nordestinas, especialmente a partir da década de 2010.

Nas regiões Sudeste e Sul, a China aparece de forma mais constante no gráfico, mas com posições mais baixas ao longo do tempo. Em 2024, a China ocupava a 10ª colocação no Sudeste e a 11ª no Sul. Isso não implica necessariamente uma baixa presença chinesa nessas regiões, mas reflete a grande diversidade de destinos comerciais das empresas exportadoras do Sul e Sudeste. Nesses casos, a China compete com mercados como Estados Unidos, Argentina, Chile e países europeus, o que a desloca para posições mais modestas no *ranking*.

Essa distribuição regional revela que o protagonismo da China varia não tanto pela intensidade dos fluxos comerciais, mas pela relevância relativa entre os mercados parceiros em cada região. Em áreas com maior diversificação de destinos (como o Sul e o Sudeste), a China tende a ocupar posições inferiores no *ranking*, ainda que receba um volume expressivo de exportações em termos absolutos. Por outro lado, nas regiões com estrutura comercial mais concentrada, a China assume papel central no direcionamento das empresas exportadoras.

GRÁFICO 23

Evolução da posição da China no *ranking* de número de empresas exportadoras por região do Brasil



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBEC

Nota: Os números no eixo Y indicam a posição da China no *ranking* de número de empresas exportadoras por região do Brasil. Valores menores representam maior relevância.

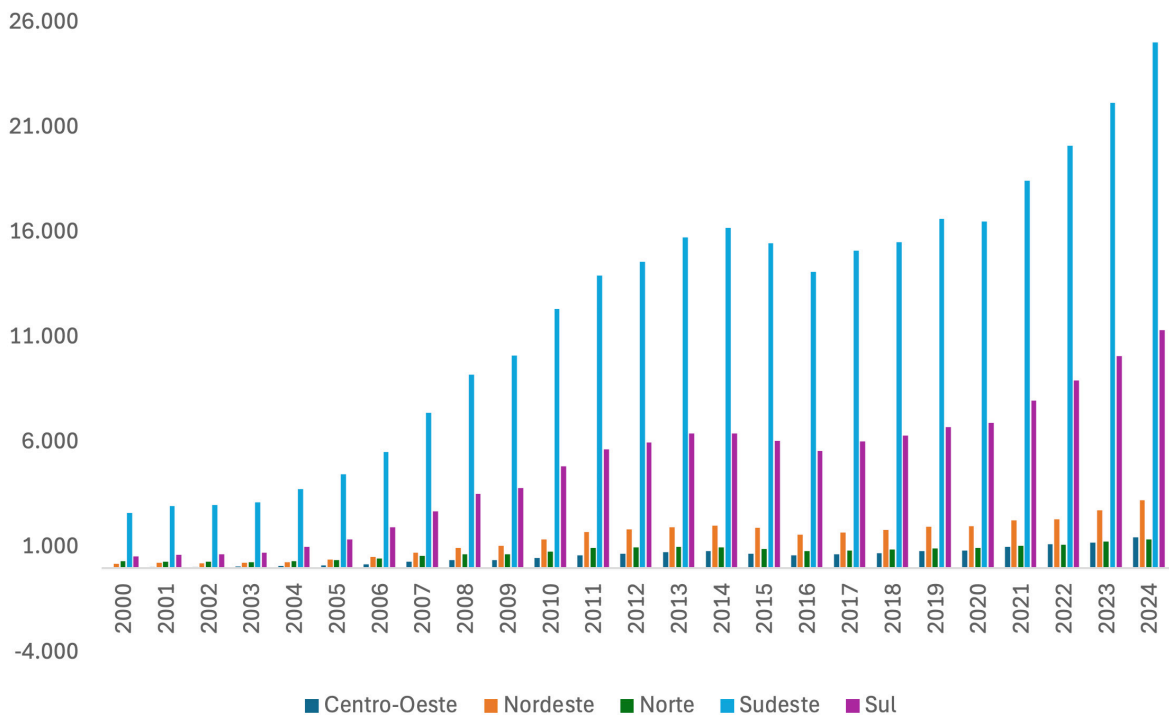
Além de fatores logísticos e institucionais (Arbache, 2011), a inserção regional nas cadeias globais de valor depende da convergência entre os perfis produtivos locais e a demanda externa. A trajetória da China nas regiões brasileiras reforça essa lógica: seu peso no *ranking* cresce onde há maior aderência entre a pauta exportadora regional e os interesses do mercado chinês — como ocorre de forma mais pronunciada no Centro-Oeste e Norte, e, em menor grau, no Nordeste.

China se consolida como principal origem das compras de empresas importadoras brasileiras, com crescimento em todas as regiões

Durante o período analisado, o peso da China como origem das importações de empresas brasileiras aumentou de maneira contínua em todas as regiões do país. O Centro-Oeste, embora ainda detenha o menor número de compradores, apresentou o crescimento proporcional mais expressivo desde o início da série histórica, impulsionado sobretudo pela demanda do agronegócio por insumos e equipamentos (MDIC, 2024). O Nordeste e o Sul também acompanharam esse movimento, refletindo a expansão da presença chinesa na oferta de bens finais e componentes industriais. A dinâmica revela uma ampliação da capilaridade regional das empresas brasileiras que compram do país asiático.

GRÁFICO 24

Evolução do número de empresas brasileiras que importam da China (divisão por regiões do Brasil)

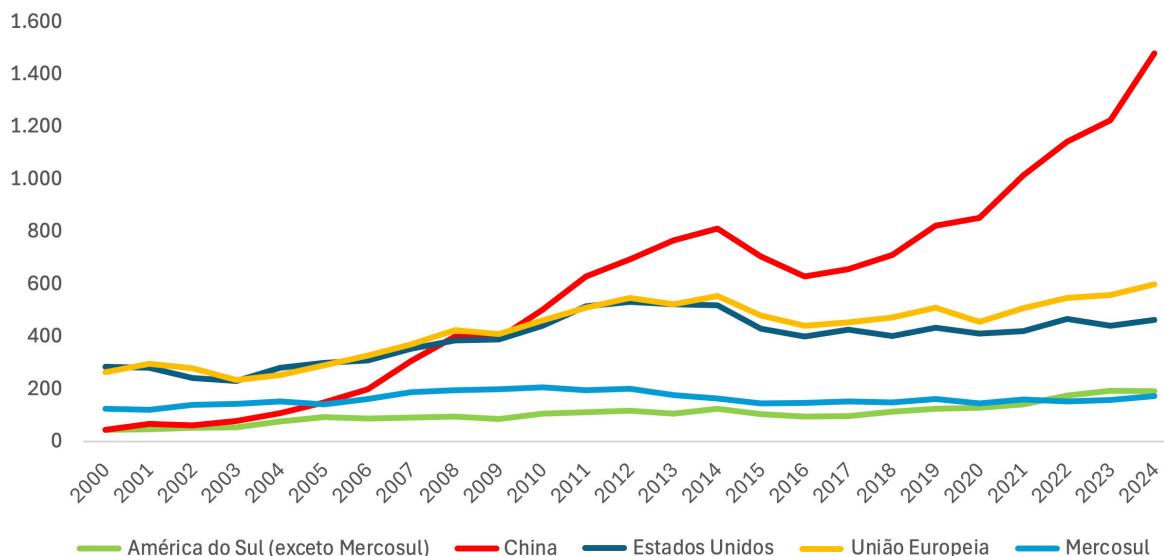


Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC

No Centro-Oeste, a China passou da periferia à liderança absoluta. O número de empresas importadoras da região cresceu quase 33 vezes desde 2000, chegando a 1.481 em 2024 e ultrapassando com folga Estados Unidos e União Europeia.

GRÁFICO 25

Principais origens das compras das empresas importadoras do Centro-Oeste (número de empresas)

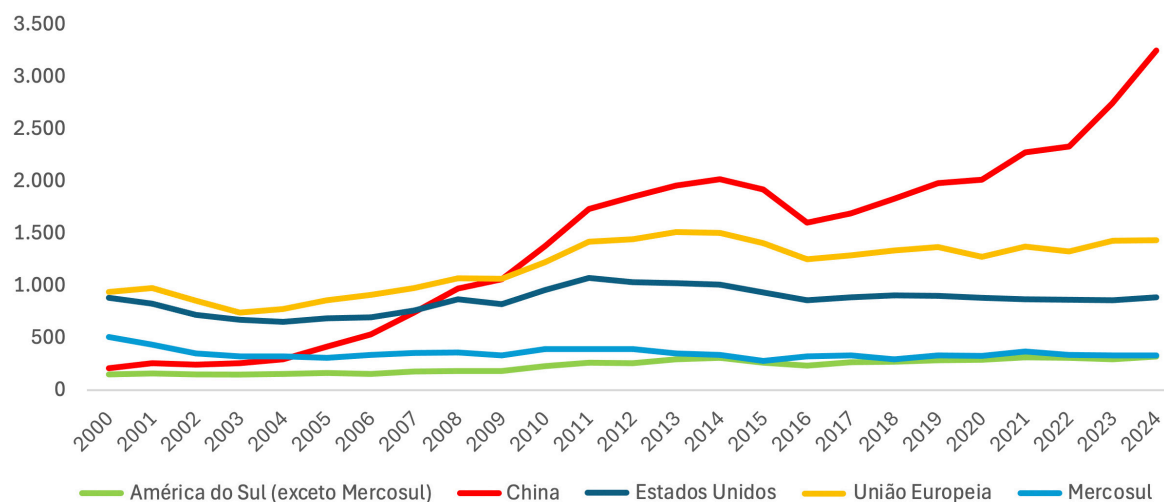


Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBEC

O Nordeste também experimentou uma transformação significativa. A China assumiu a liderança como origem das importações regionais, superando parceiros que dominavam o comércio no início da série histórica. A partir de 2009, o país asiático tornou-se a principal fonte das compras externas da região, movimento que se intensificou em anos recentes com o fortalecimento de *hubs* logísticos, como o Porto do Pecém. A nova rota direta com portos asiáticos, inaugurada em 2025, pode fortalecer ainda mais essa integração (Movimento Econômico, 2025). Em 2024, 3.251 firmas da região importaram da China.

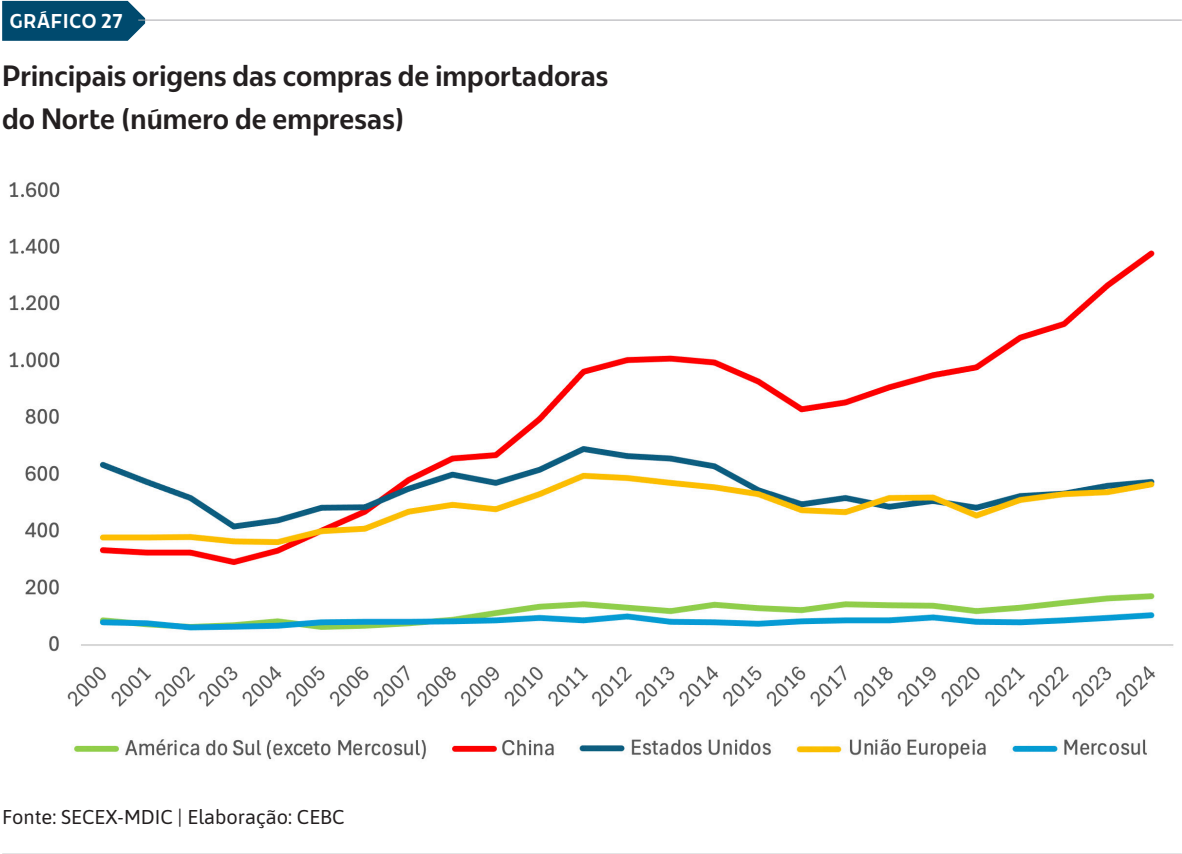
GRÁFICO 26

Principais origens das compras dos importadores do Nordeste (número de empresas)



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBEC

No Norte, a China ultrapassou os Estados Unidos e a União Europeia nos anos 2000, consolidando sua posição de liderança na década seguinte. Entre 2000 e 2024, o número de empresas da região que compram da China quase quintuplicou, atingindo 1.380, enquanto houve retração na base de importadoras voltadas aos Estados Unidos. A escalada chinesa reflete ganhos de competitividade e diversificação da oferta, favorecendo a substituição de fornecedores tradicionais (Panzini, 2023).



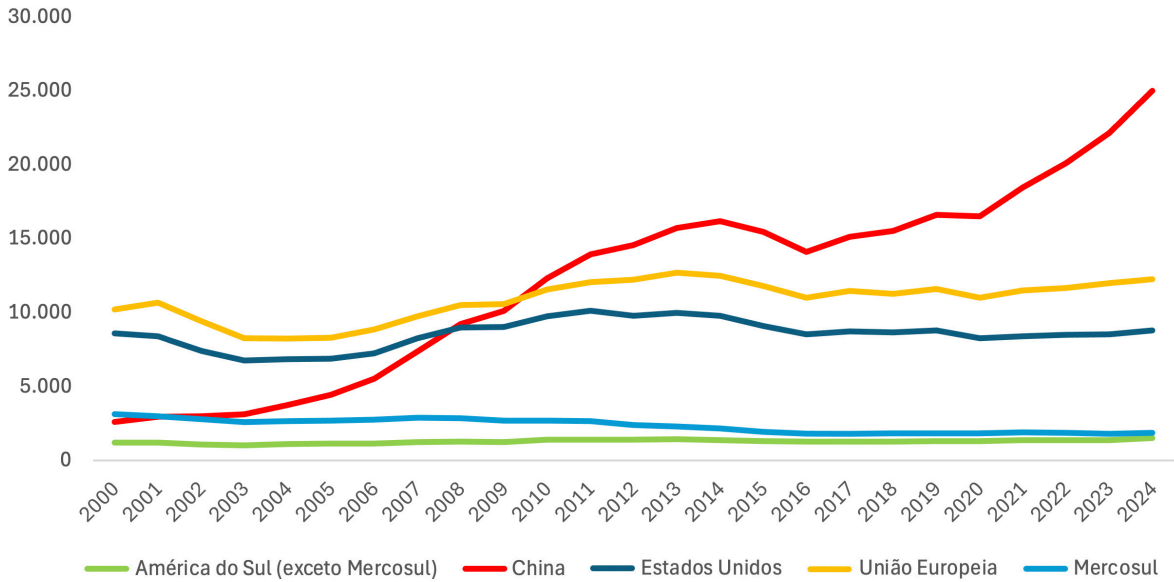
O Sudeste, principal polo industrial e logístico do Brasil, também protagonizou uma transformação estrutural no comércio com a China. No ano 2000, o país asiático era a terceira maior origem das importações da região. Em 2008, ultrapassou os Estados Unidos e, em 2011, a União Europeia, e se consolidou como o principal fornecedor em número de empresas importadoras. Em 2024, mais de 25 mil firmas sediadas no Sudeste compraram bens de origem chinesa.

Esse avanço foi impulsionado por uma infraestrutura logística consolidada, com destaque para o Porto de Santos, principal canal de entrada de produtos da China, e os aeroportos de Viracopos e Guarulhos, que operam cargas de alto valor agregado. A articulação entre portos, rodovias e polos industriais facilita o abastecimento regional e nacional, fortalecendo o papel da China nas cadeias de suprimento do Sudeste (Panzini, 2023).

Além de destino relevante para exportações, a China tem se consolidado como importante fornecedora de insumos industriais e bens de capital na região, especialmente para os setores agroindustrial, extrativo e de transformação (IEDI, 2025). Apenas em 2024, as importações de produtos industriais da China pelo Sudeste totalizaram mais de US\$ 26,7 bilhões, com destaque para automóveis de passageiros, aparelhos de telefonia e telecomunicações, dispositivos semicondutores e fotovoltaicos, defensivos agrícolas formulados industrialmente, compostos heterocíclicos nitrogenados de uso farmacêutico e químico, peças e acessórios para veículos automotores e circuitos integrados e microconjuntos eletrônicos. Muitos desses produtos abastecem setores estratégicos da indústria, contribuindo para a modernização tecnológica e o dinamismo das cadeias produtivas da região (Ipea, 2020).

GRÁFICO 28

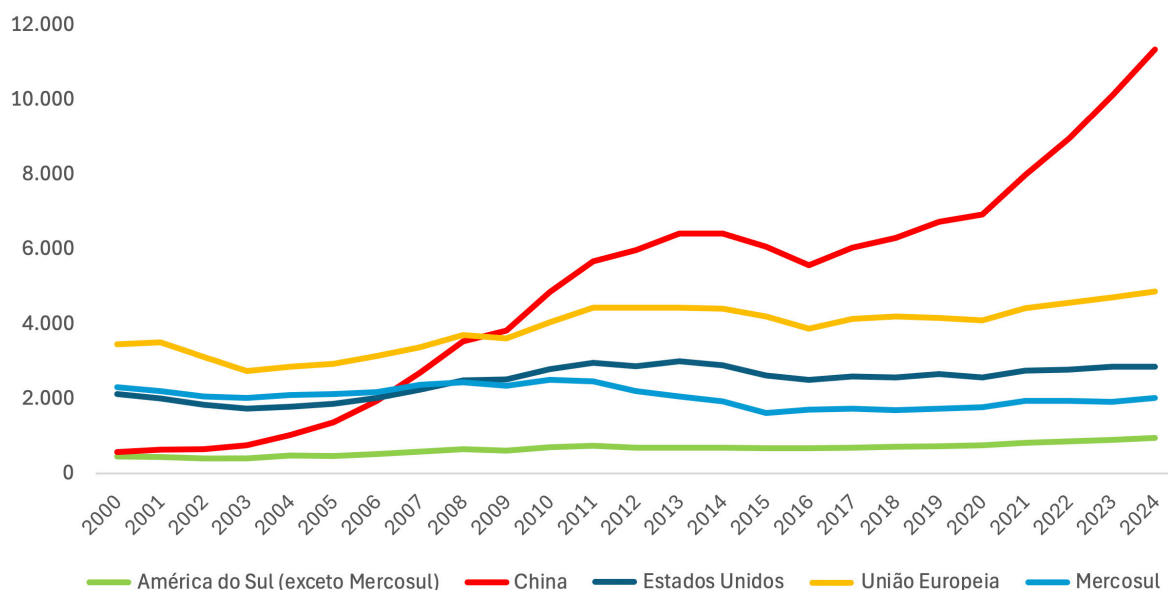
Principais origens das importações das empresas do Sudeste (número de empresas)



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC

A China também se consolidou como principal fornecedora de empresas do Sul. O número de importadores do país asiático na região hoje é 11.352, mais que o dobro dos que compram da União Europeia e mais de 3 vezes dos que negociam com os Estados Unidos. O predomínio chinês está ligado à dependência da indústria regional por insumos industriais que não são fabricados localmente — como fertilizantes, eletrônicos, peças e produtos químicos (Fonseca, 2022) — e à operação eficiente de estruturas logísticas, como o Porto de Paranaguá (Jb Litoral, 2024).

Principais origens das compras dos importadores do Sul (número de empresas)



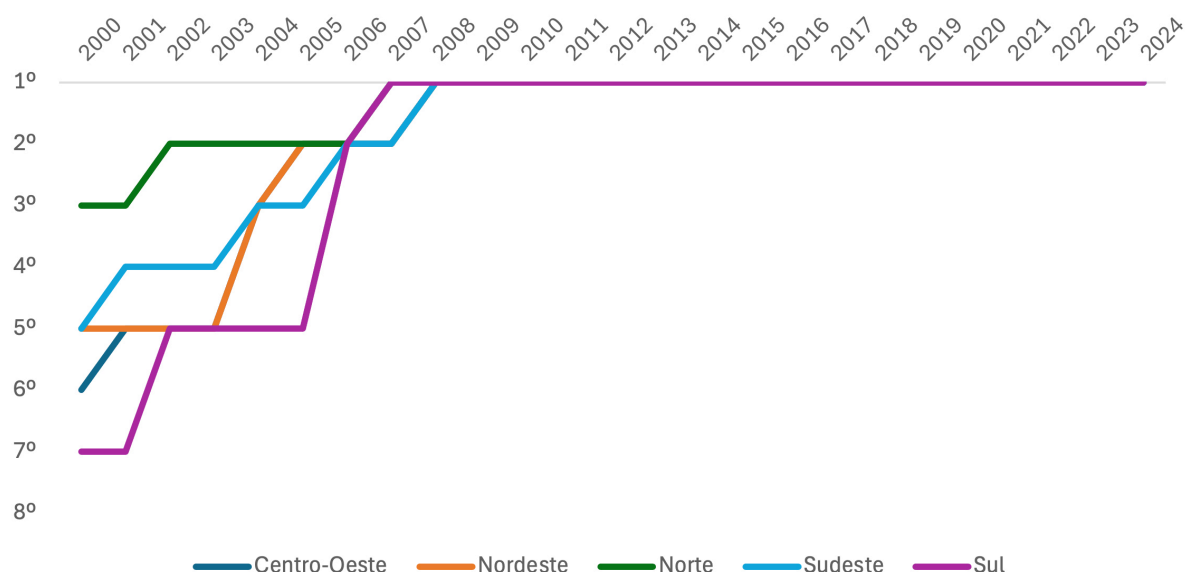
Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC

China lidera *ranking* de número de empresas importadoras em todas as regiões do Brasil desde 2008

Considerando os países de origem de forma desagregada — e não agrupados em regiões ou blocos econômicos —, a China ocupa, desde 2008, de forma contínua o primeiro lugar no *ranking* de número de empresas importadoras em todas as regiões do Brasil. Esse avanço se consolidou após um período inicial de menor protagonismo nos anos 2000.

A competitividade de preços e a escala produtiva da China contribuíram para a substituição de fornecedores tradicionais e a ampliação de sua presença no território brasileiro, inclusive em estados com menor peso relativo no comércio exterior.

Evolução da posição da China no *ranking* de número de empresas importadoras por região do Brasil



Fonte: SECEX-MDIC | Elaboração: CEBC

Nota: Os números no eixo Y indicam a posição da China no *ranking* de número de empresas importadoras por região do Brasil. Valores menores representam maior relevância.

Esse movimento revela a penetração capilar da China no mercado brasileiro como fornecedora de itens diversos, que incluem equipamentos de telecomunicações, semicondutores, insumos industriais, bens de capital e produtos de consumo final. O maior número de empresas importadoras em todas as regiões está voltado à China, independentemente da estrutura econômica ou complexidade produtiva local.

Essa consolidação também sinaliza uma transformação nas cadeias de suprimento brasileiras, marcada pela substituição gradual de fornecedores de parceiros tradicionais por chineses. Essa centralidade reflete a competitividade e escala produtiva da China, ao mesmo tempo em que impõe desafios relevantes para a autonomia e a resiliência do parque industrial brasileiro. A forte concentração em um único fornecedor expõe o país a riscos associados a choques externos, como interrupções logísticas, crises geopolíticas e mudanças abruptas de preços ou políticas comerciais.

Nesse cenário, ganham peso planos de diversificação de fornecedores, fortalecimento das cadeias produtivas nacionais e modernização da infraestrutura logística para reduzir gargalos e ampliar a autonomia produtiva do país.

4

Geração de emprego no comércio Brasil-China



Importações da China estão associadas a um maior número de empregos no Brasil do que as exportações para o país asiático

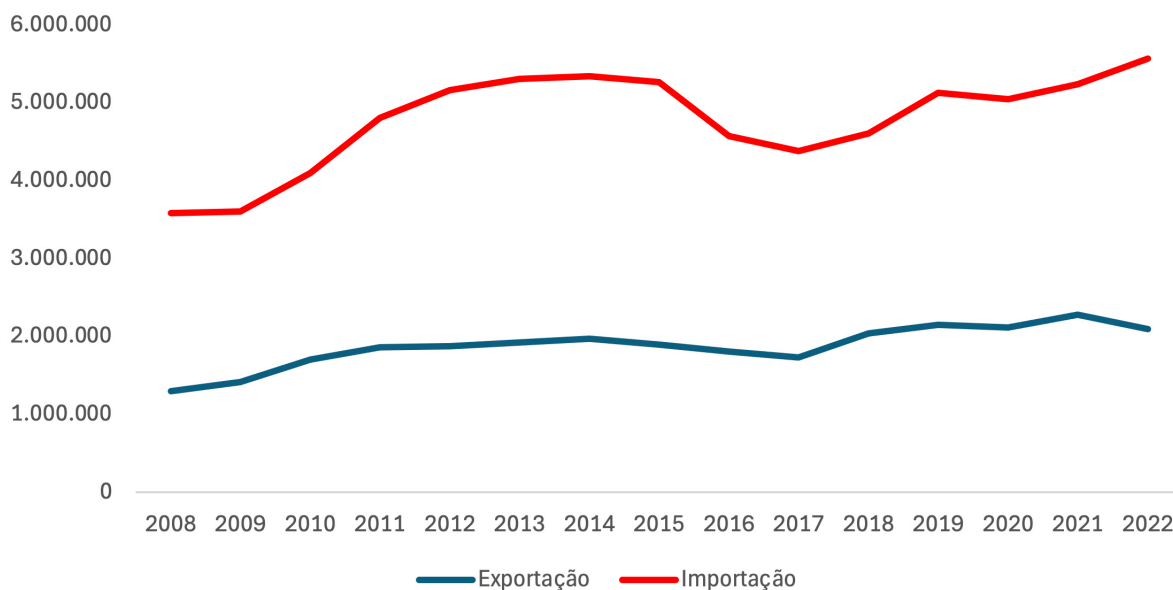
A inserção do Brasil no comércio internacional tem efeitos diretos e indiretos sobre o mercado de trabalho, ao estimular a atividade econômica, promover o crescimento dos setores produtivos e impulsionar a demanda por mão de obra. A China, como principal parceira comercial, exerce impacto significativo no mercado de trabalho nacional, ao contribuir com a geração direta e indireta de empregos nos setores ligados às exportações e importações.

Em 2022, cerca de 5,2 milhões de postos de trabalho estavam em empresas brasileiras que importaram bens da China, mais que o dobro dos 2,2 milhões de empregos registrados em empresas que exportaram para o país asiático. Essa predominância das importações como vetor de geração de empregos se manteve ao longo de toda a série histórica (2008–2022).⁶

Apesar disso, o ritmo de crescimento dos empregos vinculados às exportações foi maior no período: entre 2008 e 2022, houve um avanço de 62%, ante 55,4% no caso das importações. Trata-se de variação acumulada no intervalo, e não de crescimento médio anual.

6. Os dados utilizados para a análise do mercado de trabalho são os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), uma pesquisa que abrange empresas com vínculos ativos nos anos correspondentes e cuja série histórica se estende apenas até 2022.

Evolução do número de empregos associados ao comércio com a China



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

Entre os fatores que explicam a discrepância na criação de postos de trabalho está o fato de que um número maior de empresas está envolvido nas importações do que nas exportações no fluxo comercial com a China.

Também contribuem para esse cenário as características dos setores envolvidos. As exportações concentram-se em poucos segmentos com menor capacidade de geração de empregos, em razão de sua mecanização e baixo encadeamento produtivo. Já as importações, associadas principalmente à indústria de transformação, ativam um número maior de setores interdependentes, como transporte, comércio, logística e serviços auxiliares, o que amplia a capacidade de geração de postos de trabalho, sobretudo de forma indireta.

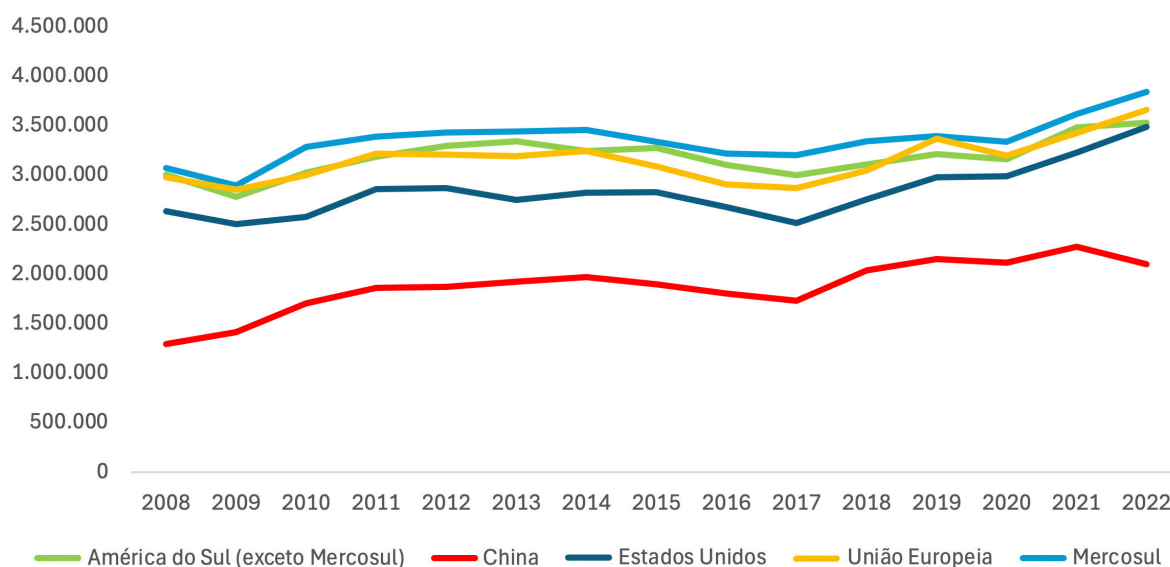
China tem o maior crescimento do número de empregos relacionados à exportação ao longo da série histórica

Embora o número de empregos associados às exportações para a China ainda seja inferior ao gerado por outros grandes parceiros do Brasil, como Mercosul, União Europeia e Estados Unidos, o país asiático lidera em termos de crescimento relativo. Vale destacar que uma mesma empresa pode exportar e importar simultaneamente de diferentes regiões, o que significa que os empregos associados ao comércio com diferentes parceiros não estão necessariamente concentrados em firmas distintas.

Em 2022, os maiores números de empregos estavam ligados às exportações para o Mercosul (3,8 milhões), a União Europeia (3,6 milhões), a América do Sul (3,5 milhões) e os Estados Unidos (3,4 milhões). A China ocupava a última posição entre os cinco parceiros destacados, com pouco mais de 2 milhões de postos de trabalho.

GRÁFICO 32

Evolução do número de empregos relacionados às exportações brasileiras para os principais parceiros (2008-2022)



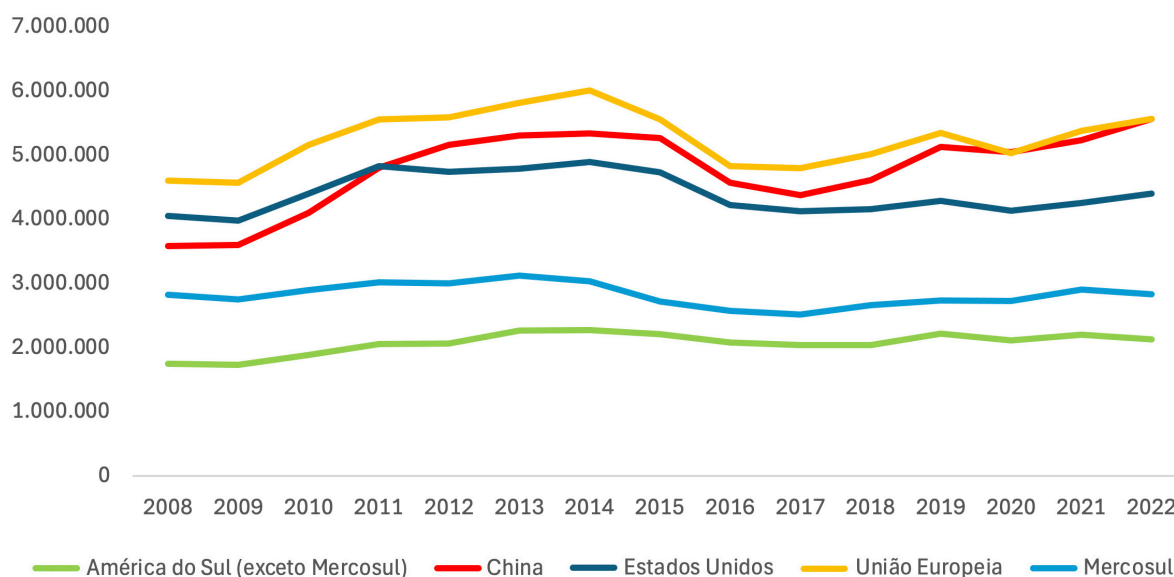
Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBEC

Mesmo em último lugar, a China foi o parceiro que teve o maior crescimento relativo na geração de empregos relacionados às exportações, com alta acumulada de 62% entre 2008 e 2022. Os outros destinos também apresentaram aumento nos postos de trabalho, mas em uma escala mais modesta. Os associados às vendas para os Estados Unidos cresceram 32,3%, seguidos de Mercosul (25,1%), União Europeia (22,8%) e demais países da América do Sul (17,4%).

China lidera em número de empregos associados às importações, ao lado da União Europeia

Diferentemente do cenário observado nas exportações, a China ocupa a liderança no número de empregos associados às importações brasileiras, praticamente empatada com a União Europeia. Em 2022, 5.567.576 postos de trabalho estavam vinculados às compras com origem no país asiático – 145 a mais que o total relacionado à UE, que liderava desde o início da série histórica. Estados Unidos (4,4 milhões), Mercosul (2,8 milhões) e demais países da América do Sul (2,1 milhões) completam o grupo dos principais parceiros.

Evolução do número de empregos relacionados às importações brasileiras dos principais parceiros



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

Além de alcançar o primeiro lugar em 2022, as empresas que importaram da China apresentaram o maior crescimento absoluto no número de empregos entre 2008 e 2022. Nesse período, o número de postos vinculados às compras brasileiras com origem no país asiático aumentou 55,4%. Em comparação, a América do Sul e a União Europeia registraram crescimentos de 21,7% e 21%, respectivamente, enquanto os Estados Unidos tiveram alta de 8,7% e o Mercosul, de apenas 0,3%.

A liderança da China na geração de empregos nas importações deve-se ao elevado número de empresas brasileiras compradoras e à pauta centrada em manufaturados e insumos para a indústria, que mobilizam cadeias como logística e comércio. A União Europeia apresenta padrão semelhante, mas com base empresarial menor. Já EUA, Mercosul e outros países da América do Sul têm impacto mais limitado, devido à menor diversificação e alcance empresarial.

Empregos associados às exportações para a China têm a terceira maior remuneração entre os principais parceiros comerciais do Brasil

Postos de trabalho gerados por empresas inseridas no comércio exterior tendem a oferecer maior estabilidade e melhores salários do que aqueles em firmas voltadas ao mercado interno (MDIC, 2023, p. 6).

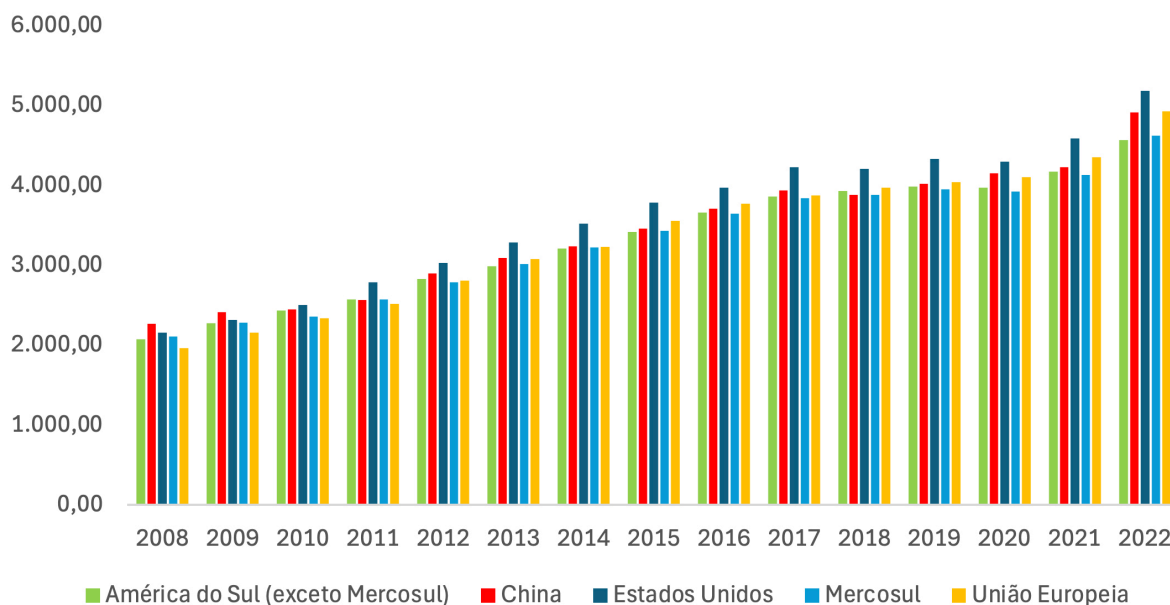
Entre os principais parceiros comerciais do Brasil, a China ocupa posição de destaque em termos de remuneração média paga por empresas exportadoras que atuam nesse mercado. Ao longo da série 2008–2022, os salários médios nessas empresas superaram, com frequência, os observados em firmas que exportam para destinos como América do Sul e Mercosul, aproximando-se — ou até superando — os níveis registrados nas exportadoras voltadas à União Europeia em determinados anos.

Em 2022, os empregos ligados às exportações para a China apresentaram a terceira maior remuneração média (R\$ 4.916,73), atrás apenas dos Estados Unidos (R\$ 5.185,57) e da União Europeia (R\$ 4.929,89), e acima do Mercosul (R\$ 4.625,30) e da América do Sul (R\$ 4.570,93). O desempenho reflete o perfil técnico e qualificado das ocupações associadas à pauta exportadora destinada ao país asiático.

Apesar de apresentar uma das maiores remunerações médias entre os principais parceiros comerciais do Brasil, os postos de trabalho relacionados às exportações para a China registraram o menor crescimento salarial entre 2008 e 2022 (116,6%). A remuneração aumentou de forma consistente, mas em ritmo inferior ao observado nos fluxos destinados a Estados Unidos (140,5%), União Europeia (151,5%), países da América do Sul (120%) e Mercosul (119,4%).

GRÁFICO 34

Evolução da remuneração média de empregos associados às exportações para regiões selecionadas (em R\$)



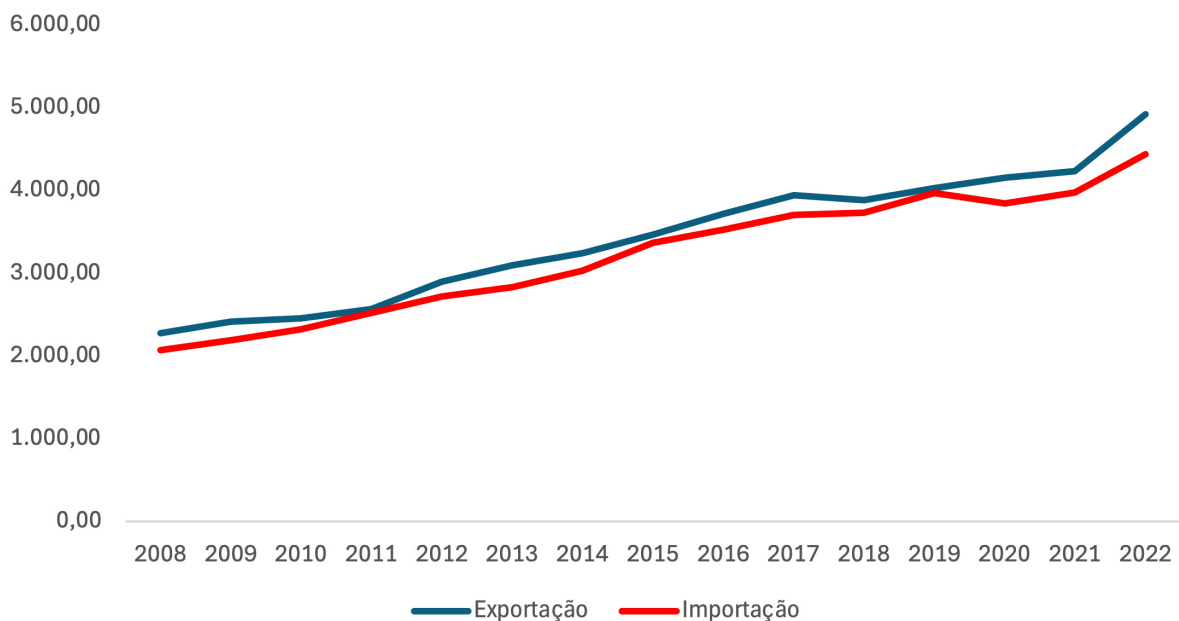
Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEEC

Remuneração média de postos de trabalho vinculados às exportações para a China é superior à daqueles vinculados às importações com origem país asiático

A remuneração de empregos associados às exportações para a China é superior à daqueles vinculados às importações com origem no país asiático ao longo de todo o período de análise. Em 2022, a remuneração média de empregos associados às exportações para o país asiático era de R\$ 4.916,73, enquanto a remuneração média relacionada às importações era de R\$ 4.430,44.

GRÁFICO 35

Evolução da remuneração média de empregos associados ao comércio Brasil-China (em R\$)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

A remuneração média de postos de trabalho relacionados ao comércio com a China cresceu tanto na via de exportação quanto de importação. No campo dos embarques para o país asiático, a remuneração média cresceu 116,6% ao longo da série histórica, enquanto para importações o ritmo de expansão foi de 114,4% ao longo dos anos.

Entre 2008 e 2022, a inflação acumulada no Brasil foi de 89,1%, segundo dados do IPCA do IBGE. A remuneração média dos trabalhadores associados ao comércio com a China cresceu em ritmo superior ao da inflação no período, indicando um ganho real de renda. Esse avanço sugere que os postos de trabalho relacionados a essas atividades, apesar de diversas desigualdades setoriais, vêm oferecendo condições salariais progressivamente melhores ao longo do tempo.

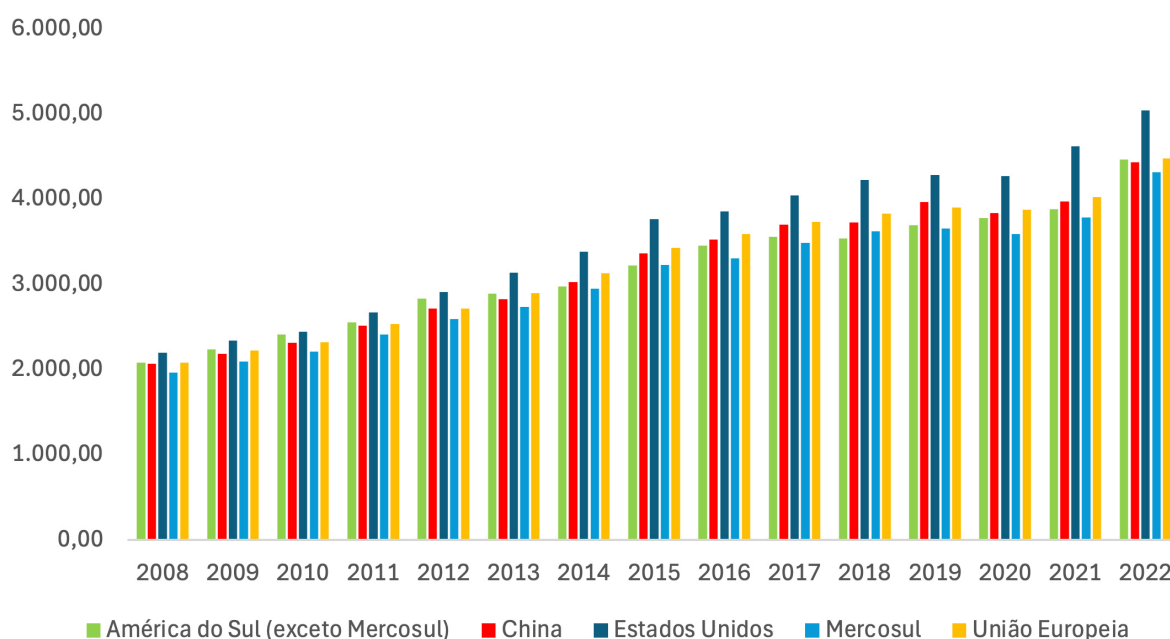
A diferença salarial entre os dois fluxos está associada tanto ao perfil setorial quanto ao porte das empresas envolvidas. As exportações para a China concentram-se em setores de alta produtividade e são dominadas por grandes empresas nacionais e multinacionais, com estruturas salariais mais robustas. Já as importações, relacionadas majoritariamente a bens manufaturados, mobilizam setores com maior proporção de empregos operacionais e médias salariais mais baixas.

Remuneração dos empregos associados às importações da China superam apenas os ligados às compras do Mercosul

Entre 2008 e 2022, todas as regiões analisadas apresentaram aumento da remuneração média dos empregos associados às importações. No caso da China, o crescimento foi de 114,4%, com o salário médio alcançando R\$ 4.430,44 em 2022. Apesar da evolução, o valor supera apenas o observado para o Mercosul (R\$ 4.318,92) no mesmo ano, ficando abaixo da média da América do Sul (R\$ 4.463,40), da União Europeia (R\$ 4.480,07) e dos Estados Unidos, que lideram o ranking com R\$ 5.041,18.

GRÁFICO 36

Evolução da remuneração de empregos associados às importações de regiões selecionadas (em R\$)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBEC

Os postos de trabalho relacionados às importações da China registraram o menor crescimento salarial entre 2008 e 2022 (114,4%) dentre as regiões consideradas. A remuneração aumentou de forma consistente, em velocidade similar à do Mercosul (119,8%), União Europeia (115,4%) e América do Sul (114,7%) mas em ritmo inferior ao observado nos Estados Unidos (129,1%).

5

Participação feminina no comércio Brasil-China



Empresas brasileiras que atuam no comércio exterior também registram avanços mais significativos na participação feminina no emprego formal (MDIC, 2023; 2024, p. 5; p. 7).

Pesquisas indicam que a intensificação das relações comerciais entre Brasil e China, especialmente a partir dos anos 2000, contribuiu para a redução das disparidades de gênero em termos salariais e de acesso ao emprego (Connolly, 2022; Paz, 2020). Os dados demonstram que a presença feminina no comércio sino-brasileiro tem avançado progressivamente, embora ainda permaneça inferior, em termos absolutos, quando comparada à de outras regiões.

As exportações brasileiras para a China concentram-se majoritariamente em *commodities* dos setores agropecuário e extrativo, historicamente caracterizados por baixa participação feminina. Segundo dados recentes, as mulheres representam apenas 17% da força de trabalho na mineração (WIM Brasil, 2024), 16,2% no agronegócio (Deloitte, 2022) e 15% na indústria de óleo e gás (IBP, 2025). Além de empregarem menos mulheres, esses segmentos também geram um número comparativamente reduzido de postos de trabalho, o que restringe ainda mais a inclusão feminina. Ademais, os embarques para a China são dominados por grandes empresas, com operações de alto valor agregado, mas com baixa intensidade de emprego.



Em contraste, as importações brasileiras com origem no país asiático abrangem uma ampla gama de produtos manufaturados e ativam cadeias produtivas longas em setores como comércio, varejo, distribuição e logística — áreas em que a presença feminina é mais expressiva, conforme apontam dados do MDIC. Além disso, as compras da China são realizadas majoritariamente por pequenas e médias empresas, o que amplia as oportunidades para a inserção feminina em diferentes funções e níveis ocupacionais.

Esses fatores influenciam a remuneração das mulheres inseridas no comércio brasileiro com a China. As exportações, baseadas em setores mais intensivos em capital e qualificação, apresentam salários médios mais elevados para trabalhadoras, sustentados por políticas estruturadas de remuneração de grandes empresas. Já as importações oriundas da China oferecem uma média salarial mais baixa, uma vez que as mulheres atuam em funções com menor exigência de qualificação.

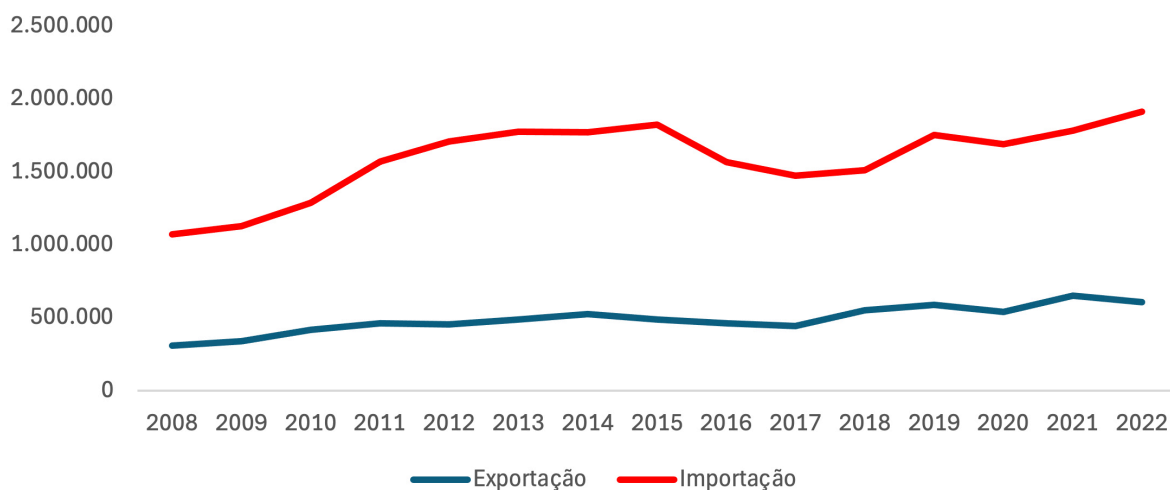
Participação feminina é maior nas importações com origem na China do que nas exportações para o país asiático

A participação das mulheres nos empregos ligados ao comércio com a China cresceu de forma expressiva nos últimos anos. No caso das exportações, o número de mulheres empregadas quase dobrou entre 2008 e 2022, passando de 309 mil para 608 mil — um aumento de 96,7%.

Nas importações, embora o ritmo de crescimento tenha sido mais moderado, de 78,4% no mesmo período, os números absolutos foram significativamente maiores ao longo da série histórica. Em 2008, cerca de 1 milhão de mulheres trabalhavam em atividades associadas às compras brasileiras oriundas da China. Em 2022, esse contingente alcançou 1,9 milhão.

GRÁFICO 37

Participação feminina nos empregos relacionados ao comércio com a China (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

A diferença na presença de mulheres nas exportações e importações é explicada, sobretudo, pelo perfil dos setores envolvidos em cada tipo de transação, a distribuição das mulheres nesses setores e o número de empresas participantes do comércio bilateral.

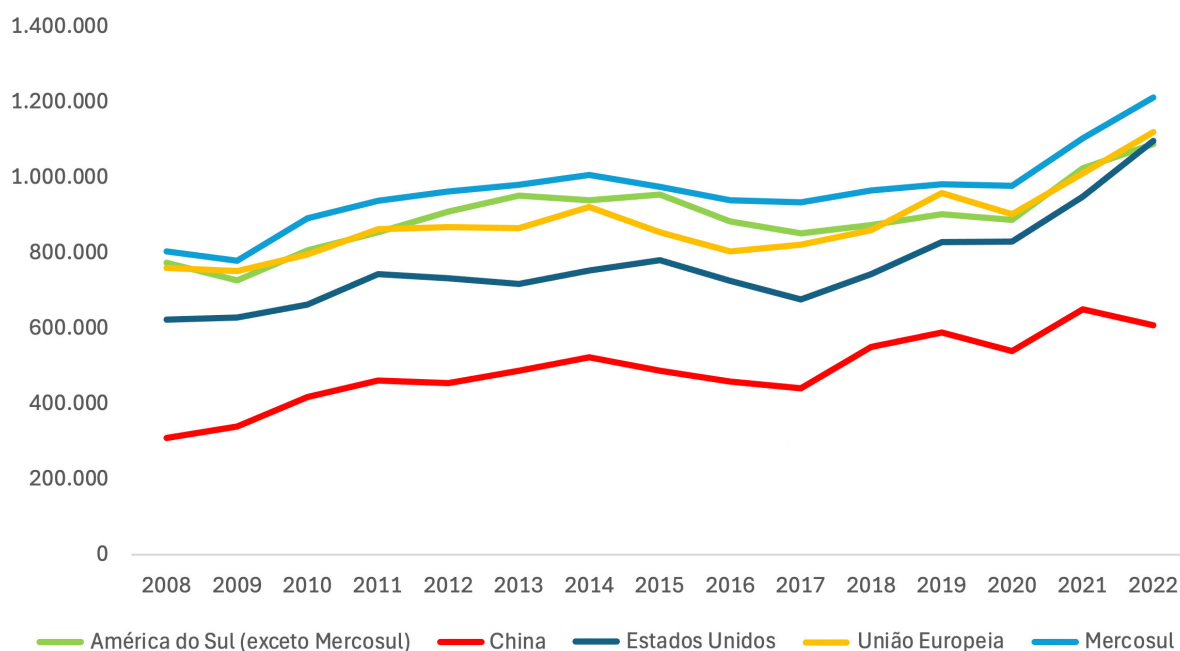
As importações originárias da China contribuem significativamente mais para a empregabilidade feminina no Brasil do que as exportações para o país asiático. Essa diferença, no entanto, não aponta para um desequilíbrio na relação comercial bilateral, mas sim para desigualdades estruturais na organização dos setores produtivos envolvidos em cada tipo de operação.

Participação feminina nas exportações para a China é a menor entre os principais parceiros comerciais do Brasil

A participação de mulheres em empregos relacionados às exportações com destino à China é a mais baixa entre os principais parceiros comerciais do Brasil. Em 2022, os maiores contingentes de mulheres empregadas estavam associados às exportações para o Mercosul (mais de 1,2 milhão), União Europeia (1,1 milhão), Estados Unidos e América do Sul (ambos com pouco mais de 1 milhão). A China ocupava a última posição, com 608 mil mulheres em postos de trabalho vinculados às vendas externas brasileiras.

GRÁFICO 38

Total de empregadas mulheres associadas às exportações do Brasil para os seus principais parceiros comerciais (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

Apesar disso, a China registrou o maior crescimento percentual na participação feminina ao longo do período analisado. Em 2008, havia 309 mil mulheres em funções associadas às exportações para o país asiático; esse número quase dobrou até 2022, atingindo 608 mil — um aumento de 96,7%. Em comparação, os demais parceiros também apresentaram elevação, porém em ritmo mais moderado: Estados Unidos (76,1%), Mercosul (50,6%), União Europeia (47,3%) e América do Sul (40,8%). Mesmo assim, em termos absolutos, a China continua com a menor participação feminina entre os destinos analisados.

Essa diferença se explica principalmente pela composição setorial da pauta exportadora brasileira e pelo número de empresas envolvidas nas transações com os países.

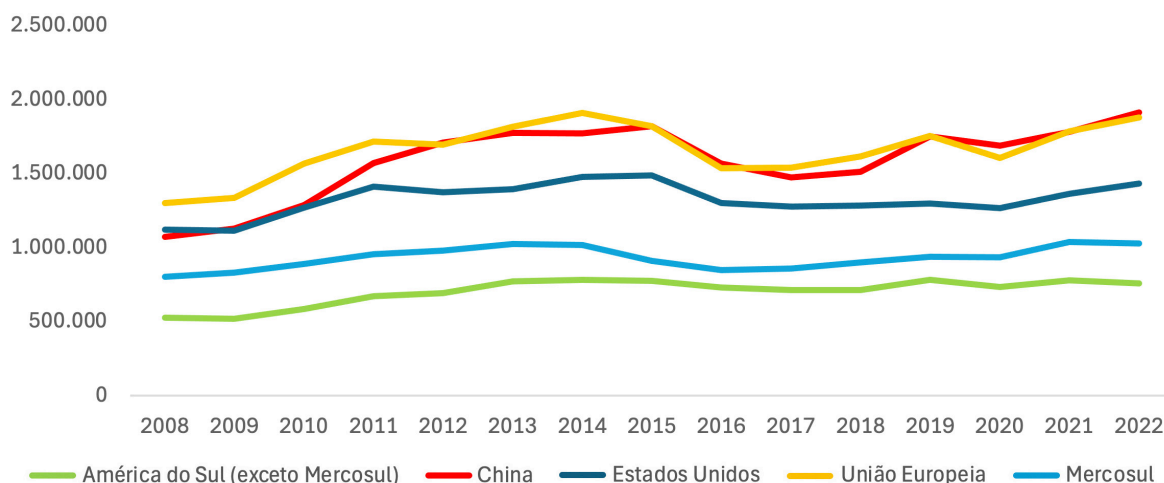
Participação feminina em empregos associados às importações da China é a maior entre os principais parceiros comerciais

O cenário das importações apresenta um quadro mais favorável à participação feminina. As compras com origem na China concentram o maior número de mulheres empregadas em postos vinculados a esse fluxo comercial, superando todos os outros principais parceiros do Brasil. Além disso, o crescimento absoluto da presença feminina nesse segmento foi o mais expressivo ao longo do período analisado.

Em 2022, as importações da China estiveram associadas ao emprego de mais de 1,9 milhão de mulheres, superando a União Europeia (1,8 milhão), que havia liderado durante a maior parte da série histórica. Na sequência, aparecem os Estados Unidos (1,4 milhão), o Mercosul (pouco mais de 1 milhão) e, por último, a América do Sul, com cerca de 760 mil mulheres em postos relacionados às importações.

GRÁFICO 39

Total de empregadas mulheres associadas às importações do Brasil para os seus principais parceiros comerciais (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBEC

A China também registrou o maior crescimento na participação feminina nos empregos gerados por importações, com um avanço de 78,4% entre 2008 e 2022. Para efeito de comparação, União Europeia e América do Sul apresentaram aumentos semelhantes entre si (44,4% e 44,3%, respectivamente), enquanto o crescimento foi menor para o Mercosul (27,9%) e Estados Unidos (27,8%).

Em resumo, as importações com origem na China têm proporcionado uma inserção mais expressiva das mulheres no comércio exterior brasileiro, refletindo as características estruturais dos setores envolvidos e a amplitude empresarial desse fluxo comercial.

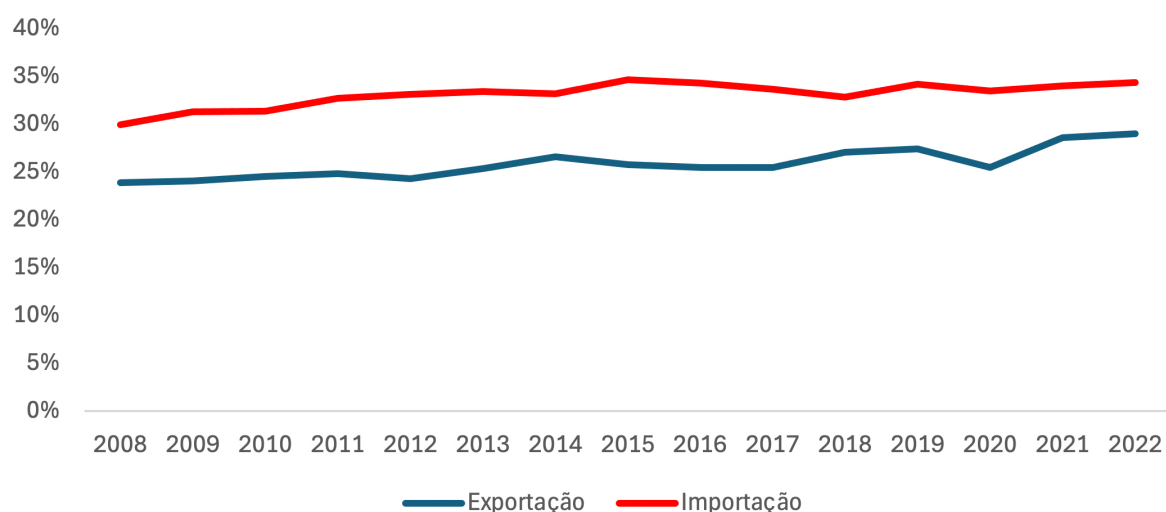
Participação de mulheres no total de empregados do comércio exterior brasileiro com a China beira os 30%

A presença feminina entre os trabalhadores de empresas brasileiras que exportam para a China atingiu 29% em 2022, o maior patamar da série histórica iniciada em 2008, quando o percentual era de 23,9%. Embora tenha havido avanço de 5,1 pontos percentuais ao longo de 14 anos, esse crescimento foi modesto e marcado por períodos de estagnação e até retração, como em 2020, quando o índice caiu para 25,5% após alcançar 27,4% no ano anterior.

No sentido das importações, os índices são mais expressivos. As empresas brasileiras que compram produtos da China apresentaram uma participação feminina de 34,4% em 2022, comparados a 29,9% em 2008. O pico foi registrado em 2015, com 34,6% de mulheres no total de empregados.

GRÁFICO 40

Participação de mulheres no total de empregados das empresas brasileiras que exportam e importam da China (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBEC

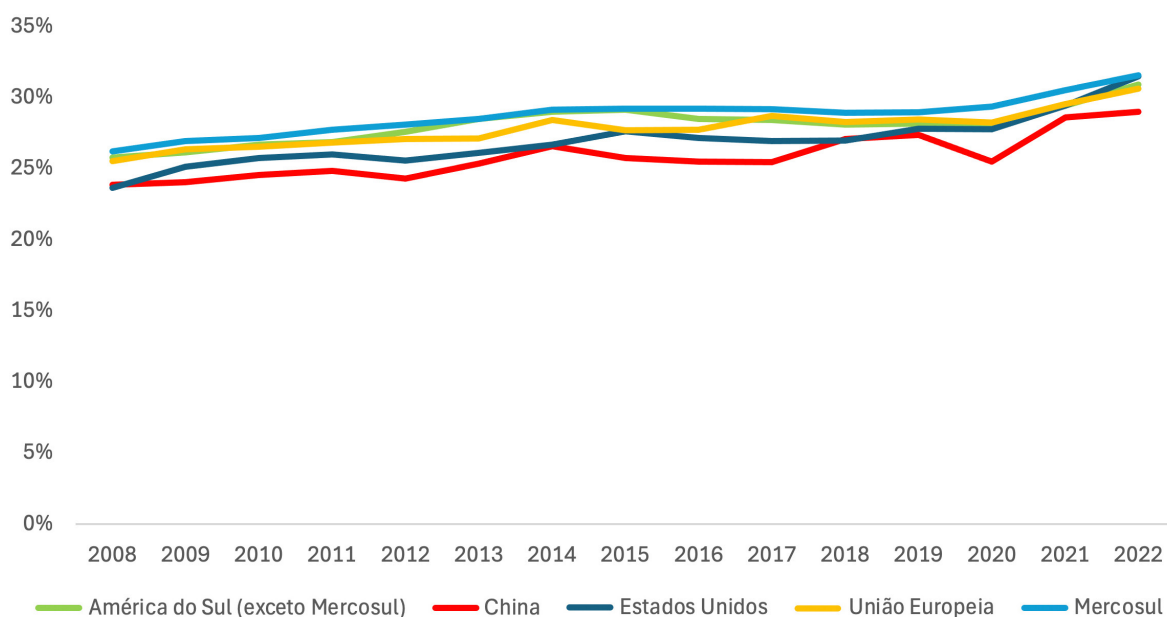
A diferença entre os percentuais está diretamente relacionada à composição setorial de cada fluxo.

Participação feminina no total de empregados de firmas brasileiras que participam do comércio exterior brasileiro fica abaixo dos 40% para todos os principais parceiros comerciais

Entre 2008 e 2022, a participação feminina no total de empregados das empresas exportadoras cresceu, mas nenhuma das regiões alcançou 32% de mulheres no total de funcionários em 2022. O menor percentual foi o da China, com 29%, enquanto América do Sul e União Europeia tiveram trajetórias semelhantes, fechando o ano com participação de 30,9% e 30,6%, respectivamente. Empresas que exportam para Mercosul e Estados Unidos têm a maior participação feminina no total de funcionários, de 31,6% e 31,5%, respectivamente.

GRÁFICO 41

Participação percentual de mulheres no total de empregados das empresas brasileiras exportadoras para os principais parceiros comerciais (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

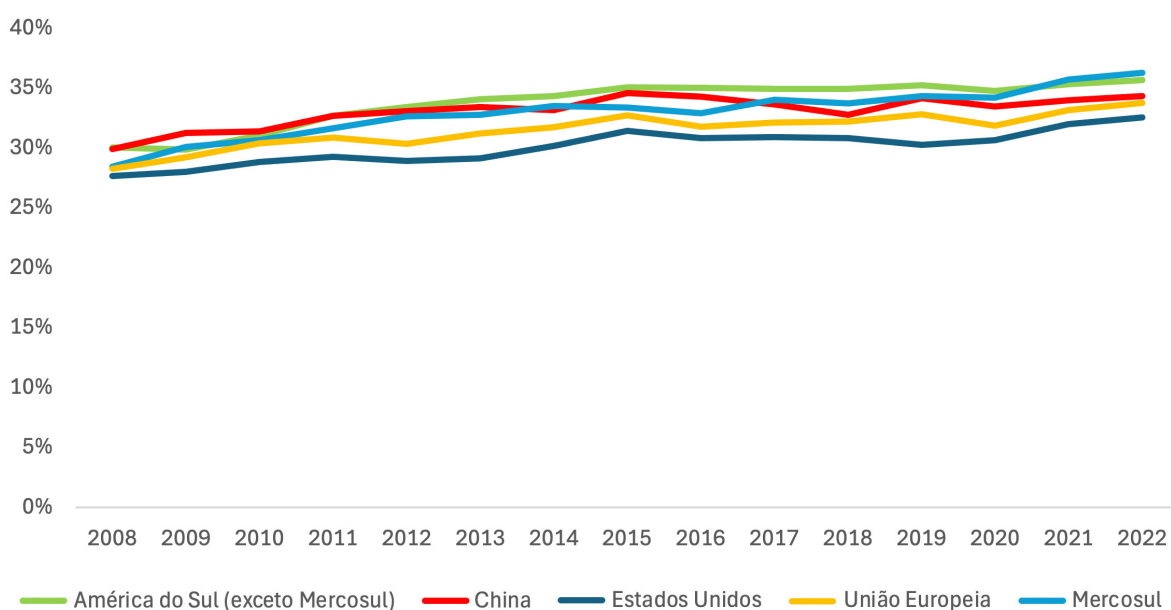
O cenário das importações é ligeiramente mais positivo em comparação às exportações. Entre 2008 e 2022, houve crescimento contínuo na presença de mulheres nas empresas brasileiras importadoras, mas nenhuma das regiões analisadas alcançou 37% de participação feminina entre o total de empregados.

As maiores proporções foram registradas nas empresas que importam dos países vizinhos: 36,3% para o Mercosul e 35,7% para os demais países da América do Sul, mesmo que esses destinos não concentrem os maiores números absolutos de mulheres empregadas, conforme apontado em análises anteriores.

As firmas que importam da China ocuparam a terceira posição, com 34,4% de participação feminina em 2022. Na sequência, aparecem empresas que transacionam com a União Europeia (33,8%) e com os Estados Unidos (32,6%).

GRÁFICO 42

Participação percentual de mulheres no total de empregados das empresas brasileiras importadoras dos principais parceiros comerciais (2008 – 2022)

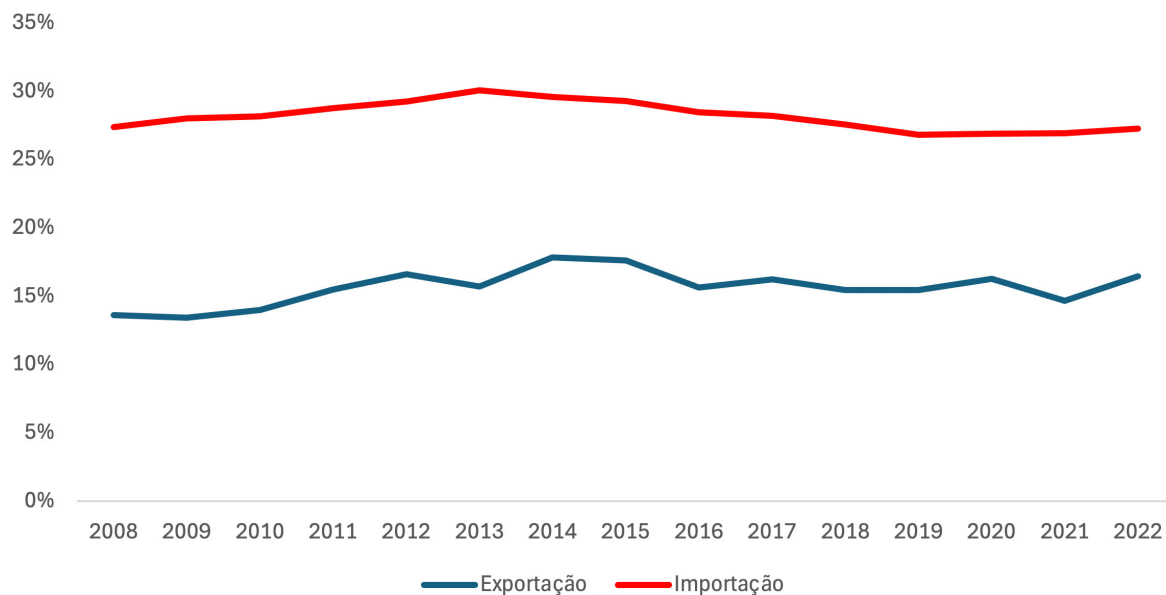


Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

Poucas empresas que comercializam com a China têm mais da metade do quadro de funcionários composto por mulheres

O número de empresas brasileiras que exportam para a China ou importam do país e possuem 50% ou mais de mulheres em sua força de trabalho permanece reduzido, especialmente entre as exportadoras.

Percentual de empresas brasileiras que comercializam com a China com metade ou mais de mulheres em seu quadro de funcionários (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

Em 2022, apenas 16,5% das empresas brasileiras que exportavam para a China contavam com maioria feminina em seus quadros. No início da série histórica, esse percentual era ainda menor, 13,6%. Além do crescimento modesto ao longo dos anos, o avanço foi marcado por estagnações e recuos. Em 2014, o índice atingiu 17,8%, patamar que não foi retomado.

Nas importações, a situação é um pouco mais favorável. Em 2022, 27,3% das empresas brasileiras que importavam da China tinham pelo menos metade de seus funcionários do gênero feminino. Esse percentual, no entanto, era mais alto em 2014, quando chegou a 29,6%. Desde então, observou-se um declínio progressivo, com retorno a níveis próximos aos do início da série.

Os dados revelam que, embora haja avanços pontuais, a presença feminina em empresas inseridas no comércio sino-brasileiro ainda é limitada. O cenário reforça a necessidade de políticas empresariais e públicas voltadas à promoção da equidade de gênero em setores ligados ao comércio exterior.

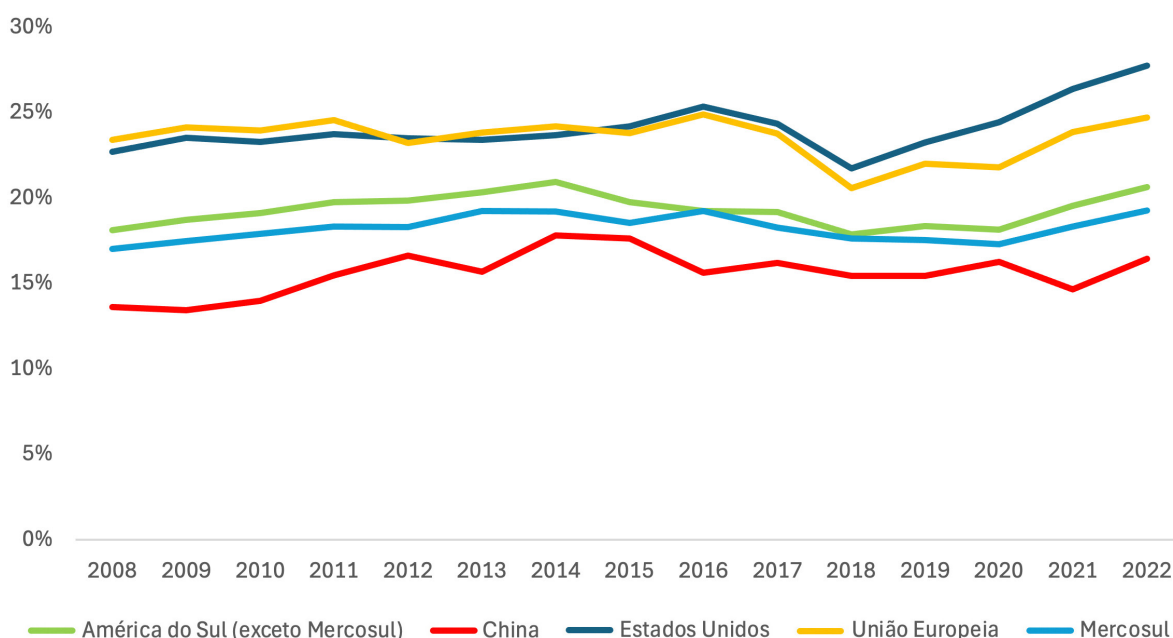
De acordo com análises da Secex (2024, p. 12/13), a presença de mulheres é menor nas empresas exportadoras e importadoras dos setores extrativo e agropecuário, enquanto é mais expressiva no comércio e nos serviços. Esse panorama se reproduz no comércio entre Brasil e China: as exportações brasileiras, fortemente concentradas em mineração e agropecuária, apresentam baixa participação feminina; já as importações, que movimentam cadeias produtivas ligadas ao setor de serviços, como comércio e logística, contam com maior presença de mulheres.

Percentual de empresas compostas majoritariamente por mulheres é baixo para todos os parceiros comerciais do Brasil

O percentual de 16,5% de empresas que empregam mais mulheres que homens registrados no caso da China é o menor entre os cinco parceiros analisados. Estados Unidos e União Europeia têm as participações mais elevadas, de 27,8% e 24,7%, respectivamente. América do Sul, com 20,7%, e Mercosul, com 19,3%, aparecem em seguida.

GRÁFICO 44

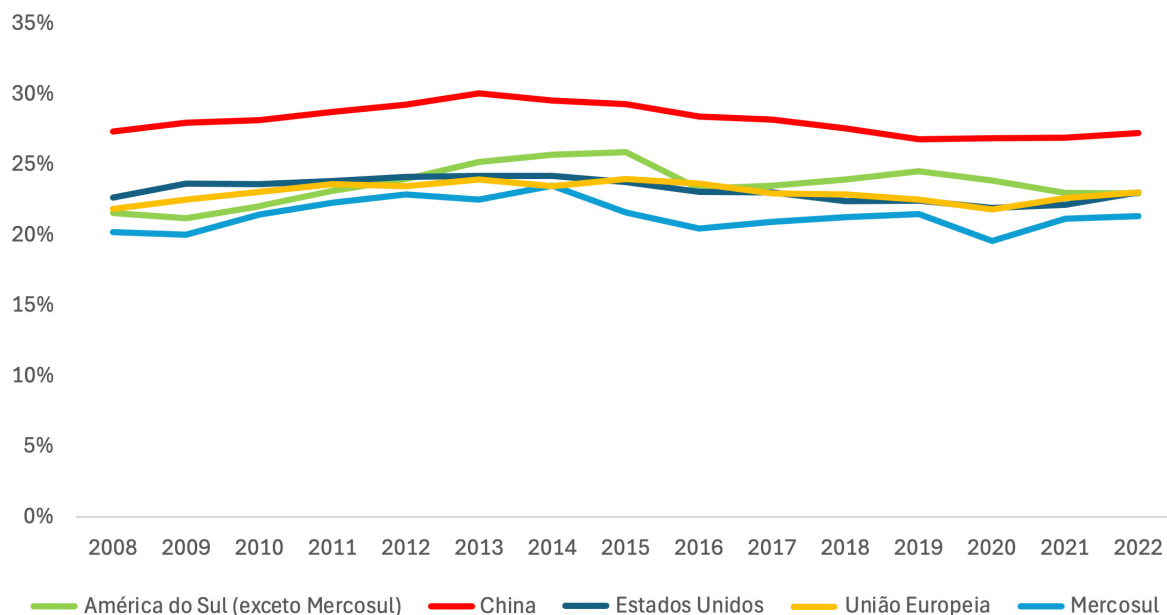
Percentual de empresas brasileiras que exportam para os principais parceiros comerciais que têm metade ou mais de mulheres em seu quadro de funcionários (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

No caso das origens das importações, a China lidera no percentual de empresas brasileiras com mais da metade de sua força de trabalho integrada por mulheres, com 27,3%. Em seguida, aparecem América do Sul, Estados Unidos e União Europeia, com 23% cada. O Mercosul fecha a lista: 21,4% das empresas importadoras têm presença majoritariamente feminina.

Percentual de empresas brasileiras que importam dos principais parceiros comerciais que têm metade ou mais de mulheres em seu quadro de funcionários (2008 – 2022)



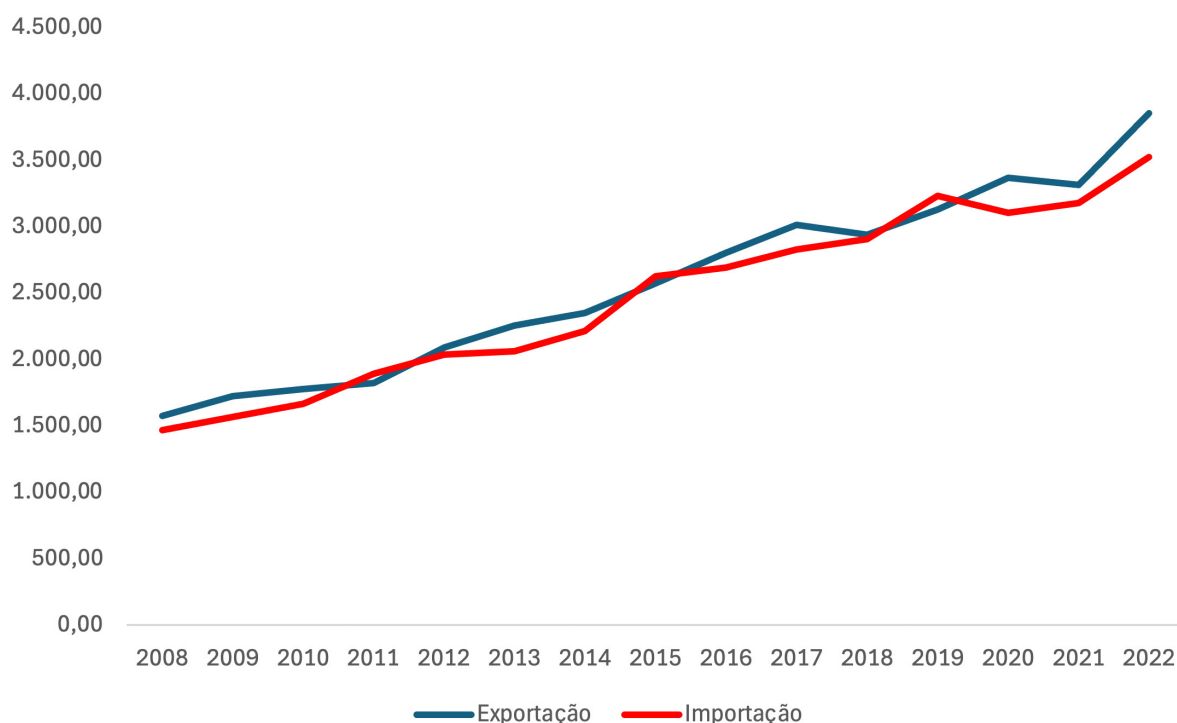
Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

Remuneração média de mulheres que trabalham com exportações para a China é superior à daquelas que trabalham com importações do país asiático

Empresas brasileiras envolvidas no comércio exterior remuneraram melhor os seus funcionários, tanto homens quanto mulheres quando comparadas a empresas que atuam somente no mercado doméstico (MDIC, 2023; 2024 p. 5; p. 7).

A remuneração de empregos femininos associados às exportações para a China é superior à daqueles vinculados às importações com origem no país asiático ao longo de quase todo o período de análise – as exceções foram os anos de 2011, 2015 e 2019. Em 2022, a remuneração média de mulheres que trabalham com exportações para o país asiático foi de R\$ 3.854,31, comparados a R\$ 3.522,74 no caso das importações. Como ocorre na força de trabalho em geral, os salários femininos estão abaixo da média de todos os empregados que, no caso das empresas que comercializam com a China, foi de R\$ 4.916,73 nas exportações e R\$ 4.430,44 nas importações em 2022. Essa mesma disparidade é registrada em todos os cinco parceiros analisados.

Remuneração média de mulheres que trabalham com exportações e importações da China (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

A remuneração média de mulheres que trabalham em empresas que comercializam com a China cresceu nas duas direções. Nas exportações, ela aumentou 144,8% ao longo da série histórica. Em 2008, os salários eram de R\$ 1.574,36 e, em 2022, chegavam a R\$ 3.854,31. Nas importações, o ritmo de crescimento também foi alto, de 140,1% ao longo dos anos, com o salário médio passando de R\$ 1.467,50 em 2008 para R\$ 3.522,75 em 2022.

Entre 2008 e 2022, a inflação acumulada foi de 89,1%, enquanto a remuneração média feminina do comércio com a China cresceu em ritmo superior, indicando ganho real de renda no período.

Mulheres recebem pouco mais de 70% do salário dos homens no comércio com a China

Como ocorre na força de trabalho de maneira geral, os salários pagos às mulheres por empresas envolvidas no comércio exterior são inferiores aos dos homens — e isso ocorre em relação a todos os parceiros considerados neste estudo. A disparidade se deve à segmentação de funções, à baixa presença feminina em cargos de chefia e às desigualdades nas políticas internas de promoção e remuneração. Apesar da maior participação de mulheres nos setores relacionados às importações, as funções tendem a ser de menor remuneração.

Apesar da disparidade, vê-se uma redução da distância entre 2008 e 2022, período no qual a remuneração feminina aumentou como proporção da masculina.

Em empresas que exportam para a China, o salário médio pago às mulheres era de R\$ 1.574,36 em 2008, valor que correspondia a 63,2% do que era pago aos homens. Em 2022, as trabalhadoras receberam em média R\$ 3.854,31 ou 72% do que foi pago à força de trabalho masculina, uma redução de quase 9 pontos percentuais na distância entre a remuneração dos dois grupos.

Esse cenário reflete a combinação de desigualdades estruturais, como a segmentação ocupacional nos setores exportadores, a sub-representação feminina em cargos de liderança e a menor valorização de funções tipicamente exercidas por mulheres.

GRÁFICO 47

Remuneração média de homens e mulheres que trabalham em empresas exportadoras para China (2008-2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

Nota: O gap salarial se refere a valores absolutos em R\$. Os números no eixo X indicam o valor dos salários, enquanto o eixo secundário Y indica o percentual relativo entre os salários das mulheres e dos homens.

Geralmente intensivos em capital e com alta remuneração média, os setores envolvidos nos embarques para a China apresentam menor diversidade ocupacional de gênero, o que contribui para o alargamento da diferença salarial.

Em termos relativos, as empresas que exportam para a China apresentaram o menor crescimento na equiparação salarial entre mulheres e homens entre todos os parceiros comerciais, com avanço de 8,8 pontos percentuais. Os Estados Unidos lideraram esse processo, com um aumento de 12,4 pontos. Em 2008, o salário médio pago às mulheres nas firmas exportadoras para o mercado americano era de R\$ 1.569,98 — o equivalente a 67,1% do salário dos homens. Em 2022, essa média subiu para R\$ 4.407,28, correspondendo a 79,5% da remuneração masculina.

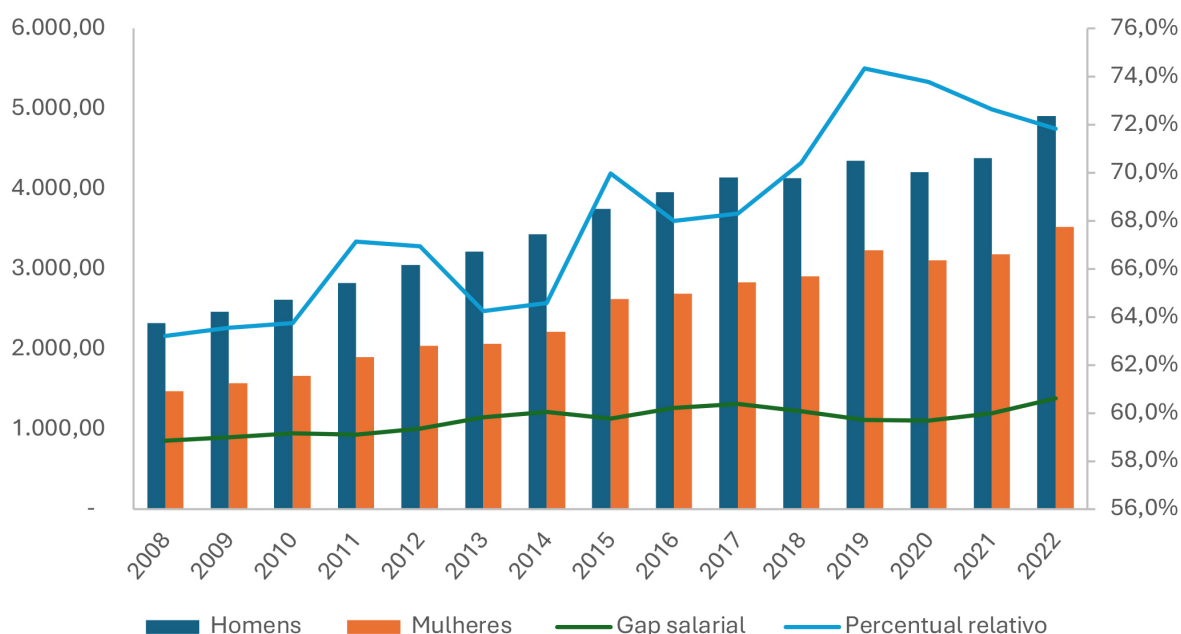
As empresas que vendem para a União Europeia registraram o segundo maior avanço relativo: 11,7 pontos percentuais entre 2008 e 2022. No início da série histórica, mulheres recebiam R\$ 1.397,98, ou 64,9% do que era pago aos homens. Em 2022, essa média chegou a R\$ 4.071,63, representando 76,6% do salário masculino.

No caso das exportações para o Mercosul e para outros países da América do Sul, os aumentos relativos foram de 11 e 10 pontos percentuais, respectivamente. Para o Mercosul, o salário médio feminino era de R\$ 1.472,44 em 2008 — 63% do valor recebido pelos homens. Em 2022, chegou a R\$ 3.730,47, o equivalente a 74% da remuneração masculina. Nas firmas que exportavam para os demais países da América do Sul, as mulheres ganhavam R\$ 1.462,82 em 2008, ou 63,8% do salário dos homens. Em 2022, a média subiu para R\$ 3.673,34, correspondendo a 73,8% da remuneração masculina.

As disparidades salariais de gênero também ocorrem no âmbito das importações, mas nesse segmento a China registrou o maior avanço na remuneração feminina em relação à masculina entre todos os parceiros analisados. Em 2008, as mulheres empregadas por empresas que compravam da China recebiam, em média, R\$ 1.467,50, o equivalente a 63,2% dos R\$ 2.321,83 que eram pagos aos homens. Em 2022, o percentual subiu para 71,8%, o que significou uma redução de 8,6 pontos percentuais na distância entre as remunerações, que foram de R\$ 3.522,75 e R\$ 4.905,38, respectivamente.

GRÁFICO 48

Remuneração média de homens e mulheres que trabalham em empresas importadoras da China (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEEC

Nota: O gap salarial se refere a valores absolutos em R\$. Os números no eixo X indicam o valor dos salários, enquanto o eixo secundário Y indica o percentual relativo entre os salários das mulheres e dos homens.

As empresas importadoras do Mercosul ficaram em segundo lugar, com crescimento de 7,7 pontos percentuais entre 2008 e 2022. No início da série, as mulheres recebiam em média R\$ 1.369,09, o equivalente a 62,1% do que era pago aos homens. Em 2022, a média subiu para R\$ 3.388,31, representando 69,8% da remuneração dos homens.

As firmas que importam dos Estados Unidos registraram avanço de 7,1 pontos percentuais, mas saíram de um patamar mais elevado e atingiram a maior proporção em 2022. Em 2008, as trabalhadoras recebiam R\$ 1.642,66, o que representava 68% da remuneração do sexo masculino. Em 2022, o salário chegou a R\$ 4.121,65, alcançando 75,1% do salário dos homens.

Entre as empresas que compram da América do Sul, o crescimento relativo foi de 6,3 pontos percentuais. No início da série histórica, as mulheres recebiam 63,3% do salário dos homens, com remunerações de R\$ 1.479,68. Já em 2022, as mulheres ganhavam 69,6% da remuneração dos homens, com salários médios de R\$ 3.485,09.

As importadoras da União Europeia apresentaram o menor avanço relativo: 5,1 pontos percentuais. Em 2008, as trabalhadoras recebiam R\$ 1.553,90, o equivalente a 67,9% do salário dos homens. Já em 2022, os salários das mulheres equivaliam a 73% dos salários masculinos, com remunerações médias de R\$ 3.599,70.

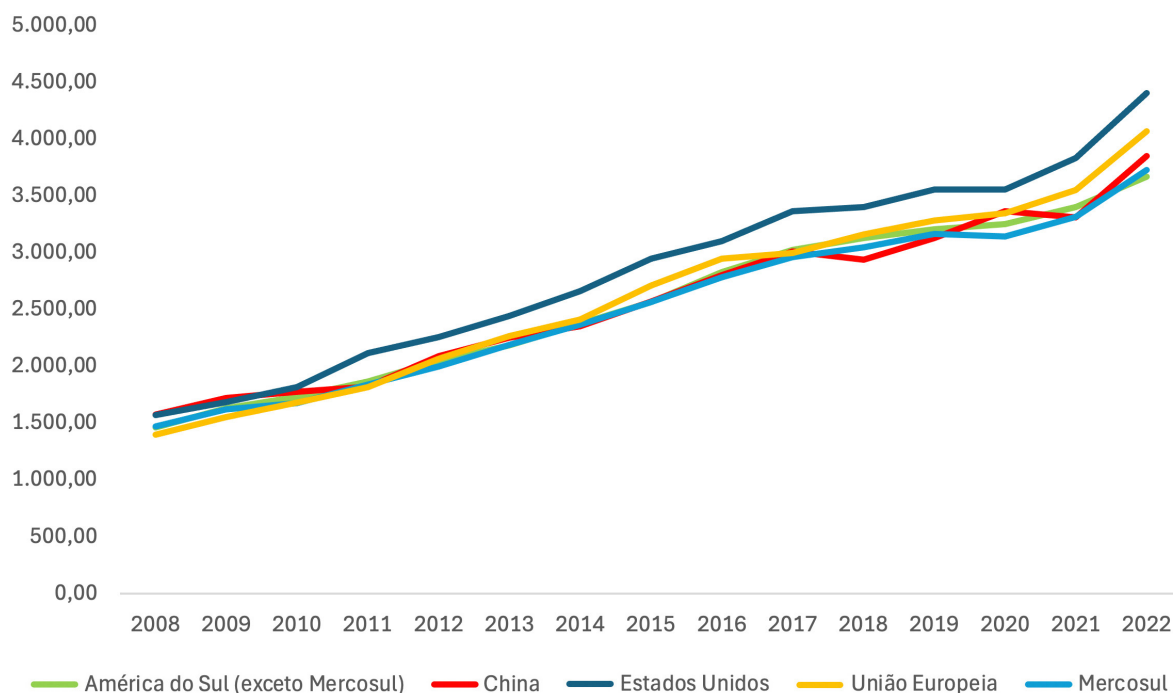
Em síntese, embora o comércio exterior tenha promovido avanços salariais para mulheres, esses ganhos ainda ocorrem em um ambiente marcado por desequilíbrios estruturais que limitam a igualdade de oportunidades e a valorização equitativa do trabalho feminino.

Empresas que comercializam com a China oferecem a terceira maior remuneração feminina entre os principais parceiros comerciais

Ao longo dos anos, observa-se uma tendência de crescimento na remuneração média das mulheres empregadas em empresas brasileiras inseridas no comércio exterior.

No segmento das exportações, as empresas que vendem para a China ofereceram, em 2022, a terceira maior média salarial para mulheres, com R\$ 3.854,31 — valor inferior apenas ao das firmas exportadoras para os Estados Unidos (R\$ 4.407,28) e para a União Europeia (R\$ 4.071,62). Já as exportações para países vizinhos apresentaram médias inferiores à do país asiático: R\$ 3.730,47 para o Mercosul e R\$ 3.673,33 para a América do Sul.

Remuneração média das mulheres que trabalham em empresas exportadoras para os principais parceiros comerciais (2008 – 2022)

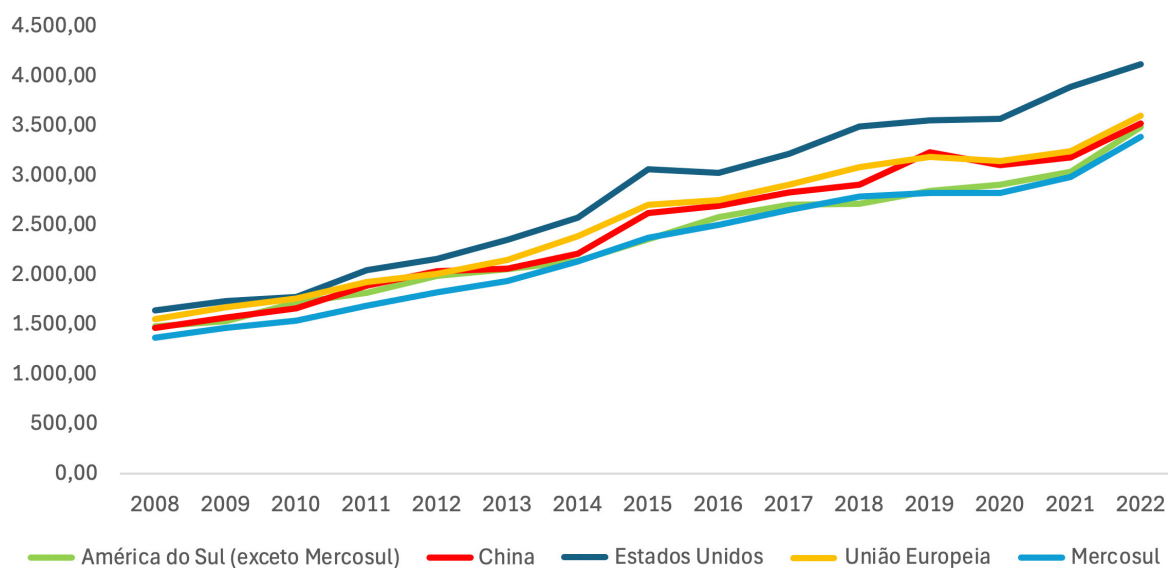


Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

Apesar da posição destacada, o crescimento da remuneração feminina nas exportações para a China foi o menor entre os principais parceiros, com alta de 144,8% entre 2008 e 2022. No início da série, o país asiático apresentava a maior remuneração para mulheres, mas a partir de 2010 foi superado pelos Estados Unidos. A União Europeia teve o maior crescimento salarial no período (191,3%), seguida pelos Estados Unidos (180,7%), Mercosul (153,4%) e América do Sul (151,1%).

No que diz respeito às importações, as empresas brasileiras que compram da China também ocupam a terceira posição em termos de remuneração média para mulheres, com R\$ 3.522,75 em 2022 — valor inferior ao das firmas que importam dos Estados Unidos (R\$ 4.121,65) e da União Europeia (R\$ 3.599,70). As empresas que importam da América do Sul registraram média de R\$ 3.485,08, e as do Mercosul, R\$ 3.388,30.

Remuneração média das mulheres que trabalham em empresas importadoras dos principais parceiros comerciais (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

O crescimento da remuneração feminina em empresas que importam da China foi de 140,1%, o terceiro maior no período. As importadoras dos Estados Unidos lideraram, com aumento de 150,9%, seguidas pelo Mercosul (147,5%). América do Sul e União Europeia apresentaram os menores avanços: 135,5% e 131,7%, respectivamente.

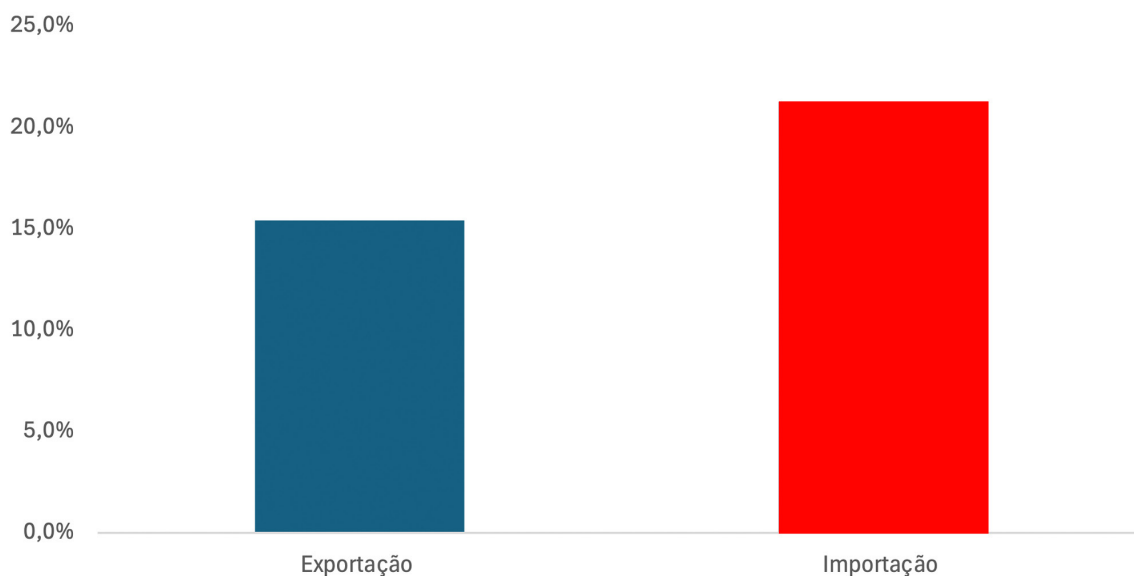
As diferenças salariais entre parceiros comerciais estão associadas a múltiplos fatores, como o perfil da pauta importadora, o porte e estrutura das empresas e a natureza dos cargos ocupados por mulheres.

Mulheres são minoria nas sociedades das empresas que exportam para a China

Para compreender plenamente a participação feminina no comércio exterior brasileiro, não basta observar apenas os dados de empregabilidade. É essencial analisar a presença de mulheres na estrutura societária das empresas que atuam no setor, ou seja, o percentual de mulheres no total de sócios de cada empresa. A relação com todos os parceiros é marcada pela baixa presença feminina entre os sócios de empresas brasileiras envolvidas no comércio exterior.

No caso específico das exportações para a China, a presença de mulheres no corpo societário das empresas foi de 15,4% em 2024. Já entre as importadoras, o percentual foi superior, de 21,2%.

Participação de mulheres na estrutura societária das empresas que exportam e importam da China (2024)



Fonte: SECEX-MDIC e Receita Federal do Brasil | Elaboração: CEBEC

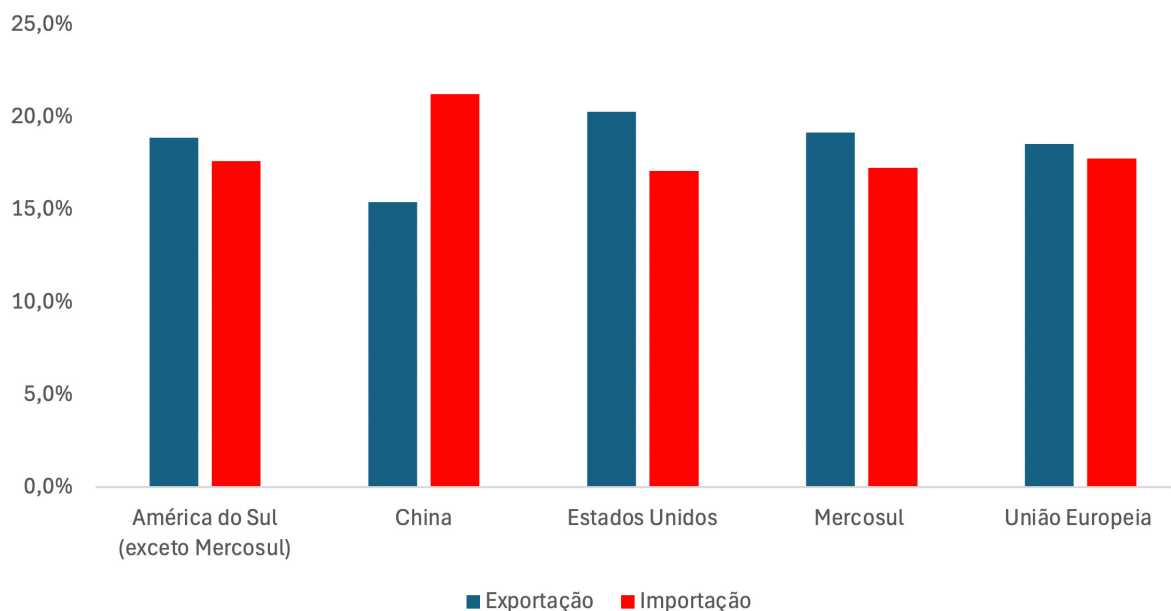
Essa disparidade é explicada, em grande parte, pelo porte das empresas envolvidas em cada tipo de transação. As exportações para a China são lideradas majoritariamente por grandes corporações e multinacionais, setores historicamente menos acessíveis à presença feminina em cargos societários (Instituto Ethos, 2024). Por outro lado, o perfil das empresas importadoras é mais pulverizado, com predominância de pequenas e médias empresas, que oferecem maiores oportunidades para a inserção de mulheres em posições de comando e propriedade.

Empresas que importam da China têm o maior percentual de mulheres na estrutura societária das empresas dentre os principais parceiros comerciais

Enquanto as exportações para a China estão associadas à menor participação de mulheres em sociedades, de apenas 15,4%, as empresas envolvidas nas importações do país asiático registram a maior presença feminina em seus corpos societários entre os principais parceiros analisados, com 21,2%.

Os Estados Unidos têm a maior presença feminina nas sociedades de empresas exportadoras, com 20,3%, seguidos por Mercosul (19,2%), América do Sul (18,9%) e União Europeia (18,2%). A China ocupa a última posição no *ranking* das exportações.

Participação de mulheres na estrutura societária das empresas que exportam e importam dos principais parceiros comerciais do Brasil (2024)



Fonte: SECEX-MDIC e Receita Federal do Brasil | Elaboração: CEBC

No sentido das importações, a China destaca-se com a maior proporção de mulheres entre os sócios das empresas importadoras (21,2%). Em seguida vêm a União Europeia (17,8%), América do Sul (17,6%) e Mercosul (17,3%). A menor participação é observada entre as empresas que importam dos Estados Unidos, com 17,1%.

6

Participação racial no comércio Brasil-China



A população negra representava 55,1% da força de trabalho em idade economicamente ativa em 2021, e sua participação na força de trabalho formal brasileira tem crescido nos últimos anos. No entanto, os dados indicam que os brancos ainda predominam nos postos de trabalho formais em diversos setores da economia brasileira, entre os quais o comércio exterior (MDIC, 2024, p. 4, 14).

Nacionalmente, os negros⁷ correspondem a 47,8% dos empregados formais nas empresas domésticas, índice que cai para 44,6% nas importadoras e 41,3% nas exportadoras. No comércio sino-brasileiro, essas taxas foram, respectivamente, de 44,7% e 43,9%. Ao longo dos anos, a participação de pessoas negras nas atividades relacionadas ao comércio bilateral com a China avançou de forma consistente, aproximando-se da distribuição racial observada no conjunto da força de trabalho brasileira.

As exportações brasileiras para a China concentram-se em *commodities* de setores intensivos em capital e tecnologia, que, devido ao elevado nível de mecanização, demandam menor volume de mão de obra e apresentam reduzida diversidade racial em seus quadros de funcionários. Além disso, essas empresas exportadoras costumam operar em regiões de menor densidade urbana, o que contribui para a manutenção de uma composição racial desigual.

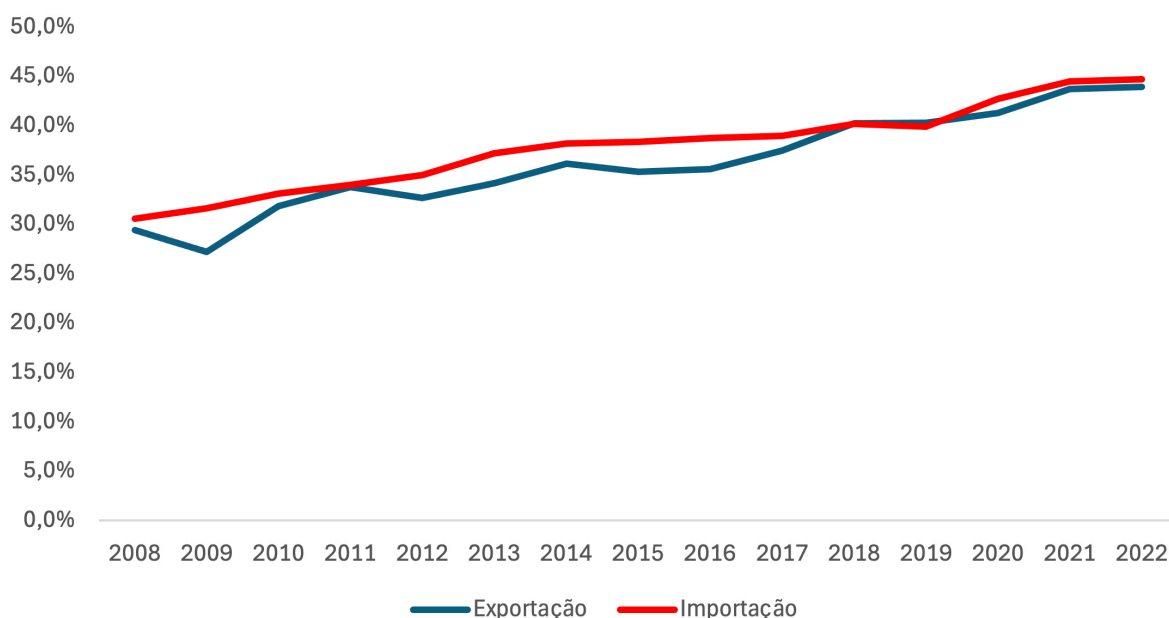
7. Classificam-se como “negros” os indivíduos autodeclarados pretos ou pardos, seguindo a classificação adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Por outro lado, as importações chinesas estão fortemente ligadas a bens de consumo que movimentam setores como varejo, atacado, logística, comércio eletrônico e distribuição — áreas com maior participação da população negra. Essa presença é favorecida pela maior acessibilidade dessas atividades, pela menor exigência de qualificação formal e pela forte concentração urbana, onde a força de trabalho negra é mais expressiva. Essas operações envolvem ainda uma ampla rede de pequenas e médias empresas — importadores, distribuidores e comerciantes locais — que atuam em nichos de alta rotatividade e diversidade ocupacional, ampliando as oportunidades de inserção da população negra em diferentes regiões do país.

Esse cenário se reflete na remuneração da população negra inserida no comércio sino-brasileiro. Nas exportações, dominadas por setores de maior capital e exigência de qualificação, grandes empresas e multinacionais oferecem políticas salariais mais estruturadas, resultando em salários médios mais elevados para a população negra inserida nesse segmento. Ademais, a concentração dessas empresas em regiões com maior desenvolvimento industrial ou agropecuário também contribui para pisos salariais mais altos. Em contrapartida, as importações mobilizam cadeias operacionais compostas, em grande parte, por pequenas e médias empresas, com funções que exigem menor qualificação e oferecem salários mais baixos. Frequentemente, essas firmas não possuem políticas específicas de promoção da diversidade ou de equidade racial, o que limita o avanço salarial da população negra nesse segmento.

GRÁFICO 53

Participação da população negra no total de empregados das empresas brasileiras que exportam e importam da China (2008 – 2022)



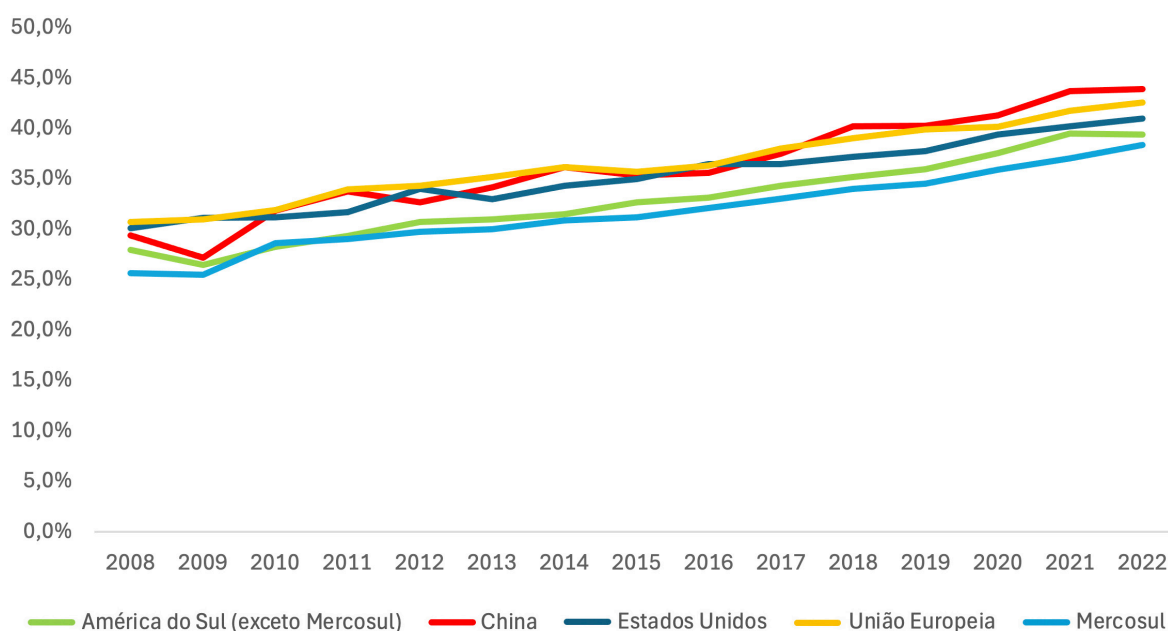
Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

China tem a maior participação de negros no total de funcionários das empresas exportadoras entre os principais parceiros comerciais do Brasil

Entre 2008 e 2022, observa-se um crescimento consistente da participação de negros no total de empregados das empresas exportadoras para todos os cinco principais parceiros do Brasil. A China alcançou a maior proporção ao fim do período, de 43,9%, sendo seguida por União Europeia e Estados Unidos, com 42,6% e 41%, respectivamente. O Mercosul e a América do Sul, apesar de partirem de patamares mais baixos no início da série, também demonstram evolução contínua. No fim do período, a América do Sul alcançou 39,4%, enquanto o Mercosul registrou 38,4% de participação de negros no total de empregados das firmas exportadoras.

GRÁFICO 54

Participação de negros no total de empregados das empresas brasileiras exportadoras para os principais parceiros comerciais (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

O aumento da participação para todos os principais parceiros comerciais reflete uma gradual inclusão racial no mercado formal vinculado às exportações. Embora o avanço seja geral, os percentuais permanecem abaixo de 50% em todos os casos, revelando que ainda há barreiras estruturais a serem superadas, o que reforça a necessidade de políticas públicas e empresariais voltadas à equidade racial nas cadeias exportadoras brasileiras.

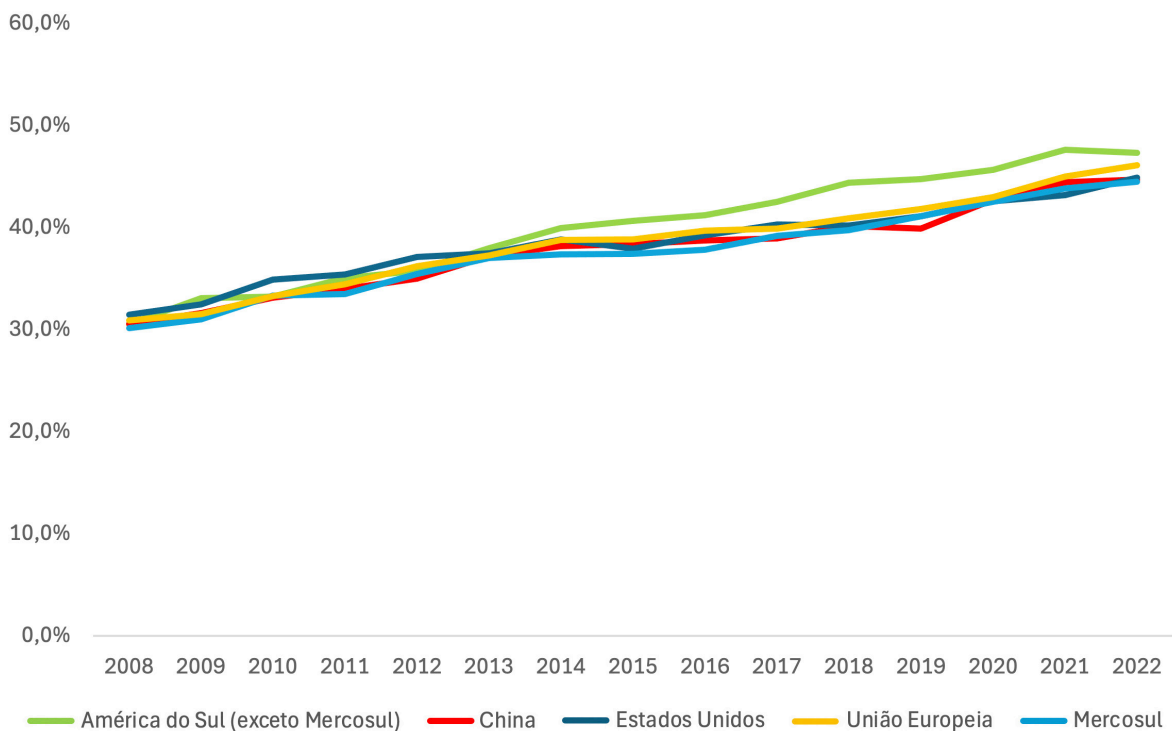
China supera apenas o Mercosul em participação de negros no total de funcionários das empresas importadoras

No campo das importações, a participação de negros no total de empregados é maior do que nas exportações para todos os parceiros comerciais. Os percentuais saíram de uma média em torno de 31% em 2008 e se aproximaram ou ultrapassaram os 47% em 2022.

A América do Sul tem o maior percentual de participação negra entre os empregados das empresas importadoras, de 47,3%, seguida pela União Europeia, com 46,1% e Estados Unidos, com 44,9%. A China tem a quarta maior participação de negros no ranking, com 44,7%, à frente apenas do Mercosul, que registrou 44,5%.

GRÁFICO 55

Participação de negros no total de empregados das empresas brasileiras importadoras dos principais parceiros comerciais (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

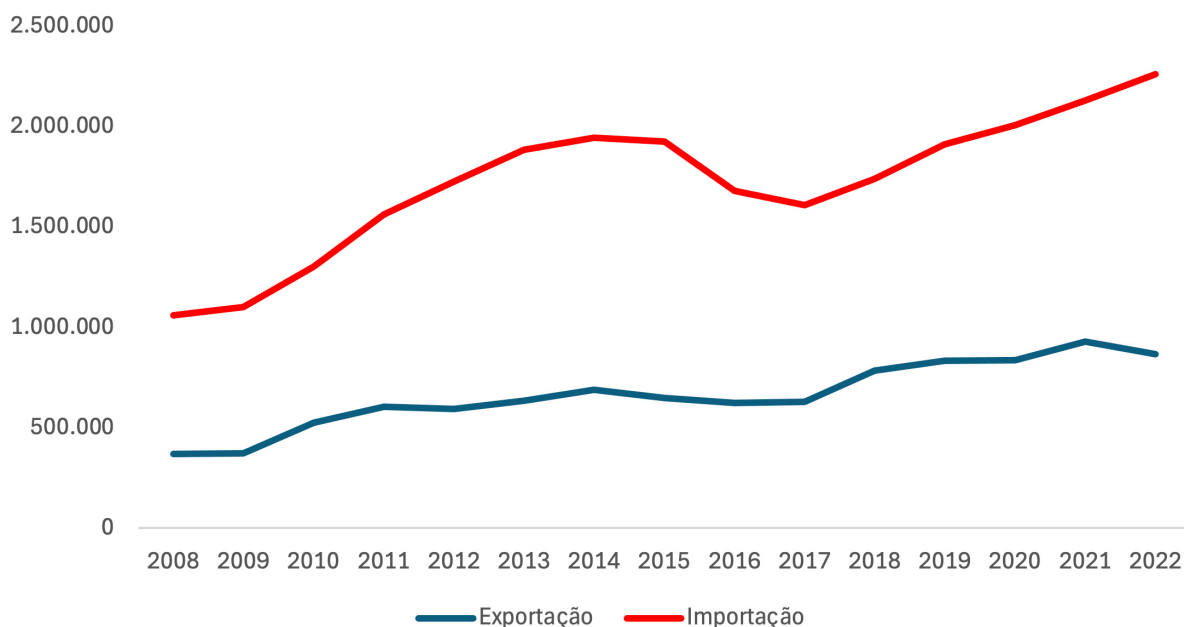
As semelhanças entre os índices de participação sugerem que, apesar de diferentes perfis de produtos e estruturas empresariais, há um movimento geral de ampliação do acesso da população negra ao mercado de trabalho formal vinculado às importações brasileiras.

Importações com origem na China geram mais empregos para a população negra do que as exportações

Seguindo a tendência registrada entre o total de trabalhadores, as atividades relacionadas às importações de produtos chineses geraram mais empregos para pessoas negras do que as ligadas às exportações. Em 2022, os números foram, respectivamente, de 2,2 milhões e de 865 mil.

GRÁFICO 56

Número de negros nos empregos relacionados ao comércio com a China (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

Entre 2008 e 2022, o número de trabalhadores negros vinculados às exportações para a China cresceu 133%, saltando de 371 mil para 865 mil. Nas importações, o avanço foi de 113% no mesmo período, partindo de pouco mais de 1 milhão para os atuais 2,2 milhões. Desde 2017, observa-se um crescimento contínuo nesse segmento.

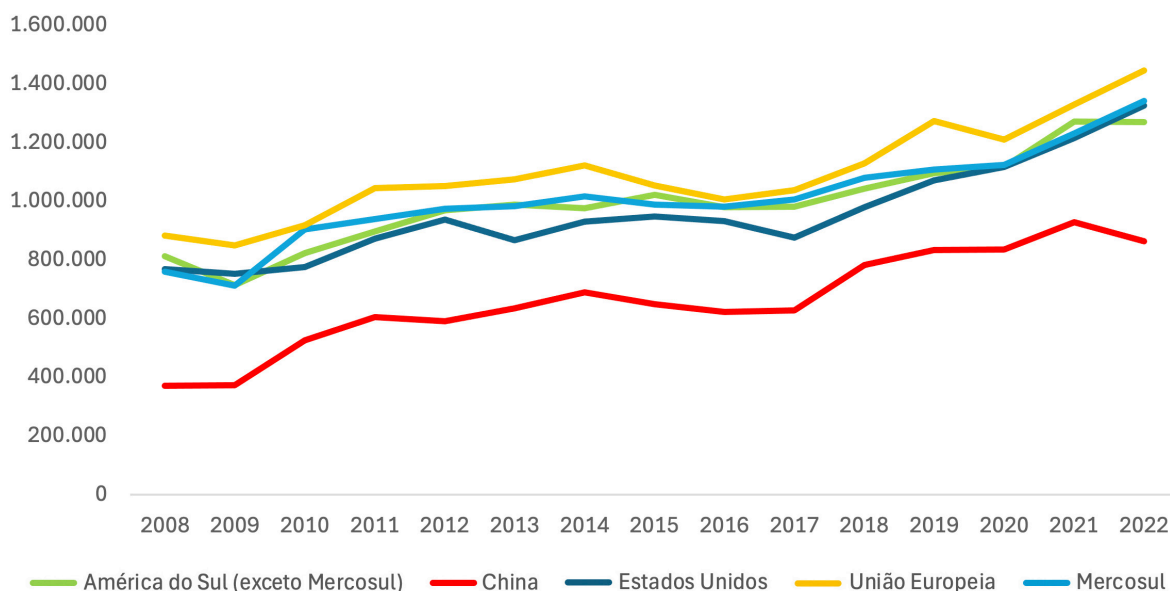
A maior empregabilidade negra nas importações da China do que as exportações brasileiras para o país asiático reflete as estruturas produtivas envolvidas em cada fluxo e as características socioeconômicas dos setores e territórios que compõem o comércio bilateral.

China tem o menor número absoluto de negros entre funcionários das empresas exportadoras para os principais parceiros comerciais

O número de pessoas negras nos empregos ligados às exportações brasileiras para a China é o menor entre os cinco principais parceiros comerciais do país. Em 2022, o número de trabalhadores negros nessas funções foi de 865 mil — abaixo do total registrado nas exportações para a União Europeia (1,4 milhão), Estados Unidos e Mercosul (1,3 milhão cada), e América do Sul (1,2 milhão). O *ranking* é semelhante ao do total de empregos associados às vendas externas, no qual a China também está em último lugar, em razão das características dos setores envolvidos na atividade.

GRÁFICO 57

Soma de empregados negros associados às exportações do Brasil para os seus principais parceiros comerciais (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

Apesar dessa posição, a China apresentou o maior crescimento percentual na participação de negros nas exportações ao longo da série histórica. Entre 2008 e 2022, o número de trabalhadores negros em postos ligados às vendas para o país asiático cresceu 133,3%. Outros destinos também registraram crescimento, mas em menor escala: Mercosul (76,4%), Estados Unidos (72,6%), União Europeia (63,8%) e América do Sul (56,3%). Ainda assim, em termos absolutos, o volume de empregos ocupados por pessoas negras nas exportações para os demais parceiros comerciais é significativamente superior ao da China.

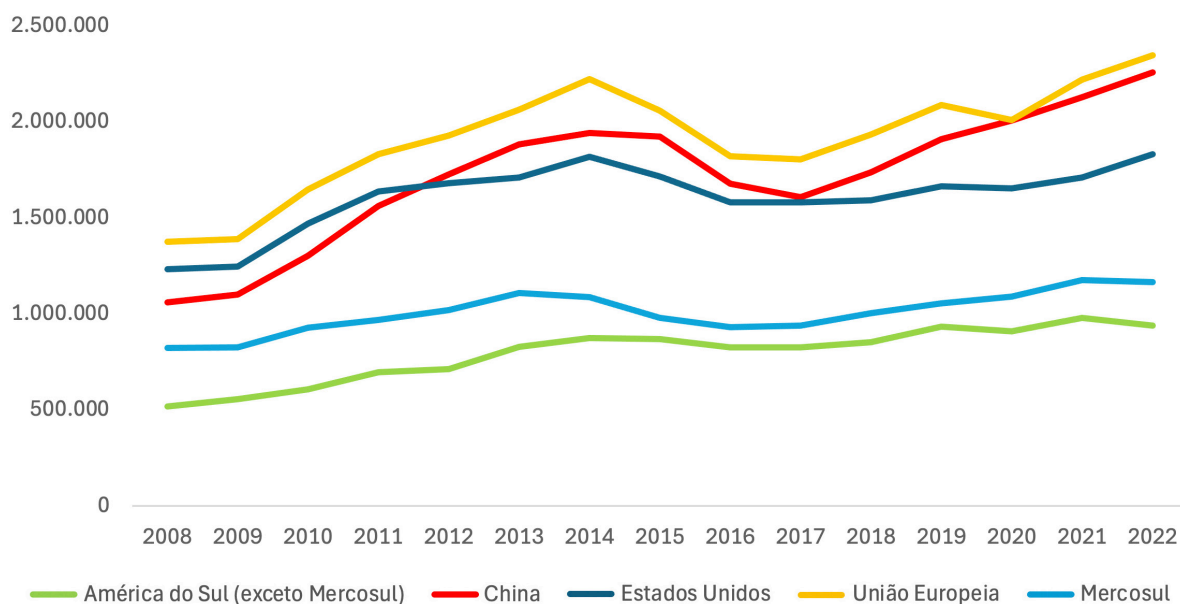
Participação negra em empregos associados à importação originária da China fica atrás apenas da União Europeia

O cenário é mais favorável no campo das importações. A presença de pessoas negras em empregos associados às importações originadas da China é superior à de todos os demais parceiros comerciais do Brasil, com exceção da União Europeia. Além disso, o país asiático lidera o crescimento no número absoluto de trabalhadores negros vinculados a atividades relacionadas à compra de bens.

Em 2022, os maiores números de trabalhadores negros foram registrados nas importações oriundas da União Europeia (2,3 milhões) e da China (mais de 2,2 milhões). Na sequência aparecem Estados Unidos (1,8 milhão), Mercosul (1,1 milhão) e América do Sul, com cerca de 937 mil pessoas negras empregadas em funções ligadas ao comércio de bens importados.

GRÁFICO 58

Soma de empregados negros associados às importações do Brasil com origem nos seus principais parceiros comerciais (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

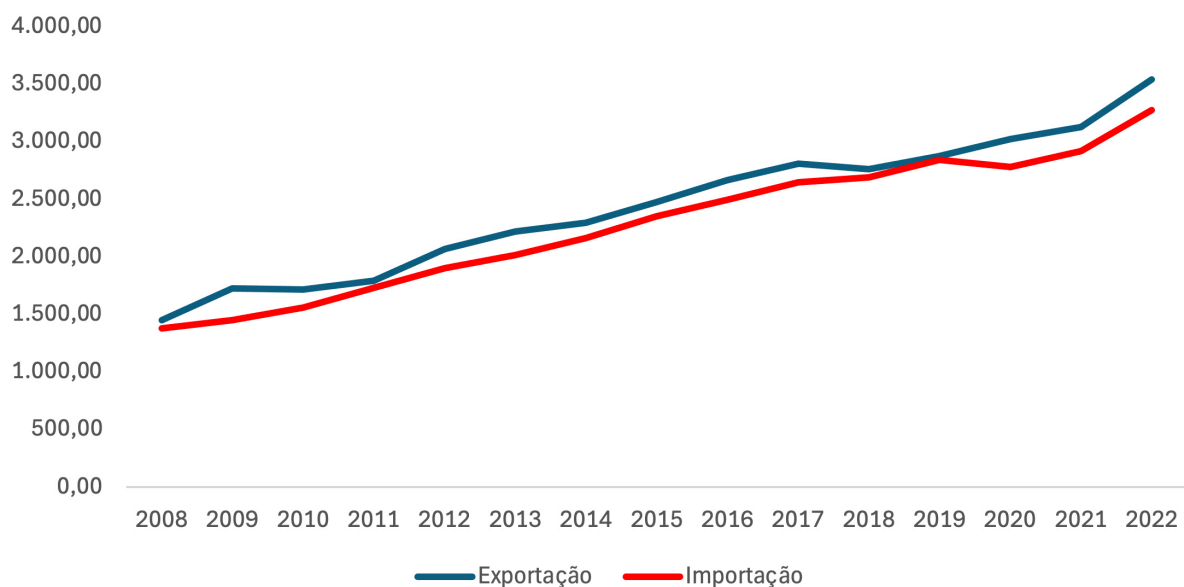
Entre os cinco parceiros, a China registrou o maior avanço no número de pessoas negras ocupadas em funções associadas às importações no período analisado, de 113,3%. América do Sul (81,3%) e União Europeia (70,7%) apresentaram aumentos relevantes, enquanto os índices foram mais modestos para os Estados Unidos (48,5%) e o Mercosul (41,8%).

Remuneração de negros no comércio com a China: exportações pagam mais do que importações

No recorte das relações com a China, os dados revelam que os trabalhadores negros vinculados às exportações recebem, em média, salários superiores aos daqueles associados às importações. Em 2022, a remuneração média dos negros envolvidos com exportações para o país asiático foi de R\$ 3.539,28, enquanto aqueles empregados nas empresas importadoras receberam, em média, R\$ 3.274,13 – valores inferiores às remunerações de mulheres que trabalham no comércio sino-brasileiro.

GRÁFICO 59

Remuneração média de negros que trabalham com exportações e importações da China (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

Ao longo da série histórica, houve crescimento significativo na remuneração média dos negros em ambos os fluxos comerciais. Entre os empregados nas exportações, o aumento foi de 144,2% entre 2008 e 2022, com os salários passando de R\$ 1.449,60 para R\$ 3.539,28. No caso das importações, o avanço foi de 137,6%, de R\$ 1.378,29 para R\$ 3.274,13. Entre 2008 e 2022, a inflação acumulada foi de 89,1%, enquanto a remuneração média de negros no comércio com a China cresceu em ritmo superior, indicando ganho real de renda no período.

A diferença na remuneração entre trabalhadores negros nas exportações e importações com a China ilustra não apenas a estrutura setorial da economia brasileira, mas também desigualdades históricas no acesso à qualificação, mobilidade profissional e valorização do trabalho da população negra. Essa realidade aponta para a necessidade de políticas públicas e empresariais que promovam inclusão e equidade, não apenas no volume de empregos, mas também na qualidade e valorização dessas posições no comércio internacional.

Negros recebem o equivalente a 58% da remuneração dos brancos nas exportações para a China

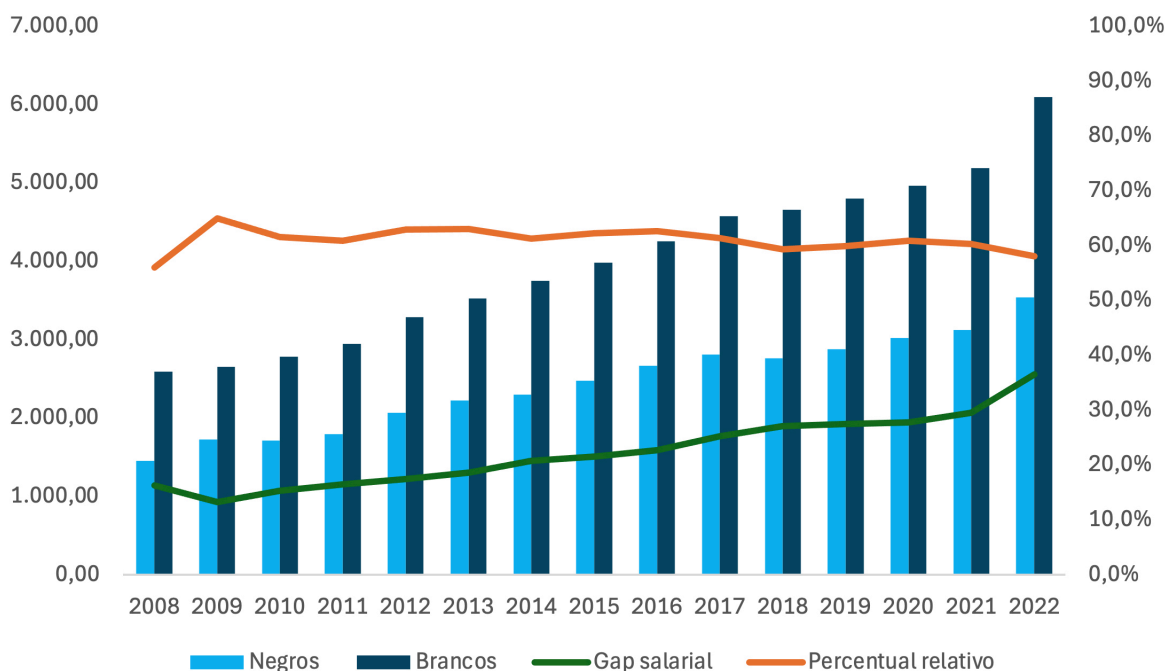
De acordo com o MDIC (2024, p. 24), empresas que atuam no comércio exterior também apresentam maiores disparidades salariais entre trabalhadores brancos e negros — uma realidade evidente no comércio bilateral com a China.

Nas exportações para o país asiático, o salário médio dos trabalhadores negros era de R\$ 1.449,60 em 2008, o equivalente a 55,9% dos R\$ 2.590,22 pagos aos brancos. Em 2022, essa proporção subiu para 58%, com redução de 2,1 pontos percentuais da distância entre os dois grupos.

Essa disparidade é reflexo de fatores estruturais e conjunturais, como a forte segmentação ocupacional nos setores exportadores, o baixo número de negros em cargos de liderança, o acesso desigual à qualificação e a persistência de barreiras raciais dentro do mercado exportador.

GRÁFICO 60

Remuneração média de empregados brancos e negros que trabalham em empresas exportadoras para China (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

Nota: O gap salarial se refere a valores absolutos em R\$. Os números no eixo X indicam o valor dos salários, enquanto o eixo secundário Y indica o percentual relativo entre os salários de negros e brancos.

A redução de 2,1 pontos percentuais na distância salarial entre negros e brancos nas empresas que exportam para a China foi a maior entre todos os parceiros comerciais, que também registram disparidades raciais significativas na remuneração a seus funcionários.

Em segundo lugar estão as firmas que vendem para a União Europeia, com crescimento de 0,8 ponto percentual entre 2008 e 2022. No início da série histórica, os trabalhadores negros recebiam R\$ 1.301,33, o equivalente a 57,8% do que era pago aos brancos. Em 2022, o salário chegou a R\$ 3.331,87, representando 58,6% da remuneração dos brancos.

As empresas que exportam para a América do Sul tiveram um avanço relativo de 0,4 ponto percentual. No início da série histórica, os negros recebiam R\$ 1.398,99, ou 59,9% do que era pago aos brancos. Em 2022, a remuneração média foi de R\$ 3.330,14, representando 60,3% do salário dos brancos.

Por outro lado, as empresas que exportam para o Mercosul e Estados Unidos registraram queda relativa dos salários dos negros em proporção ao dos brancos de 1 e 0,7 ponto percentual, respectivamente. Ou seja, a desigualdade salarial entre trabalhadores negros e brancos aumentou nesses mercados, ainda que de forma modesta.

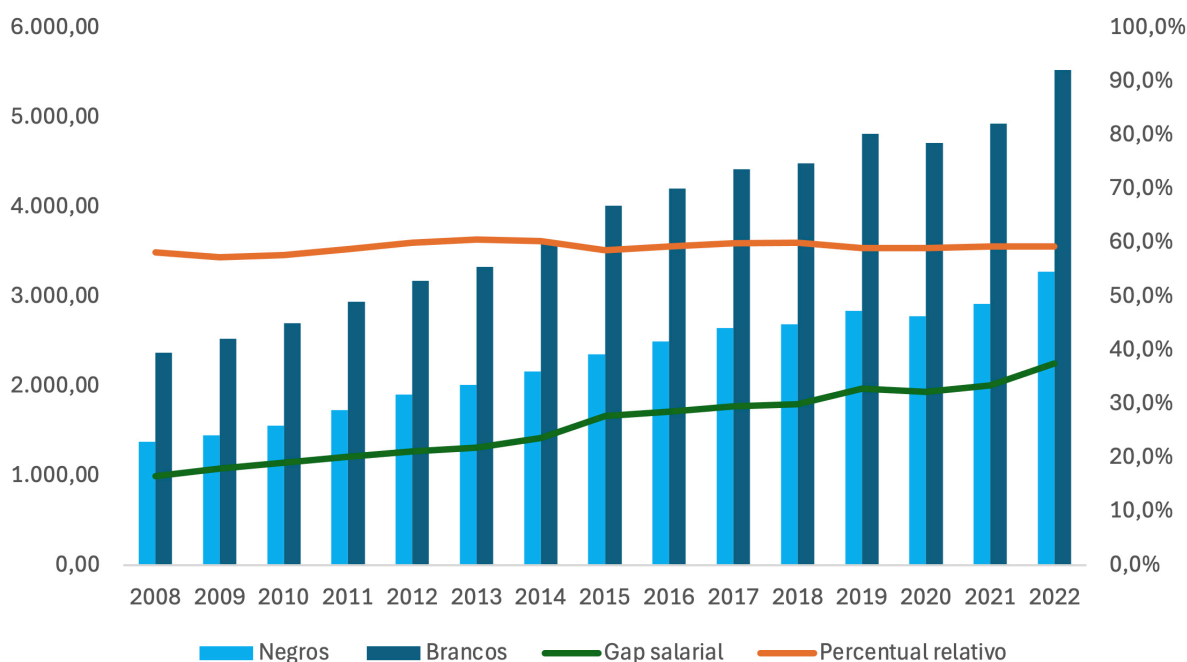
No caso do Mercosul, o salário médio dos negros era de R\$ 1.460,41 em 2008, o equivalente a 62,7% da remuneração dos brancos. Em 2022, esse valor chegou a R\$ 3.418,24, o que corresponde a 61,7% da remuneração dos brancos. Já entre as firmas que exportam para os Estados Unidos, os trabalhadores negros tinham salários de R\$ 1.440,17 em 2008, o que correspondia 58,6% do que os brancos recebiam. Já em 2022, o salário chegou a R\$ 3.679,01, mas representava apenas 57,9% dos R\$ 6.355,61 recebidos pelos trabalhadores brancos.

Na mão contrária, só as empresas que importam da China registraram avanço na redução da diferença salarial entre negros e brancos. Em todos os demais parceiros, houve aumento da disparidade na remuneração.

Em 2008, as firmas que compravam da China pagavam aos trabalhadores negros, em média, 58,1% da remuneração dada aos brancos, percentual que subiu para 59,2% em 2022, com avanço de 1,1 ponto percentual no período.

As causas da diferença também estão ligadas à segmentação racial no mercado de trabalho, à escassa presença de negros em posições estratégicas, às desigualdades nos critérios de promoção e remuneração e a fatores regionais que afetam os setores envolvidos nas importações.

Remuneração média de brancos e negros que trabalham em empresas importadoras da China (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

Nota: O gap salarial se refere a valores absolutos em R\$. Os números no eixo X indicam o valor dos salários, enquanto o eixo secundário Y indica o percentual relativo entre os salários de negros e brancos.

As empresas que importam do Mercosul, América do Sul, União Europeia e Estados Unidos apresentaram retrocesso na equiparação racial de salários entre negros e brancos.

O caso mais expressivo foi o do Mercosul, com uma queda de 2,8 pontos percentuais na proporção dos salários de trabalhadores negros em relação aos dos brancos no período analisado. Em 2008, os trabalhadores negros recebiam em média R\$ 1.337,70, o equivalente a 59,8% do salário dos brancos, índice que caiu a 57% em 2022, com remuneração média de R\$ 3.102,78.

Entre as empresas que compram da América do Sul, a queda relativa foi de 1,9 ponto percentual. No início da série, a média salarial dos negros era de R\$ 1.383,86, representando 58,4% do valor pago aos brancos. Já em 2022, os negros receberam, em média, R\$ 3.226,73, o equivalente a 56,5% da remuneração dos trabalhadores brancos.

As importadoras da União Europeia apresentaram redução de 1,1 ponto percentual na relação salarial. Em 2008, os trabalhadores negros recebiam R\$ 1.417,69, o que correspondia a 59,7% da remuneração dos brancos, proporção que caiu para 58,6% em 2022, com remuneração média de R\$ 3.305,28.

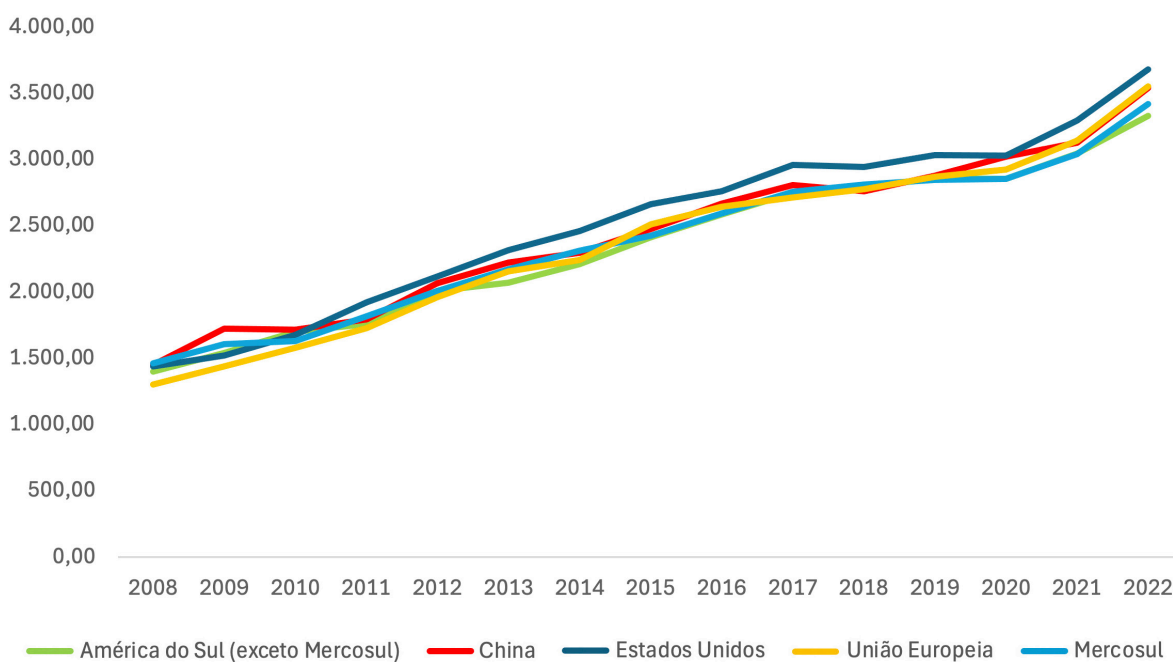
Por fim, entre as empresas que importam dos Estados Unidos, a retração foi de 0,6 ponto percentual. No início da série, os trabalhadores negros recebiam R\$ 1.474,16, o equivalente a 58,2% do salário dos brancos. Em 2022, o percentual caiu a 57,6%, com remuneração de R\$ 3.642,22.

Empresas que comercializam com a China oferecem a terceira maior remuneração à população negra no comércio exterior brasileiro

As empresas que exportam para a China ofereceram, em 2022, a terceira maior remuneração média para trabalhadores negros entre os cinco parceiros comerciais principais, com R\$ 3.539,28. Esse valor ficou atrás apenas da remuneração registrada em firmas que vendem para os Estados Unidos (R\$ 3.679,01) e para a União Europeia (R\$ 3.551,87). Mercosul e América do Sul vieram em seguida, com médias salariais para negros de R\$ 3.418,24 e R\$ 3.330,14, respectivamente.

GRÁFICO 62

Remuneração média de negros que trabalham em empresas exportadoras para os principais parceiros comerciais (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

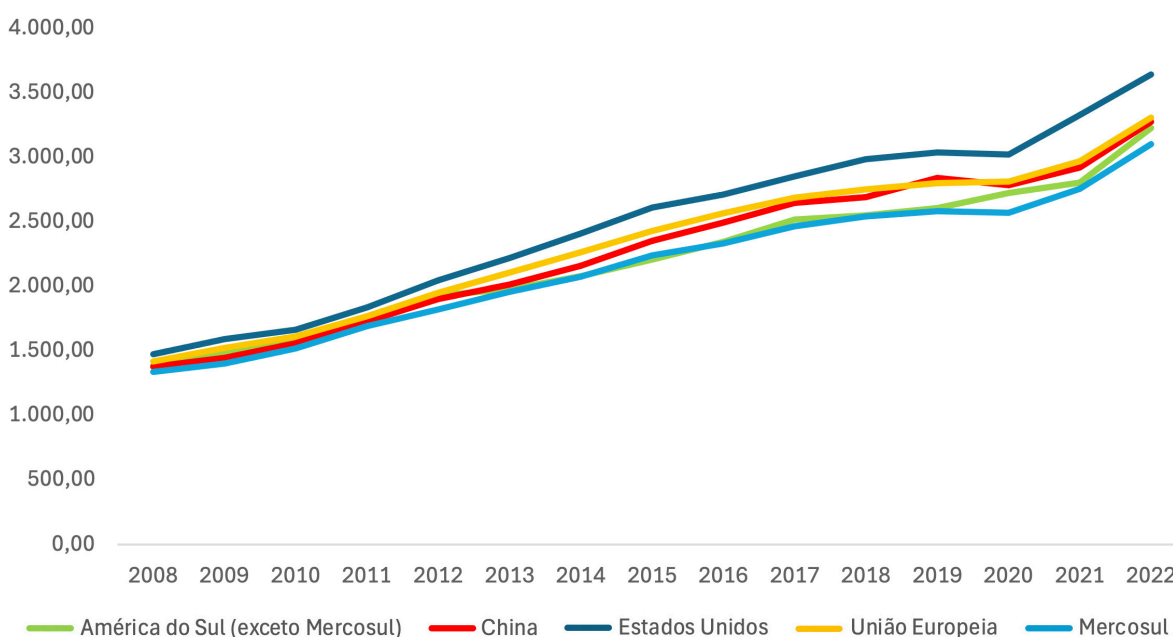
A remuneração de trabalhadores negros em empresas exportadoras para a China teve o terceiro maior crescimento entre os principais parceiros, com alta de 144,2% ao longo do período. Inicialmente, a China chegou a liderar a remuneração média, até ser superada pelos Estados Unidos em 2011. As empresas que exportam para a União Europeia apresentaram o maior crescimento (172,9%), seguidas pelas que vendem para os EUA (155,5%), América do Sul (138%) e Mercosul (134,1%).

No caso das importações, o cenário é semelhante. Em 2022, empresas brasileiras que importam da China pagaram a terceira maior remuneração média à população negra (R\$ 3.274,13),

atrás dos salários médios em empresas que compram dos Estados Unidos (R\$ 3.642,22) e da União Europeia (R\$ 3.305,38). Os valores médios das importações provenientes da América do Sul e do Mercosul foram de R\$ 3.226,73 e R\$ 3.102,78, respectivamente.

GRÁFICO 63

Remuneração média de negros que trabalham em empresas importadoras dos principais parceiros comerciais (2008 – 2022)



Fonte: SECEX-MDIC e RAIS-MTE | Elaboração: CEBC

A remuneração de negros nas empresas que importam da China registrou o segundo maior crescimento entre os principais parceiros comerciais, com aumento de 137,6% entre 2008 e 2022. O maior avanço foi registrado nas importações dos Estados Unidos (147,1%). União Europeia (133,2%), América do Sul (133,2%) e Mercosul (131,9%) fecharam a lista.

Essas variações salariais estão diretamente ligadas ao perfil das mercadorias importadas, ao tipo de atividade demandada pelas empresas e à natureza dos cargos ocupados. Importações de produtos de maior valor agregado ou tecnológico tendem a remunerar melhor os trabalhadores envolvidos.

A população negra ainda se concentra majoritariamente em funções operacionais e técnicas de média complexidade, tanto nas exportações quanto nas importações. Isso contribui para a manutenção de salários abaixo dos observados em posições mais qualificadas. Barreiras estruturais, como o acesso limitado à educação e à formação técnica, além da baixa representação em setores mais lucrativos e em cargos de liderança restringem o avanço remuneratório da população negra no comércio exterior brasileiro, mesmo diante de um cenário de crescimento das médias salariais.

7

Conclusões



Desde o início dos anos 2000, a China vem aumentando seu protagonismo no comércio exterior brasileiro. Em menos de duas décadas, o gigante asiático ultrapassou parceiros tradicionais do Brasil, como os Estados Unidos, a União Europeia e o Mercosul, e se firmou como o principal destino das exportações e a principal origem das importações nacionais. Ainda que as vendas brasileiras para a China sigam concentradas em um número limitado de *commodities*, a crescente demanda chinesa atuou como vetor de inovação nos setores agropecuário, energético e mineral do Brasil, movimento que fortaleceu a competitividade internacional do país nessas áreas. Ao mesmo tempo, o aumento da classe média brasileira fez emergir a demanda por diversos manufaturados chineses, trazendo nova complexidade e dinamismo às relações comerciais entre os dois países.

Se em 1997 o Brasil exportava 673 categorias de produtos para a China, com base no código NCM, esse número praticamente quadruplicou em 2024, chegando a 2.589. Esse salto na variedade de produtos embarcados indica uma progressiva diversificação da pauta exportadora, mostrando que, embora as *commodities* ainda liderem em valor e volume, o Brasil tem conseguido inserir uma gama mais ampla de bens no mercado chinês, incluindo manufaturados, semimanufaturados e artigos de maior valor agregado. No mesmo período, as importações nacionais com origem na China também se diversificaram, chegando a 6.914 categorias de produtos – mais do que o dobro registrado no início da série histórica.



Esse cenário de intensificação e diversificação do intercâmbio comercial entre os dois países resultou no aumento do número de empresas brasileiras envolvidas nas trocas bilaterais. Em termos absolutos, o número de empresas nacionais que exportam para a China mais que quadruplicou entre 2000 e 2024, chegando a 2.993. Ao mesmo tempo, a quantidade de empresas que importam da China cresceu quase 11 vezes nesse período, somando 40.059, tornando o país asiático a origem que envolve o maior número de empresas importadoras brasileiras.

O comércio sino-brasileiro tornou-se mais diverso não apenas pelo maior número de atores, mas também pela ampliação da participação de micro e pequenas empresas – ainda que as trocas sigam dominadas pelas médias e grandes. Entre 2008 e 2024, a quantidade de microempresas exportadoras aumentou 277%, para 313, enquanto o número das que importam do país asiático cresceu quase 6 vezes, chegando a 10.974. No mesmo período, o total de pequenas empresas exportadoras cresceu 85,2%, somando 350, ao mesmo tempo que, do lado das importações, houve salto de quase 3,5 vezes, para 9.692 firmas.

O crescimento do número de empresas brasileiras no comércio com a China resulta de uma combinação de fatores. A consolidação do país asiático como principal parceiro comercial do Brasil gerou maior previsibilidade e segurança jurídica para os negócios, ao passo que avanços na facilitação e desburocratização do comércio exterior — como a digitalização de processos e maior integração aduaneira — reduziram custos e barreiras operacionais, especialmente no mercado asiático. Além disso, a popularização do *e-commerce* B2B, a busca por novos mercados e fornecedores diante da reconfiguração das cadeias globais de valor, aliada à atratividade dos bens chineses em termos de preço e variedade impulsionaram o número de atores no comércio sino-brasileiro, inclusive com a entrada de micro, pequenas e médias empresas (MPEs) nas trocas bilaterais, o que contribuiu para a maior diversificação do perfil empresarial envolvido nas relações bilaterais e para o crescimento sustentado da presença brasileira no comércio com a China.

Essa ampliação da base empresarial impulsionou também uma capilaridade territorial das relações comerciais com o país asiático. O aumento da quantidade de empresas no comércio bilateral tem contribuído para ampliar a participação de regiões e estados fora dos principais polos tradicionais de exportação e importação.

Em todas as regiões brasileiras, o número de empresas que exportam para a China cresceu entre 2000 e 2024, evidenciando o avanço gradual do país no *ranking* de maiores destinos das vendas nacionais.

Em 2024, o Sudeste e o Sul concentraram 63,8% das empresas brasileiras que exportaram para a China, reflexo da presença de polos industriais, cadeias agroindustriais e centros logísticos consolidados. Apenas o Sudeste contava com 1.791 e o Sul, com 822 empresas que vendem ao país. Norte e Nordeste mantiveram participação modesta e estável nas exportações para a China e envolveram pouco menos de 600 empresas – 289 no Norte e 301 no Nordeste. Por fim, a base empresarial exportadora do Centro-Oeste ainda é restrita a 190 empresas, evidenciando forte concentração em grandes grupos agroindustriais e baixa capilaridade empresarial.

No campo das importações, a crescente capilaridade regional das empresas brasileiras que compram da China tornou-se ainda mais evidente ao longo do período analisado, com a consolidação do país como principal origem das aquisições das empresas de todas as regiões do Brasil. No Centro-Oeste, o número de empresas importadoras cresceu quase 33 vezes desde o ano 2000, chegando a 1.481 em 2024. No Nordeste, com o fortalecimento de hubs logísticos, 3.251 firmas importaram da China no último ano. Já no Norte, o número quase quintuplicou entre 2000 e 2024, atingindo 1.380. Em 2024, mais de 25 mil firmas sediadas no Sudeste compraram bens de origem chinesa, enquanto no Sul o número chegou a 11.352.

À medida que o comércio entre Brasil e China se diversifica, incluindo mais empresas e maior abrangência regional, seus efeitos também se expandem sobre o mercado de trabalho nacional. O crescimento do número de empresas exportadoras e importadoras leva, direta e indiretamente, à geração de empregos formais e à transformação do perfil dos trabalhadores vinculados a essas atividades, com ampliação da participação de mulheres e negros.

As importações originárias da China estão relacionadas a mais empregos no Brasil do que as exportações para o país asiático. Em 2022, as empresas que importavam do país asiático empregavam cerca de 5,2 milhões de trabalhadores, mais que o dobro do total de trabalhadores das empresas que exportavam para a China, que somaram 2,2 milhões de postos de trabalho. Embora o número de empregos associados às exportações para a China ainda seja inferior ao gerado por outros grandes parceiros do Brasil, o país asiático lidera em termos de crescimento relativo. Já no campo das importações, a China ocupa a liderança no número de empregos, ao lado da União Europeia.

Com a ampliação do número de trabalhadores no comércio bilateral, é relevante examinar quem são os indivíduos envolvidos nessas dinâmicas. Entre os aspectos centrais estão as dimensões de gênero e raça, que permitem compreender como homens, mulheres e pessoas negras participam das trocas com a China, incluindo a composição societária das empresas, as características dos trabalhadores formais contratados e a remuneração recebida.

Os dados mostram que a presença feminina no comércio sino-brasileiro tem avançado progressivamente nos últimos anos, embora ainda permaneça inferior, em termos absolutos, à de outras regiões. No caso das exportações, a presença feminina entre os trabalhadores de empresas brasileiras que exportam para a China atingiu 29% em 2022, totalizando 608 mil mulheres. No sentido das importações, os índices são mais expressivos, com participação feminina de 34,4% no mesmo ano, um total de 1,9 milhão de trabalhadoras.

Do ponto de vista racial, a presença de trabalhadores negros no comércio com a China também avançou. Nas empresas exportadoras, esse grupo representa 43,9% do total dos empregados, totalizando 865 mil pessoas. Entre as importadoras, os negros somam 2,2 milhões de trabalhadores, ou 44,7% do total. Esses indicadores mostram que, entre os principais parceiros comerciais do Brasil, a China é o destino em que as empresas exportadoras apresentam a maior proporção de trabalhadores negros.

O crescimento do número de trabalhadores vinculados ao comércio com a China, incluindo o avanço na participação de mulheres e pessoas negras, além de micro e pequenas empre-

sas, dialoga diretamente com os esforços recentes do governo brasileiro para promover maior diversificação e inclusão no comércio exterior. Iniciativas como o programa Elas Exportam, Mulheres e Negócios Internacionais e Raízes Comex, promovidos pela Secretaria de Comércio Exterior e a ApexBrasil, têm buscado ampliar o acesso de grupos historicamente sub-representados às oportunidades do mercado internacional. Esses programas oferecem desde capacitação técnica até apoio à internacionalização, com foco na equidade racial e de gênero. Diante desse cenário, as tendências observadas indicam um futuro promissor: com o fortalecimento dessas políticas públicas, o comércio exterior brasileiro — especialmente com parceiros estratégicos como a China — pode se tornar progressivamente mais inclusivo e representativo da diversidade social e empresarial do país.

Apesar dos avanços em direção a um comércio exterior mais inclusivo, persistem desafios estruturais que limitam a plena participação de micro e pequenas empresas, bem como de mulheres e pessoas negras, além da diversificação regional nas operações internacionais. Barreiras como a escassez de financiamento direcionado, dificuldades de acesso a redes de apoio e promoção comercial, além da baixa representatividade em cadeias de maior valor agregado, ainda restringem o alcance dessas iniciativas.

Avançar nesse sentido é essencial para garantir que a inserção do Brasil no mercado internacional – especialmente em parcerias estratégicas, como a estabelecida com a China – seja cada vez mais diversa, representativa e sustentável.

Descrição dos dados

Este estudo baseia-se em um conjunto articulado de bases de dados administrativas, selecionadas com objetivo de explorar padrões e dinâmicas associadas ao comércio exterior brasileiro — com ênfase nas trocas com a China — e suas possíveis relações com a estrutura empresarial, o mercado de trabalho formal e a composição societária das firmas envolvidas. As fontes contemplam diferentes dimensões e instituições governamentais.

Fontes de dados

As principais bases utilizadas foram:

- Registros de operações de comércio exterior da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX/MDIC);
- Vínculos empregatícios declarados na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho;
- Cadastros e quadros societários de empresas registrados pela Receita Federal do Brasil (RFB).

As seções a seguir detalham o conteúdo, os critérios de segmentação e os tratamentos aplicados a cada uma dessas fontes.

CrITÉRIOS de segmentação e variáveis analisadas

As variáveis foram organizadas de forma a possibilitar a identificação de padrões territoriais, setoriais e sociodemográficos. Os principais critérios de segmentação incluem:

- Fluxo de comércio: exportação e importação;
- Ano de referência:
 - » 2000 a 2024, para dados de comércio exterior;
 - » 2000 a 2024, para informações de empresas;
 - » 2008 a 2024, para informações de Pequenas e Médias Empresas (PMEs);
 - » 2008 a 2022, para dados do mercado de trabalho;
- Localização da empresa: unidade da federação, regiões brasileiras;
- Destino/origem das transações comerciais: agrupamentos geoeconômicos e principais países parceiros;

- Porte fiscal e natureza jurídica das empresas;
- Setor de atuação e Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE);
- Perfil dos sócios, com foco em gênero;
- Perfil dos trabalhadores, com foco em gênero, raça e remuneração.

Dados de comércio exterior

Os dados de comércio exterior utilizados foram fornecidos pela Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Esses dados são coletados por meio de declarações de importação e exportação, que são obrigatórias para todas as empresas que realizam essas operações. A partir desses dados, foi possível identificar as características das empresas que operam no comércio exterior brasileiro.

É considerado participante do comércio exterior qualquer empresa que tenha realizado pelo menos uma operação de exportação ou importação no período de análise (2000-2024). A unidade de agregação utilizada para fins estatísticos corresponde ao CNPJ de 8 dígitos, o que permite agregar filiais e matrizes sob uma mesma entidade. Apenas empresas mercantis foram incluídas, com exclusão de estatais, sociedades de economia mista e outras entidades não compatíveis com o setor privado. A base de dados não revela a identidade das empresas, mas apenas suas características gerais, como tamanho e localização por unidade da federação.

Dados de mercado de trabalho

As análises do emprego formal basearam-se nos registros da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) para os anos de 2008 a 2022 (último ano de dados disponibilizados para a SECEX no momento da elaboração deste documento). A RAIS permite a identificação da quantidade de empregos formais reportados pelas empresas declarantes e possibilita análises baseadas nas características dos empregados (gênero, raça, idade, nível educacional, remuneração, etc.).

As análises sobre remuneração, participação feminina e racial no emprego, bem como estrutura ocupacional, foram baseadas exclusivamente nos vínculos formais registrados na RAIS.

Dados sobre composição societária

As informações sobre a composição societária das empresas brasileiras foram extraídas da base da Receita Federal do Brasil (RFB), a partir dos dados cadastrais e quadros societários associados aos CNPJs ativos. Esta base permitiu identificar a proporção de mulheres entre os sócios de empresas e a existência de firmas com maioria feminina em sua estrutura societária.

Os nomes dos sócios (pessoa física) foram correlacionados com dados da classificação de gênero de nomes brasileiros, organizados e disponibilizados com base nos dados do Censo Demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Tal classificação indica a probabilidade de gênero para cada nome, de acordo com a frequência observada no Censo. Os nomes da base de sócios foram associados ao gênero de maior probabilidade. A base de dados utilizada no estudo não revela a identidade dos sócios.

Tratamento dos dados e cuidados metodológicos

Para garantir a consistência das análises relacionadas ao mercado de trabalho, foram adotados procedimentos específicos no tratamento das variáveis de emprego formal, remuneração e perfil sociodemográfico dos trabalhadores. Esses cuidados metodológicos são especialmente relevantes considerando a heterogeneidade dos vínculos trabalhistas e a complexidade da base da RAIS. Abaixo, detalhamos os principais procedimentos:

1. Empregos parciais e ponderação temporal

A base da RAIS registra a data de admissão e demissão de cada vínculo formal, permitindo estimar o número de meses efetivamente trabalhados por um empregado ao longo do ano-base. Para evitar superestimações do total de postos de trabalho em empresas exportadoras ou importadoras, não foi considerado cada vínculo como uma unidade inteira, mas sim ponderado de acordo com a proporção de meses trabalhados dentro do ano de referência.

Por exemplo, um vínculo de quatro meses foi contabilizado como 0,33 (quatro meses de doze), e não como um emprego completo.

2. Remuneração média

Como mencionado na subseção anterior, trabalhadores com vínculos inferiores a doze meses no ano recebem peso inferior a 1 nos cálculos realizados. No caso da remuneração média de uma empresa, considera-se a remuneração registrada na RAIS para cada trabalhador, ponderada pelo respectivo peso. Em outras palavras, as remunerações médias são calculadas como médias ponderadas, refletindo a duração do vínculo de cada trabalhador ao longo do ano.

3. Recorte de gênero e raça

As variáveis de gênero e raça/cor utilizadas neste estudo são provenientes de declarações voluntárias presentes na RAIS. Apesar de não serem campos obrigatórios, a cobertura desses dados é suficientemente ampla para permitir análises robustas e representativas.

Neste estudo, as análises de desigualdade de gênero focaram nas comparações entre mulheres e homens no campo de trabalho de comércio exterior, enquanto as análises de desigualdade racial focaram nas comparações entre trabalhadores brancos e trabalhadores negros no mesmo setor— sendo este último grupo formado pela soma das categorias “pre-

tos” e “pardos”, conforme recomendação do próprio IBGE e de organismos internacionais de combate à desigualdade racial.

Considerações éticas e de confidencialidade

Todos os dados utilizados neste estudo são oriundos de bases públicas e acessadas em conformidade com a legislação vigente. Os registros utilizados são anonimizados e não permitem a identificação individual de trabalhadores, sócios ou empresas. As análises foram conduzidas em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), especialmente no que diz respeito ao tratamento de dados sensíveis, como raça, gênero e remuneração.

Não foram realizadas inferências que pudessem atribuir características específicas a indivíduos ou firmas isoladas. Todos os resultados foram apresentados em agregações estatísticas que preservam a privacidade e a integridade dos dados e dos agentes econômicos analisados.

Referências Bibliográficas

AGÊNCIA PETROBRAS. **Petrobras reduz emissões absolutas operacionais em 41%**. Petrobras, 30 abr. 2024. Sustentabilidade. Disponível em: <https://agencia.petrobras.com.br/w/sustentabilidade/petrobras-reduz-emissoes-absolutas-operacionais-em-41->. Acesso em: 23 mai. 2025.

ARBACHE, Jorge. **O canto da sereia**. SSRN, 2011.

ARDENGHY, Roberto. A indústria de óleo e gás no Brasil é um enorme caso de sucesso. **Poder 360**. [s.l], 13 mar. 2024. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/opinioao/a-industria-de-oleo-e-gas-no-brasil-e-um-enorme-caso-de-sucesso/>. Acesso em: 23 mai. 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de Gestão das Reservas Internacionais**. v. 17. Brasília, DF: Departamento de Riscos Corporativos e Referências Operacionais, mar. 2025. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/content/publicacoes/relgestaoreservas/GESTAORESERVAS202503-relatorio_anual_reservas_internacionais_2025.pdf. Acesso em: 23 mai. 2025.

CEPEA; CNA. PIB do agronegócio: sumário executivo, 2º trimestre de 2023. Piracicaba: **Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA/Esalq/USP; Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA**, 2023.

Com alta recorde da Agropecuária, PIB fecha 2023 em 2,9%. Agência IBGE Notícias, 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39306-com-alta-recorde-da-agropecuaria-pib-fecha-2023-em-2-9>. Acesso em: 23 mai. 2025.

Com recorde no quarto trimestre, exportações do agronegócio gaúcho somam US\$ 15,8 bilhões em 2024. Rio Grande do Sul. Secretaria da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação, 2024. Disponível em: <https://www.agricultura.rs.gov.br/com-recorde-no-quarto-trimestre-exportacoes-do-agronegocio-gaucha-somam-us-15-8-bilhoes-em-2024#:~:text=As%20vendas%20para%20o%20exterior,US%24%2015%2C8%20bilh%C3%B5es>. Acesso em: 23 jun. 2025.

CONNOLLY, Laura. **The effects of a trade shock on gender-specific labor market outcomes in Brazil**. Labour Economics, Elsevier, v. 74, 2022.

EMBRAPA; SP VENTURES; HOMO LUDENS. **Radar Agtech Brasil 2020/2021**: mapeamento das startups do setor agro brasileiro. Brasília, DF: Embrapa; São Paulo: SP Ventures; Homo Ludens, 2021. 76 p. Disponível em: <https://radaragtech.com.br/wp-content/uploads/2021/05/Radar-Agtech-Brasil-2020-2021-Embrapa-SP-Ventures-Homo-Ludens-Relatorio-Final.pdf>

Exportações da Foz do Itajaí somaram US\$ 5,51 bilhões em 2024. Reconecta News, 2025. Disponível em: <https://reconectanews.com.br/tag/foz-do-itajai/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

Exportações de produtos de outros estados pelo Porto de Paranaguá crescem 70 %. Portos do Paraná, Curitiba, 27 set. 2024. Disponível em: <https://www.portosdoparana.pr.gov.br/Noticia/Exportacoes-de-produtos-de-outros-estados-pelo-Porto-de-Paranagua-crescem-70>. Acesso em: 15 ago. 2025.

Exportações do Porto de São Francisco do Sul somam US\$ 8,1 bilhões em 2024. Porto São Francisco, 2025. Disponível em: <https://portosaofrancisco.com.br/saiba-mais/id/329>. Acesso em: 23 jun. 2025.

FILHO, José Eustáquio R. V. **Expansão Da Fronteira Agrícola No Brasil: Desafios e Perspectivas.** Texto para Discussão, n. 2223. Rio de Janeiro: IPEA, 2016.

FONSECA, Carlos Renato da et al. **Iniciativa Cinturão e Rota na América Latina: perspectiva geoeconômica.** Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, nov. 2022.

HIRATUKA, Celio. **Relações econômicas entre Brasil e China nas duas primeiras décadas do século XXI: uma perspectiva a partir dos desafios contemporâneos para a reindustrialização brasileira.** v. 33, n. 3. Campinas, SP: Unicamp, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/fYZQv7YX4QzqNwV8VZqtqWL/?lang=pt>. Acesso em: 23 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA): séries históricas.** Rio de Janeiro: IBGE, [2025]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/precos-e-custos/9256-indice-nacional-de-precos-ao-consumidor-amplo.html?=&t=series-historicas>. Acesso em: 23 mai. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PETRÓLEO E GÁS (IBP). **O impacto da diversidade de gênero no setor de óleo e gás.** IBP, mar. 2025. Disponível em: <https://www.ibp.org.br/noticias/o-impacto-da-diversidade-de-genero-no-setor-de-oleo-e-gas/>. Acesso em: 23 mai. 2025.

INSTITUTO ETHOS. Perfil Social, Racial e de Gênero das 1.100 Maiores Empresas do Brasil e suas Ações Afirmativas – 2023-2024. São Paulo: Instituto Ethos, 2024. Disponível em: <https://www.ethos.org.br/equidade-de-genero-e-raca-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 23 mai. 2025.

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL (IEDI). **Carta IEDI n. 1219: Exportações brasileiras: o desempenho regional em 2022.** São Paulo: IEDI, 2023.

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL (IEDI). **O efeito China no aumento das importações brasileiras.** Carta IEDI n. 1297, 03 jan. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Ipea). **Inserção internacional como vetor da recuperação econômica: comércio exterior, investimentos, financiamento e atuação internacional.** Brasília, DF: Ipea, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10131/1/InsercaoInternVetRecupEcon.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2025.

IPEADATA. Salário mínimo vigente (MTE12_SALMIN12). Brasília: Ministério da Economia, 2025. Disponível em: <https://www.ipeadata.gov.br/ExibeSerie.aspx?serid=1739471028>. Acesso em 23 de mai. 2025.

LANDGRAF, Lebna. **Brasil lidera e é referência no desenvolvimento de tecnologias sustentáveis para produção de soja.** Embrapa. Londrina, PR: 3 jul. 2023. Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/81613580/brasil-e-referencia-no-desenvolvimento-de-tecnologias-sustentaveis-para-producao-de-soja>. Acesso em: 23 mai. 2025.

LEÃO, Rafael; RABELO, Rodrigo. **A Extensão Da Cadeia Produtiva Da Economia Mineral No PIB Brasileiro.** Texto para Discussão, n. 2950. Rio de Janeiro: IPEA, dez. 2023.

Mais escolarizadas, mulheres têm menor participação no mercado de trabalho e recebem 21% menos que homens, diz IBGE. CNN Brasil, mar. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/apesar-de-maior-escolarizacao-mulheres-tem-menores-rendimentos-e-participacao-no-mercado-de-trabalho-diz-ibge/>. Acesso em: 23 mai. 2025.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Visão 2030: O Futuro da Agricultura Brasileira.** Brasília, DF: Embrapa, 2018.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS. **Comércio Exterior E Representatividade Racial No Mercado De Trabalho Brasileiro.** Secretaria de Comércio Exterior, nov. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mdic/pt-br/assuntos/comercio-exterior/estatisticas/outras-estatisticas-de-comercio-exterior-1/comercio_exterior_representatividade_racial_2024.pdf. Acesso em: 23 de mai. 2025.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS. **Mulheres no Comércio Exterior: Uma Análise para o Brasil.** Secretaria de Comércio Exterior, abr. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mdic/pt-br/assuntos/comercio-exterior/estatisticas/outras-estatisticas-de-comercio-exterior-1/mulheres_comercio_exterior_uma_analise_para_o_brasil.pdf. Acesso em: 23 de mai. 2025.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS. **Mulheres no Comércio Exterior: Uma Análise para o Brasil.** 2. ed. Secretaria de Comércio Exterior, mar. 2025. Disponível em: https://www.gov.br/mdic/pt-br/assuntos/comercio-exterior/estatisticas/outras-estatisticas-de-comercio-exterior-1/Mulheres_comercio_exterior_segunda_edicao.pdf. Acesso em: 23 de mai. 2025.

MORAIS, José Mauro de; OLIVEIRA, João Maria de. **O Setor De Petróleo No Brasil E Os Impactos Do Projeto De Lei No 3.178/2019 No Pré-Sal.** Nota Técnica n. 98. Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura. Brasília, DF: IPEA, jun. 2022.

MOVIMENTO ECONÔMICO. **Pecém inicia nova rota marítima e amplia conexão entre Nordeste e Ásia.** 9 abr. 2025.

MULHERES E JOVENS NO AGRONEGÓCIO: O que esperar da participação feminina e da nova geração no setor. **Deloitte.** Disponível em: <https://www.deloitte.com/br/pt/Industries/consumer/research/mulheres-jovens-agronegocio-deloitte.html>. Acesso em: 08 jul. 2025.

Norte e Centro-Oeste têm o maior crescimento percentual de empresas exportadoras em 2023. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Disponível em: <https://www.gov.br/mdic/pt-br/assuntos/noticias/2024/abril/norte-e-centro-oeste-tem-o-maior-crescimento-percentual-de-empresas-exportadoras-em-2023> . Acesso em: 23 mai. 2025.

PANZINI, Fabrizio. **Exportações dos Estados brasileiros para a China: cenário atual e perspectivas para diversificação**. Rio de Janeiro: Conselho Empresarial Brasil-China – CEBC, 2023.

PAZ, Lourenço. **The effects of chinese imports on female workers in the brazilian manufacturing sector**. The Journal of Development Studies, Taylor & Francis, v. 57, n. 5, p. 807–823, 2021.

Pecém inicia nova rota marítima e amplia conexão entre Nordeste e Ásia. Movimento Econômico, 9 abr. 2025. Disponível em: <https://movimentoeconomico.com.br/geral/redacao/2025/04/09/pecem-inicia-nova-rota-maritima-e-amplia-conexao-entre-nordeste-e-asia/#:~:text=O%20Porto%20do%20Pec%C3%A9m%2C%20em,e%20de%20forma%20mais%20competitiva>. Acesso em: 15 ago. 2025.

Porto de Paranaguá inaugura rota direta com a China, representando um marco no comércio internacional. JB Litoral, 2024. Disponível em: <https://jblitoral.com.br/portos/porto-de-paranagua-inaugura-rota-direta-com-a-china-representando-um-marco-no-comercio-internacional/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SCHMITZ, Bárbara. **Equidade de gênero: uma luta que precisa ser maior do que as mulheres**. Belo Horizonte: Women In Mining Brasil, jul. 2024. Disponível em: <https://www.wimbrasil.org/equidade-de-genero-uma-luta-que-precisa-ser-maior-do-que-as-mulheres/>. Acesso em: 23 mai. 2025.

SZWARCWALD, Mônica; COLARES, Erick; BERNI, Tiago. **Mulheres na mineração: a diversidade ganhando quilate**. McKinsey&Company, mar. 2024. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/br/our-insights/all-insights/mulheres-na-mineracao-a-diversidade-ganhando-quilate>. Acesso em: 23 mai. 2025.

Vale exhibe soluções de descarbonização para a indústria siderúrgica na ExpoAço 2024. Vale, 5 ago. 2024. Energia e Siderurgia, Meio Ambiente. Disponível em: <https://vale.com/pt/w/vale-exibe-solucoes-de-descarbonizacao-para-a-industria-siderurgica-na-expoaco-2024>. Acesso em: 23 mai. 2025.

ASSOCIADOS DA SEÇÃO BRASILEIRA DO CIBC



© 2025 Conselho Empresarial Brasil-China.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio sem permissão por escrito do CEBC.

Para mais informações:

CEBC - Seção Brasileira

Praça Floriano, 19, sala 2301, Centro,

Rio de Janeiro – RJ | CEP 20031-050

Tel.: +55 21 3212-4350

cebc@cebc.org.br

www.cebc.org.br

Projeto gráfico: Presto Design



Praça Floriano, 19, sala 2301, Centro,
Rio de Janeiro - RJ | CEP 20031-050

Tel.: +55 21 3212-4350
cebc@cebc.org.br

www.cebc.org.br